

IN C.S. LEWIS
RAZÃO DO
CRISTIANISMO



A RAZÃO DO CRISTIANISMO

14 de Agosto
1934

no Prazado
irmão José Maria
26 de agosto

A RAZÃO DO CRISTIANISMO

Com Fraternidade

Pentecoste
de 1934

2 vis

C. S. LEWIS

A RAZÃO DO CRISTIANISMO

Tradução de
GABRIEL MARTINS

EDIÇÕES VIDA NOVA SOC. LTDA.
Rua São Bento, 231 — 1.º A. — S/3-4-5
Caixa Postal, 3.101, 6.617
São Paulo — Brasil
1964

Tradução da Edição de 1964: Gabriel Martins.
Revisão e atualização: João Valente de Miranda Leão Neto.

Observações importantes:

1a-) Esta revisão atualizou a língua portuguesa para a nova ortografia, mas manteve tremas, acentos e outros caracteres do português próprio do Brasil, procurando diminuir a quantidade de alterações aplicadas à tradução original de 1964.

2a-) Todos os colchetes que aparecem no texto trazendo sinônimos, adendos ou comentários de enriquecimento do assunto em questão, são de responsabilidade da EAT (www.e-a-t.info).

3a-) Todos os grifos em negrito e alguns itálicos são de responsabilidade do revisor.

4a-) Todas as Notas de Rodapé, a exceção da primeira e da original acerca da Evolução, são de responsabilidade da EAT.

ÍNDICE

Capítulos	Títulos dos Capítulos da versão “A Razão do Cristianismo” de 1964.	Páginas
	Prefácio.....	9
Livro I	O certo e o errado como chaves para o sentido do universo	13
I	A LEI DA NATUREZA HUMANA	13
II	ALGUMAS OBJEÇÕES	15
III	A OBJETIVIDADE DA LEI	17
IV	O QUE ESTÁ POR TRÁS DA LEI	19
V	DESFAZENDO UM EQUÍVOCO	22
Livro II	O que crêem os cristãos	24
I	AS CONCEPÇÕES RIVAIS DE DEUS	24
II	A INVASÃO	25
III	A OPÇÃO DECISIVA	28
IV	O PERFEITO PENITENTE	30
V	A CONCLUSÃO PRÁTICA	33
Livro III	Conduta cristã	36
I	AS TRÊS PARTES DA MORAL	36
II	AS "VIRTUDES CARDEAIS"	38
III	A MORAL SOCIAL	40
IV	MORAL E PSICANÁLISE	43
V	MORAL SEXUAL	45
VI	O MATRIMÔNIO CRISTÃO	48
VII	O PERDÃO	53
VIII	O GRANDE PECADO	55
IX	A CARIDADE	58
X	A ESPERANÇA	60
XI	A FÉ	61
XII	A FÉ	63

Livro IV	Para além da personalidade, ou os primeiros passos na doutrina da trindade	66
I	FAZER E GERAR	66
II	O DEUS TRIPESSOAL	68
III	O TEMPO E PARA ALÉM DO TEMPO	71
IV	O BOM CONTÁGIO	73
V	OS OBSTINADOS SOLDADINHOS DE CHUMBO	75
VI	DUAS OBSERVAÇÕES	76
VII	FAÇAMOS DE CONTA	78
VIII	É O CRISTIANISMO UMA COUSA FÁCIL OU DIFÍCIL?	81
IX	CALCULANDO O CUSTO [O Deus dentista]	83
X	BOA GENTE OU HOMENS NOVOS?	85
XI	OS NOVOS HOMENS	89

A RAZÃO DO CRISTIANISMO

PREFÁCIO

A matéria deste livro foi primeiro irradiada, e depois publicada em três partes separadamente, com os títulos *Palestras Radiofônicas* (1942), *Comportamento Cristão* (1943), e *Além da Personalidade* (1944). Nas versões impressas fiz alguns acréscimos ao que havia dito ao microfone, mas em compensação deixei o texto quase como estava. Uma palestra no rádio deveria ser, penso eu, tão semelhante a uma conversação quanto possível, e não parecer um ensaio que se está lendo em voz alta. Usara, por isso, nas minhas palestras, todas as contrações e expressões coloquiais que costumo usar numa conversa. Na versão impressa conservei esta forma, e onde quer que, nas minhas palestras, tornara clara a importância de uma palavra pela entonação da voz, imprimi-a em itálico. Inclino-me agora a pensar que isto foi um erro – um indesejável hibridismo entre a arte de falar e a arte de escrever. Um orador deve empregar variações na voz para dar ênfase, porque os seus meios conduzem-no naturalmente a este método; mas um escritor não deve usar itálicos para o mesmo fim. Ele tem os seus próprios meios, diferentes, de ressaltar as palavras-chaves e os deve empregar. Nesta edição deixei de usar as contrações e substituí a maior parte dos itálicos por um remanejamento das sentenças nas quais ocorrem, mas sem modificar, assim o espero, o tom "popular" ou "familiar" que propus guardar do princípio ao fim. Ademais, acrescentei e suprimi onde quer que entendi compreender melhor agora o tema do que há dez anos, ou onde verifiquei ter sido a versão original mal compreendida pelos outros.

Convém advertir o leitor de que não é meu propósito trazer auxílio a quem quer que hesite entre duas "denominações" cristãs. **Não aprenderá de mim se deve fazer-se anglicano, católico-romano, metodista ou presbiteriano. Esta omissão é intencional (mesmo na lista que acabo de dar a ordem é alfabética).** Não há mistério sobre a minha própria posição. Sou um leigo inteiramente comum da Igreja da Inglaterra, nem particularmente da ala "alta" (ritualista) nem particularmente da "baixa", nem particularmente com qualquer outra qualificação. Mas neste livro não tento converter ninguém à minha própria posição. Desde que me tornei um cristão, tenho sempre pensado que o melhor e talvez o único serviço que eu podia prestar aos meus amigos incrédulos seria expor e defender a fé que tem sido comum a quase todos os cristãos em todos os tempos. Tinha mais de uma razão para pensar assim.

Em primeiro lugar, as questões que dividem os cristãos uns dos outros envolvem muitas vezes pontos de alta teologia ou mesmo de história eclesiástica, que nunca deveriam ser tratados senão por verdadeiros especialistas. Eu perderia o pé em tais águas: mais necessitado eu mesmo de ajuda do que apto a trazê-la aos outros. Em segundo lugar, creio que se deve admitir que a discussão destes pontos controversos não é absolutamente destinada a conduzir um não-cristão ao aprisco do Cristianismo. Por todo o tempo que escrevamos e falemos sobre estas questões, estaremos contribuindo muito mais para impedi-lo de entrar em qualquer das comunidades cristãs do que para atraí-lo à nossa. As nossas divisões nunca deveriam ser discutidas senão em presença daqueles que já chegaram a crer que há um Deus e que Jesus Cristo é o seu único Filho. Finalmente, fiquei com a impressão de que muito maior número de autores, e mais talentosos, já havia se dedicado a tais matérias disputadas do que à defesa do que Baxter chama de "mero" Cristianismo. A parte da linha em que julguei poder servir melhor era também a parte que parecia ser a mais frágil. E a ela naturalmente vim ter.

São estas, tanto quanto eu posso julgar, as minhas únicas razões, e ficaria muito contente se não se forjassem inferências fantasiosas do meu silêncio a respeito de certas matérias disputadas.

Tal silêncio, por exemplo, em nada significa que eu mesmo esteja hesitante. Algumas vezes, contudo, estou. Há questões em debate, entre os cristãos, para as quais não penso que se tenha dado uma resposta. Há algumas perguntas cuja resposta nunca nos será dado conhecer: se as fizéssemos, mesmo num mundo melhor, poderia (ao que eu saiba) receber uma resposta como a que recebeu um outro incomparavelmente maior questionador: "Que te importa? Quanto a ti, segue-me." Mas há outras questões a respeito das quais já me decidi definitivamente e não obstante nada digo. Não escrevi, com efeito, para expor o que poderia chamar de "minha religião", mas para expor o "mero" Cristianismo, que é o que é e o que era muito antes de eu ter nascido, quer me agrade ou não.

Algumas pessoas tiram conclusões injustificadas do fato de que nunca falo mais acerca da Virgem Maria do que está implicado na afirmação do virginal nascimento de Cristo. Mas não é evidente a razão por que não falo mais? Fazê-lo levar-me-ia imediatamente a regiões de altas controvérsias. E não há controvérsia entre os cristãos que necessite ser tão delicadamente tratada como esta. As crenças católico-romanas, neste assunto, são mantidas não somente com o fervor comum que se prende a toda crença religiosa sincera, mas (muito naturalmente) com a peculiar e, por assim dizer, cavalheiresca sensibilidade que um homem sente quando a honra da sua mãe ou da sua amada está em jogo. É assim muito difícil de se discordar deles sem que a gente não se lhes afigure um grosseirão tanto quanto um herético. Do lado contrário, as asserções opostas dos protestantes sobre este assunto suscitam sentimentos que mergulham nas profundas raízes do monoteísmo [inquisitório].

Aos protestantes radicais parece que a distinção entre Criador e criatura (por mais santa que esta seja) periclita, que o politeísmo renasce. Daí ser difícil discordar deles sem que a gente não se lhes afigure uma coisa pior do que um herético – um pagão. Se em algum tópico se pudesse confiar para fazer fracassar um livro sobre o "mero" Cristianismo, se algum tópico torna uma leitura completamente inútil para aqueles que ainda não crêem que **o filho da Virgem é Deus** – certamente é este.

Cousa singular, não se pode mesmo concluir do meu silêncio sobre pontos controvertidos que eu os considere importantes ou que os considere irrelevantes. Este é, em verdade, um dos pontos controvertidos. Uma das coisas sobre as quais os cristãos estão em desacordo é a importância dos seus desacordos. Quando dois cristãos de diferentes denominações começam a discutir, não levam muito tempo, de ordinário, para que um pergunte se tal e tal ponto é "realmente importante", e o outro responda: "Importante? Ora, é absolutamente essencial".

Tudo isto foi dito para que fique claro que espécie de livro tentei escrever. De modo algum para me esconder ou fugir à responsabilidade de minhas crenças pessoais. Sobre estas, como disse antes, não há segredo. Para citar o Tio Toby: "Elas estão escritas no *Livro Comum de Orações*" (da Igreja da Inglaterra).

O perigo estava claramente em que eu declarasse, como Cristianismo comum, algo que fosse peculiar à Igreja da Inglaterra ou (pior ainda), a mim mesmo. Procurei evitar este escolho, enviando a redação original do que é hoje o Livro II a quatro eclesiásticos (anglicano, metodista, presbiteriano, católico-romano), pedindo a opinião deles.

O metodista achou que eu não tinha dito o bastante sobre a Fé; e o católico-romano achou que eu tinha exagerado um pouco a relativa irrelevância das teorias na explicação da Redenção. Quanto ao resto, todos os cinco estávamos de acordo. Os demais livros não foram semelhantemente examinados, porque neles, embora possam surgir diferenças entre os cristãos, estas seriam diferenças entre indivíduos ou correntes de pensamento, não entre denominações.

Tanto quanto eu posso julgar pelas [pelos comentários nas] revistas e o grande número de cartas que me foram dirigidas, o livro, conquanto deficiente sob outros respeitos, alcançou ao menos seu objetivo de apresentar um consenso, um ponto comum, ou central, ou um "mero" Cristianismo. Desse modo, terá talvez alguma utilidade para fazer calar a opinião de que, se omitirmos os pontos disputados, teremos deixado apenas um vago e frágil máximo divisor comum. Acontece que o máximo divisor comum vem a ser algo não apenas positivo, mas pungente, separado de todas as crenças não-cristãs por um abismo com o qual as piores divisões dentro da cristandade não são de modo algum comparáveis. Se não ajudei diretamente a causa da união, uma coisa talvez deixei clara: a razão pela qual devemos nos unir. A verdade é que pouco tenho encontrado do lendário *odium theologicum* por parte de membros convencidos de comunidades diferentes da minha. A hostilidade veio mais de gente marginal, seja de dentro ou de fora da Igreja da Inglaterra: homens não rigorosamente obedientes a qualquer comunhão. Nisso encontro singular consolo. É no seu centro, onde se acham seus filhos mais verdadeiros, que cada comunhão está realmente mais próxima uma da outra em espírito, senão em doutrina. **E isto sugere que, no centro de cada uma, há qualquer coisa, ou Alguém que, contra todas as divergências de crença, todas as diferenças de temperamento, todas as recordações de mútua perseguição, fala com a mesma voz...**

Isto basta para as minhas omissões em matéria de doutrina. No Livro III, que trata de moral, passei também em silêncio algumas cousas, mas por uma razão diferente. Desde que servi como soldado de infantaria na primeira guerra mundial, tive sempre em grande antipatia as pessoas que, estando elas mesmas à vontade e em segurança, publicam exortações aos homens na linha de combate. Em consequência disto, sinto relutância em talar muito de tentações às quais eu mesmo não estou exposto. Nenhum homem, segundo suponho, é tentado a toda qualidade de pecado. Assim é que ficou fora da minha estrutura o impulso que leva certos homens aos jogos de azar; e, sem dúvida, em troca disto, faz-lhes falta algum bom impulso de que aquele é o excesso ou a perversão.

Não me senti, por isso, habilitado para dar parecer sobre jogos admissíveis e inadmissíveis, se é que há algum admissível, pois não pretendo sequer saber isso. Nada disse também sobre controle da natalidade. Não sou mulher, nem mesmo um homem casado, nem sacerdote. Não julguei que fosse meu papel tomar uma firme posição sobre dores, perigos e gastos dos quais estou protegido, não tendo um ofício pastoral que me obrigasse a tomá-la.

Objeções muito mais profundas se podem apresentar, e foram expressas, contra o meu uso do termo *cristão* para significar “alguém que aceita as doutrinas centrais do Cristianismo”. Pergunta-se: “Quem és para determinar aquele que é e aquele que não é um cristão?”; ou: “Não poderiam muitos homens, que não podem crer nestas doutrinas, ser muito mais verdadeiramente cristãos, estar muito mais próximos ao espírito de Cristo, do que alguns que crêem?”. Ora, esta objeção é, num sentido, muito certa, muito caridosa, muito espiritual, muito humana. Tem todas as qualidades amáveis, exceto a de ser útil. Simplesmente não podemos, sem desastre, fazer uso da linguagem como estes opositores querem que façamos. Procurarei tornar isto claro pela história de uma outra, e muitíssimo menos importante, palavra.

A palavra *gentleman* originalmente significou algo reconhecível: aquele que tinha um escudo de armas e alguma propriedade territorial. Quando se chamava alguém de um “gentleman”, não se lhe fazia um cumprimento, mas simplesmente se consignava um fato. Se se dissesse que ele não era um “gentleman”, não era um insulto. Era uma informação. Não havia contradição em dizer que João era um mentiroso e um “gentleman”, não mais do que há agora em dizer que “Jaime é um louco e um doutor”. Mas então lá veio quem dissesse, muito certa, caridosa, espiritual, humanamente – qualquer coisa, menos proveitosamente –: “Ah, mas não acha que o *que* importa acerca de um “gentleman” não é o brasão de armas e as terras, senão o comportamento? Não é verdade que o verdadeiro “gentleman” é aquele que se comporta como um “gentleman” deve se comportar? Não é verdade que, nesse sentido, Eduardo é muito mais verdadeiramente um “gentleman” do que João?”

A intenção era boa. Ser honrado, e cortês, e valente é, sem dúvida, uma coisa muito melhor do que ter um escudo de armas. Mas não é a mesma coisa. Pior ainda, não é uma coisa sobre a qual todos concordem. Chamar um homem de “gentleman”, neste sentido novo e refinado, vem a ser, de fato, não um meio de dar informação sobre essa pessoa, mas um meio de louvá-lo. Negar que ele é um “gentleman” vem a ser simplesmente um meio de insultá-lo. Quando uma palavra deixa de ser um termo de descrição e passa a ser simplesmente um termo de louvor, ela já não refere fatos sobre o objeto, mas informa sobre a atitude de quem fala, relativamente ao objeto (uma “bela” refeição significa apenas uma refeição de que alguém gosta). Um *gentleman*, espiritualizado e refinado além do seu velho, comum e objetivo sentido, dificilmente significa mais do que um homem de quem gostamos e do qual falamos. Em consequência disto, *gentleman* é agora uma palavra inútil. Tínhamos já uma quantidade de termos de aprovação [e louvor a alguém], de modo que tal palavra não era necessária para este fim; por outro lado, se alguém (por exemplo, numa obra histórica) precisa usá-lo no seu velho sentido, não o pode fazer sem dar explicações. Foi inutilizado para esse propósito.

Pois bem, se permitirmos que se comece a espiritualizar e a requintar, ou, como poderiam dizer, a “aprofundar” o sentido da palavra *cristão*, esta também passará rapidamente a ser uma palavra inútil. Em primeiro lugar, os próprios cristãos nunca a poderão aplicá-la a ninguém. Dizer quem, no mais profundo sentido, está ou não unido ao espírito de Cristo, não nos compete. Não vemos o coração dos homens. Não podemos julgar. **Estamos, com efeito, proibidos de julgar.** Seria, para nós, perversa arrogância dizer se alguém é ou não cristão neste sentido profundo. E, obviamente, uma palavra que nunca podemos aplicar, não está destinada a ser uma palavra muito útil. Quanto aos

descrentes, usarão sem dúvida com regozijo a palavra em seu sentido refinado. Ela tornar-se-á em suas bocas simplesmente um termo de louvor. Chamando a quem quer que seja de cristão, quererão dizer que o julgam um bom homem. Mas este modo de empregar a palavra não será um enriquecimento da linguagem, porque já temos a palavra *bom*. Entrementes, a palavra *cristão* terá sido inutilizada [para sempre, ou] para qualquer propósito realmente útil a que poderia ter servido.

Devemos, por isso, apegar-nos ao sentido original e óbvio. O nome de *cristãos* foi dado pela primeira vez em Antioquia (At. 11:26), aos "discípulos", àqueles que aceitavam o ensinamento dos apóstolos. Não há menção de que se pensasse restringir a sua aplicação àqueles que progrediam por este ensinamento tanto quanto deveriam. Não há menção de que se pensasse estender a sua aplicação àqueles que, de algum modo refinado, espiritual e interior, estivessem "muito mais unidos ao espírito de Cristo" do que os menos consagrados entre os discípulos. O problema não é teológico ou moral. É apenas uma questão de usar as palavras de modo que todos possamos entender o que se quer dizer. Quando um homem, que aceita a doutrina cristã, vive de um modo indigno dela, é muito mais claro dizer que é um mau cristão do que dizer que não é cristão.

Espero que nenhum leitor suponha que o "mero" Cristianismo que proponho aqui seja uma alternativa aos credos existentes, como se alguém pudesse adotá-lo em preferência ao congregacionismo, à ortodoxia grega ou a qualquer outra coisa. É mais como um "hall" cujas portas se abrem para vários cômodos. Se eu conseguir trazer alguém a este "hall", terei feito o que pretendi. Mas é nos cômodos, e não no "hall", que se encontra aquecimento [ambiente climatizado], assentos e refeições. O "hall" é um lugar de espera, um lugar de onde se experimentam as várias portas: não um lugar para se viver. Para este fim, o pior dos cômodos (seja ele qual for) é, penso eu, preferível. É verdade que algumas pessoas podem achar que têm de esperar no "hall" por um tempo considerável, enquanto outras se sentem quase imediatamente seguras na porta em que bateram. Não sei por que existe esta diferença, mas estou certo de que Deus não deixa ninguém a esperar [por muito tempo], a não ser que veja que a espera será necessária. Quando entrares no teu quarto, acharás que a longa espera foi de algum proveito, que de outro modo não terias obtido [aquele bem]. Mas debes considerar este estágio como uma espera, não como um acampamento.

Deves continuar orando, pedindo luz e, naturalmente, mesmo no "hall", debes começar a experimentar obedecer às regras que são comuns a toda a casa. E, acima de tudo, é preciso que perguntes qual porta é a verdadeira; não a que mais te agrada por sua pintura e beleza. Em linguagem franca, o problema nunca deveria ser: "Gosto dessa espécie de liturgia?", mas: **"São verdadeiras estas doutrinas? Há santidade aqui?"** Move-me a consciência para esta? A minha relutância em bater nesta porta é devida ao meu orgulho, ou ao meu simples gosto, ou à minha pessoal aversão por este porteiro em particular?"

Quando tiveres alcançado o teu próprio quarto, sê cortês para com aqueles que escolheram portas diferentes e para com aqueles que ainda estão no "hall". Se estão errados, precisam de tuas orações muito mais; e se são teus inimigos, então estás obrigado a orar por eles. Esta é uma das regras comuns a toda a casa.

LIVRO I

O CERTO E O ERRADO COMO CHAVES PARA O SENTIDO DO UNIVERSO

....

I – A LEI DA NATUREZA HUMANA

Todos temos visto outras pessoas discutindo. Algumas vezes isto parece engraçado e outras simplesmente desagradável; mas, de qualquer modo que isto nos pareça, julgo que podemos aprender algo verdadeiramente importante, escutando a sorte de cousas que se dizem. Dizem-se cousas assim:

"Como te pareceria isto, se alguém te fizesse o mesmo?"; "Esse é o meu lugar, eu cheguei aí primeiro"; "Deixa-o em paz, não te está fazendo mal algum"; "Por que haverias de entrar primeiro?"; "Dá-me um pedaço da tua laranja, eu te dei um pedaço da minha"; "Vem, tu o prometeste". A gente fala cousas assim todos os dias, tanto as pessoas educadas como as rudes, [tanto] as crianças como os adultos.

Ora, o que me interessa a respeito de todas estas observações é que quem as faz não está simplesmente dizendo que o comportamento do próximo não lhe agrada. Ele está fazendo apelo a algum padrão de comportamento que espera seja seguido pelo seu próximo. E este muito raramente replica: "Para o inferno com seu padrão de comportamento". Quase sempre ele procura provar que o que esteve fazendo realmente não foi contra o padrão, ou que, se o era, há algum motivo especial. Pretende que há, neste caso particular, alguma especial razão, graças à qual a pessoa que tomou primeiro o assento não o deva guardar, ou que as cousas eram completamente diferentes quando recebeu o pedaço de laranja, ou que algo sobreveio que o liberta do prometido. Isto parece, de fato, claramente como se ambos os contendores tivessem presente uma espécie de lei ou regra de lealdade, ou comportamento honesto, ou moralidade, ou como quer que te agrade chamar, a respeito do que estão realmente de acordo. E eles a têm presente. Se não a tivessem, poderiam, sem dúvida, combater como animais, mas não "discutir" no sentido humano [racional] da palavra. Discutir significa procurar mostrar que a outra pessoa está errada. E não haveria sentido em o procurar fazer se uma e outra parte não concordassem em algo que se relaciona com o certo e o errado; precisamente como não haveria sentido em dizer que um jogador de futebol cometeu uma falta, a não ser que haja um acordo sobre as regras do futebol.

Ora, esta lei ou regra acerca do certo e do errado costumava ser chamada de "lei natural". Hoje em dia, quando se fala de "leis naturais", pensa-se geralmente em cousas como a gravitação, ou a hereditariedade, ou as leis da química. Mas quando os antigos pensadores chamavam à lei do justo e do injusto "lei natural", pensavam realmente na lei da natureza humana. A idéia era a de que, assim como todos os corpos são regidos pela lei da gravitação e os organismos pelas leis biológicas, assim a criatura chamada *Homem* tinha também a sua lei, mas com esta grande diferença: que, enquanto um corpo não poderia escolher entre obedecer e não obedecer à lei da gravitação, um homem pode escolher entre obedecer à lei da natureza humana e a ela desobedecer.

Pode-se exprimir isto de outro modo. Cada homem está sujeito em todos os momentos a vários grupos diferentes de lei, mas somente a um destes ele pode desobedecer. Como corpo [ou] na qualidade de corpo, o homem está sujeito à gravitação e a ela não pode desobedecer; se o deixarmos sem apoio, no ar, não será mais livre de cair do que seria uma pedra [ou estará tão sujeito a cair quanto uma pedra solta no ar]. Como organismo [ou] na qualidade de organismo, o homem está sujeito a várias leis biológicas, às quais não pode desobedecer, tal como um animal. Isto quer dizer que ele não pode furtar-se às leis que ele partilha com as outras cousas; mas a lei que é peculiar à sua natureza humana, a lei que ele não partilha com os animais, ou com os vegetais, ou com os seres inorgânicos, esta é a que ele pode desobedecer, se assim escolher.

Esta lei era chamada de *a lei natural*, porque se pensava que todos a conheciam por natureza e não necessitavam de ser ensinados a seu respeito. Não pretendiam [dizer], naturalmente, que não se pudesse encontrar aqui e ali um indivíduo singular que a não conhecesse, tal como existem alguns indivíduos daltônicos e outros que não têm ouvido para música. Mas, considerando a espécie como um todo, pensava-se que a idéia humana de um comportamento honesto era clara para qualquer um. E eu creio que se tinha razão. Se não fosse assim, todas as cousas que se disseram sobre a guerra não teriam sentido. Que sentido haveria em dizer que o inimigo estava sem a razão, se o Direito não é uma coisa real, que os nazistas no fundo conheciam tão bem quanto nós e deviam ter seguido? Se não tivessem tido uma noção do que se entende por direito, então, embora ainda os tivéssemos de combater, não os poderíamos ter censurado por isto mais do que pela cor dos seus cabelos.

Eu sei que alguns acham que a idéia de uma lei natural, ou comportamento honesto, conhecida de todos os homens, é inverossímil, porque as diferentes civilizações e épocas [as culturas] tiveram moralidades completamente diferentes.

Mas isto não é verdade. Tem havido diferenças entre as várias moralidades, mas essas diferenças nunca chegaram ao ponto de uma total diversidade.

Se alguém se der ao trabalho de comparar a doutrina moral, digamos, dos antigos egípcios, babilônios, hindus, chineses, gregos e romanos, o que realmente lhe chamará a atenção será como são semelhantes uns aos outros e a nós mesmos. Reuni algumas provas desta verdade em apêndice a **um outro livro [meu] intitulado *The Abolition of Man***; mas, para o nosso presente propósito, basta-me pedir apenas ao leitor que pense no que seria uma moralidade totalmente diferente. Pense num país onde se admirassem as pessoas por fugirem do campo de batalha, ou onde um homem se vangloriasse por ter enganado a todas as pessoas que lhe prestaram favores. Teria tanto sentido quanto imaginar um país onde dois e dois fossem cinco. Os homens têm divergido quanto às pessoas com relação às quais se deve ser altruísta, se é somente à própria família, ou também aos seus compatriotas, ou a qualquer pessoa. Mas sempre se concordou em que alguém não deve se antepor a todos. O egoísmo nunca foi admirado. Os homens divergiram quanto ao número de mulheres que um podia ter, se era uma ou quatro. Mas sempre concordaram que não se pode ter simplesmente qualquer mulher que os agrade.

Eis, porém, a coisa mais extraordinária. Sempre que encontrarmos um homem que diga que não acredita num justo e injusto objetivos, vê-lo-emos contradizendo-se um momento depois. Ele pode quebrar uma promessa que fez; mas, se tentarem quebrar uma que lhe foi feita, estará num instante a queixar-se: "Isto não é justo". Uma nação pode dizer que os tratados não importam; mas, então, logo mais, põe a causa a perder, dizendo que o tratado que, em particular, ela quer romper, era um tratado iníquo. Se os tratados não importam, e se não existe isso a que chamamos justo e injusto – em outras palavras, se não existe a lei natural – qual é a diferença entre um tratado justo e um injusto? Não puderam revelar as suas más intenções sem mostrar que, digam o que disserem, conhecem realmente a lei natural como qualquer outro a conhece?

Parece, portanto, que somos forçados a crer num *justo e injusto* objetivos. As pessoas podem, às vezes, enganar-se nesta matéria, tal como a gente às vezes se engana numa conta; mas não se trata de matéria de simples gosto e parecer, como também não o é a tábuas de multiplicação [a tabuada]. Supondo que estamos de acordo a este respeito, darei um passo adiante, que é o seguinte: **Nenhum de nós observa realmente a lei natural**. Se há exceções entre os leitores, desculpo-me perante esses, que fariam melhor se lessem algum outro livro, pois nada do que vou dizer lhes diz respeito. E agora, voltemos aos seres humanos "comuns".

Espero que não se entenda mal o que eu vou dizer. *Não estou pregando*, e Deus sabe que não pretendo ser melhor do que ninguém. Estou procurando apenas chamar a atenção para um fato, o fato de que este ano, ou este mês, ou, mais provavelmente, neste mesmo dia, deixamos de nos comportar como esperávamos que os outros fizessem. Pode haver toda sorte de desculpas para nós. Aquela vez que procedestes tão injustamente para com as crianças era porque estáveis muito cansados. Aquele negócio um tanto escuso sobre dinheiro – aquele que quase caíra no esquecimento – ocorreu quando estáveis em grandes apuros [financeiros]. E o que prometestes fazer em favor de um pobre velho e nunca foi feito, bem, nunca teríeis prometido se soubésseis quão terrivelmente ocupados viríeis a estar. E quanto ao vosso comportamento para com a vossa mulher (ou marido), ou irmã (ou irmão), se eu

soubesse como podiam tornar-se incômodos, não me admiraria com o que sucedeu – e que diabo sou eu, afinal de contas? Eu sou igualzinho aos outros. Isto quer dizer que eu não consigo observar muito bem a lei natural e, no mesmo instante em que alguém me diz que eu não a estou observando, começa a desfilar em meu espírito uma série sem fim de desculpas. O problema, no momento, não é se são boas desculpas. O que importa constatar *neste* momento é que elas são uma prova a mais de quão profundamente, quer queiramos quer não, *todos acreditamos numa lei natural*. Se não acreditamos num comportamento correto, por que ficamos tão ansiosos em apresentar desculpas por não termos procedido corretamente?

A verdade é que acreditamos tanto em retidão – sentimos tanto em nós a urgência da regra ou da lei – que não podemos admitir o fato de a termos infringido e, conseqüentemente, procuramos fugir à responsabilidade. Observai, com efeito, que é somente para o nosso mau comportamento que encontramos todas estas “explicações” [desculpas]. É somente o nosso mau humor que atribuímos ao fato de estarmos cansados, ou aborrecidos, ou com fome; atribuímos o nosso bom humor a nós mesmos.

Estas são, portanto, as duas cousas que eu queria estabelecer. Primeiro, que os seres humanos, em toda a terra, caracterizam-se por esta singular idéia de que devem proceder de um certo modo e não podem realmente livrar-se desta condição. Em segundo lugar, que, de fato, não procedemos como deveríamos. Conhecemos a lei natural e a infringimos. Estes dois fatos são a base de todo o pensamento claro sobre nós mesmos e o universo em que vivemos.

II – ALGUMAS OBJEÇÕES

Se esses dois fatos são o alicerce, convém insistir sobre os mesmos, para firmar bem esta base, antes de passarmos adiante. Algumas cartas que recebi demonstram que muita gente acha difícil compreender o que seja esta lei da natureza humana, ou *lei moral*, ou regra do comportamento correto.

Alguns, por exemplo, me escreveram dizendo: "Não é o que o Sr. chama de lei moral apenas o nosso instinto gregário e não se desenvolveu ele exatamente como todos os outros nossos instintos?" De fato! Não nego que possamos ter um instinto gregário; mas não é o que entendo por lei moral. Todos nós sabemos o que é se sentir movido pelo instinto, pelo amor materno, por exemplo; ou pelo instinto sexual, ou pelo instinto da nutrição. Isto quer dizer que sentimos um forte desejo ou vontade de agir de um determinado modo. E, certamente, algumas vezes, sentimos exatamente essa espécie de desejo para socorrer outra pessoa e não há dúvida que esse desejo seja devido ao instinto gregário. Mas sentir um desejo de socorrer é completamente diferente de sentir que *deveis* socorrer, quer desejeis ou não. Suponhamos que ouçais um grito de socorro de um homem em perigo. Sentireis provavelmente dois desejos: um, o de prestar socorro (devido ao vosso instinto gregário); outro, o de vos esquivar ao perigo (devido ao vosso instinto de sobrevivência). Mas encontrareis dentro de vós, além destes dois impulsos, uma terceira coisa que vos diz que deveis seguir o impulso de socorrer e reprimir o de evadir-se. Ora, essa coisa que julga entre dois instintos, que decide sobre qual dos dois deva ser admitido, não pode ser nenhum deles. Poderíeis do mesmo modo dizer que a página de música que manda, num dado momento, tocar uma nota no piano e não outra, seja ela mesma uma das notas do teclado. A lei moral nos diz a peça que devemos tocar: nossos instintos são simplesmente as teclas.

Um outro modo de ver que a lei moral não é simplesmente um dos nossos instintos é o seguinte. Se dois instintos estão em luta e nada há no espírito de uma criatura senão aqueles dois instintos, é claro que o mais forte dos dois há de vencer. Mas, naqueles momentos em que estamos mais conscientes da lei moral, ela ordinariamente nos parece dizer que tomemos o partido do mais fraco dos dois impulsos. Provavelmente *quereis* estar a salvo muito mais do que quereis ajudar ao homem que está-se afogando, mas a lei moral vos diz que o ajudeis apesar de tudo. E não é verdade que ela nos diz muitas vezes que tornemos mais forte o impulso acertado, do que ele é por natureza? Quero dizer que nós muitas vezes sentimos que é nosso dever estimular o instinto gregário, acordando nossas imaginações e provocando nossa compaixão, e assim por diante, até reunirmos bastante força para fazer o que é justo. Mas, evidentemente, não estamos agindo *por* instinto quando nos decidimos a tornar um instinto mais forte do que é. Aquilo que nos diz: "O vosso instinto gregário está dormindo;

acordai-o", não pode ser o próprio instinto gregário. Aquilo que vos diz que uma nota no piano deve ser tocada com mais força não pode ser essa própria nota.

Aqui está um terceiro modo de ver a mesma coisa. Se a lei moral fosse um dos nossos instintos, poderíamos indicar em nós algum determinado impulso que fosse sempre o que chamamos "bom", sempre em acordo com a regra do reto comportamento. Mas não podemos. Não há nenhum dos nossos impulsos que a lei moral não possa, às vezes, dizer que o reprimamos, e nenhum que ela não possa, às vezes, dizer que o estimulemos. É um erro pensar que alguns dentre os nossos impulsos – digamos, o amor materno ou o patriotismo – são bons, e outros, como o sexo ou o instinto de luta, são maus. Tudo o que queremos dizer é que as ocasiões em que o instinto de luta ou o desejo sexual necessitam ser reprimidos são um tanto mais freqüentes do que aquelas em que o necessitam ser o amor materno ou o patriotismo. Mas há situações em que é dever do homem casado estimular o seu impulso sexual e o de um soldado estimular o instinto de luta. Há também ocasiões em que o amor de uma mãe por seus próprios filhos, ou o amor de um homem por seu próprio país, tem de ser subjugado, caso contrário conduzirão a injustiças para com os filhos ou os países de outras pessoas. Rigorosamente falando, não há bons nem maus impulsos. Pensai uma vez mais num piano. Ele não possui em si duas espécies de notas, as "certas" e as "erradas". Cada uma das notas é certa num dado momento e errada em outro. A lei moral não é nenhum dos instintos ou grupo de instintos: é algo que imprime uma certa tonalidade (a tonalidade que chamamos bondade ou justa conduta), regendo os nossos instintos.

Muito a propósito, este ponto é de grande consequência prática. A coisa mais perigosa que podeis fazer é tomar qualquer impulso de vossa própria natureza e erigi-lo como o que deveis seguir a qualquer preço. Não há nenhum dentre eles que não venha a fazer de nós uns demônios, se o erigimos como um guia absoluto. Poderíeis pensar que o amor à Humanidade em geral é uma exceção, mas não é. Se deixardes de lado a justiça, achar-vos-eis rompendo acordos e prestando falso testemunho em juízo "por amor à Humanidade", e vos tornareis afinal homens cruéis e traiçoeiros.

Outras pessoas me escreveram, dizendo: "Não é o que o Sr. chama de lei moral apenas uma convenção social, ou algo que se nos incutiu pela educação?". Eu penso que há aqui um equívoco. As pessoas que fazem essa pergunta têm geralmente por certo que, se aprendemos alguma coisa dos pais ou mestres, essa coisa deve ser meramente uma invenção humana. Mas, naturalmente, isso não é assim. Todos aprendemos a tábuas de multiplicar na escola. Uma criança que crescesse sozinha, numa ilha deserta, não a saberia. Seguir-se-á, por acaso, que a tábuas de multiplicar é uma simples convenção humana, algo que os seres humanos hajam construído para si e podiam ter feito diferentemente, se o quisessem? Concorro plenamente em que aprendemos a regra do reto comportamento dos pais e professores, dos amigos e livros, como aprendemos qualquer outra coisa. Algumas das coisas que aprendemos são meras convenções, que podiam ser diferentes – aprendemos a guardar a direita das ruas, mas esta regra podia ser igualmente a de guardar a esquerda – e outras coisas, como as matemáticas, que são verdades objetivas. O problema está, portanto, em se determinar *a que classe* pertence a lei da natureza humana.

Há duas razões para se dizer que pertence à mesma classe das matemáticas. A primeira é que, como disse no primeiro capítulo, embora haja diferenças entre as idéias morais de um tempo ou região e as de outro, estas diferenças não são realmente muito grandes – nem de longe tão grandes como a maioria das pessoas imagina – e podeis reconhecer a mesma lei subsistindo através delas; ao passo que as simples convenções, como a regra do trânsito ou a espécie de roupa que se usa, podem diferir sem medida. A outra razão é a seguinte.

Quando pensais nessas diferenças entre a moralidade de um povo e de outro, imaginais que a moralidade de um povo é alguma vez melhor ou pior do que a de outro? Ou podem-se considerar algumas das mudanças como progresso? Se não se podem, então, naturalmente, jamais poderia haver algum progresso moral. Progresso não significa propriamente *mudança*, mas *mudança para melhor*. Se nenhum grupo de idéias morais fosse mais verdadeiro ou melhor do que outro qualquer, não haveria sentido em preferir a moralidade de um povo civilizado à moralidade dos selvagens, ou a moralidade cristã à moralidade dos nazistas. De fato, todos naturalmente admitimos que certos padrões morais são melhores do que outros. Admitimos que algumas das pessoas que procuraram mudar as

idéias morais do tempo em que viviam foram o que costumamos chamar de “reformadores” ou ‘pioneiros’ – pessoas que compreenderam a moralidade melhor do que os seus contemporâneos.

Muito bem, pois. No instante em que dizeis que um grupo de idéias morais pode ser melhor do que outro, estais, de fato, medindo-os a ambos por um padrão, dizendo que um deles está mais de acordo com esse ideal do que o outro. Mas o ideal que mede duas cousas é algo distinto delas. Estais, na realidade, comparando ambos com alguma moralidade objetiva, admitindo que existe essa coisa chamada Direito Objetivo, independente do que se possa pensar, e que as idéias de algumas pessoas se aproximam mais deste Direito objetivo do que outras. Ou exprimamos o mesmo deste outro modo. Se as vossas idéias morais podem ser mais verdadeiras e as dos nazistas menos verdadeiras, deve haver algo – uma moralidade objetiva – para que a verdade de ambas por ela se afira. A razão pela qual a idéia que fazeis de Nova Iorque pode ser mais verdadeira ou menos verdadeira do que aquela que eu faço, é porque Nova Iorque é um lugar que de fato existe, independente das nossas idéias respectivas. Se, ao fazermos referência cada um de nós a "Nova Iorque", quiséssemos simplesmente significar “a cidade que imagino em minha própria cabeça”, como poderia um de nós ter idéias mais verdadeiras do que o outro? Não haveria absolutamente problema de verdade ou falsidade. Do mesmo modo, se a regra do reto comportamento significasse simplesmente "o que quer que cada nação veio a aprovar", não haveria sentido em dizer que uma nação qualquer tenha sido alguma vez mais acertada em suas escolhas do que qualquer outra; não haveria nenhum sentido em dizer que o mundo poderá alguma dia tornar-se moralmente melhor ou moralmente pior.

Concluo, pois, que embora as diferenças entre a idéia que as pessoas fazem do reto comportamento nos façam muitas vezes desconfiar que não exista nenhuma lei natural objetiva do comportamento, as cousas que somos compelidos a pensar sobre essas diferenças provam realmente o contrário. Mais uma palavra, antes de terminar.

Tenho encontrado pessoas que exageram as diferenças, por não terem feito distinção entre diferenças de moral e diferenças de crença a respeito de fatos. Por exemplo, alguém me disse: "há três séculos, na Inglaterra condenavam-se as feiticeiras à morte. É a isso que o Sr. chama regra da natureza humana ou do reto comportamento?". Mas a razão por que hoje não executamos feiticeiras, não é porque deixamos de acreditar na sua existência? Se o crêssemos – se realmente pensássemos que há entre nós gente que nos odeia, que se vendeu ao diabo e recebeu dele, em troca, poderes sobre-humanos, e estivessem usando esses poderes para matar o próximo ou levá-lo à loucura, ou trazer mau tempo, não concordaríamos todos em que, se alguém devia receber a pena de morte, seriam essas pérfidas criaturas?... Não há aqui diferença de princípio moral; a diferença recai simplesmente em matéria *de fato*. Pode ter sido um grande progresso de nosso conhecimento não acreditar em feiticeiras, mas não há progresso moral em não as executar, quando pensais que elas não existem. Não chamaríeis a um homem de humano por deixar de armar ratoeiras, se assim procedeu porque achou que não havia ratos na casa.

III – A OBJETIVIDADE DA LEI

Volto agora ao que disse no fim do primeiro capítulo, a saber, que havia duas cousas singulares com relação à espécie humana. Primeiro, que ela não pode se desfazer da idéia de que há um certo comportamento que se deve observar e a que podeis chamar lealdade, ou retidão, ou moralidade, ou lei natural. Segundo, que, de fato, não se observa esta lei. Algum leitor talvez se admire por isso me parecer uma coisa singular. Pode parecer-vos a vós a coisa mais natural do mundo. De um modo particular, podíeis ter pensado que fui um tanto áspero para com a espécie humana. Podíeis dizer, afinal de contas, que o que chamo *inobservância da lei* do justo e do injusto ou da lei natural, signifique apenas que não somos perfeitos. E por que cargas d’água deveria eu esperar que fôssemos perfeitos? Esta seria uma boa resposta se o que eu estivesse procurando fazer fosse fixar a quantidade de reprovação que nos é devida por não procedermos como esperamos que os outros procedam. Mas não é este absolutamente o meu encargo. Não estou interessado, no momento, em censuras; procuro descobrir a verdade. E deste ponto de vista, a idéia de que alguma coisa é imperfeita, de não ser o que devia, tem certas conseqüências.

Se tomardes uma cousa, como uma pedra ou uma árvore, ela são o que são e não há sentido em dizer que devia ser de outro modo. Naturalmente, podeis dizer que uma pedra "não tem a forma requerida", se a quereis empregar num jardim, ou que uma árvore não é boa porque não vos dá tanta sombra como esperáveis. Mas tudo o que quereis dizer é que a pedra ou a árvore não servem para algum fim que tendes em vista. Não estais censurando, a não ser por brincadeira, estes seres. Sabeis perfeitamente que, dadas as condições climáticas e o solo, a árvore não poderia deixar de ser o que é. A árvore que, do nosso ponto de vista é "má", está obedecendo às leis da sua natureza tanto quanto outra que chamamos "boa".

Compreendestes o que isto implica?... Segue-se que o que ordinariamente chamamos leis naturais – o modo, por exemplo, como as condições climáticas influem numa árvore – pode realmente não ser *lei* num sentido estrito, mas apenas por um modo de falar. Quando afirmais que as pedras ao caírem obedecem sempre à lei da gravitação, não é o mesmo que dizer que a lei exprime apenas "o que as pedras sempre fazem"? Realmente, não julgais que, quando se deixa cair uma pedra, subitamente venha à lembrança dela que deve cair ao solo. Simplesmente pensais que ela, de fato, cai.

Em outras palavras, não podeis estar certos de que exista algo além dos fatos, alguma lei *com* relação à qual os fatos devam ocorrer, distinta dos próprios fatos. As leis naturais, enquanto regem pedras e árvores, só podem significar "o que a natureza, de fato, faz". Mas se considerais a lei da natureza humana, a lei do reto comportamento, a cousa é diferente. Esta lei certamente não significa "o que os seres humanos, de fato, fazem", pois, como disse antes, muitos deles de modo algum obedecem a esta lei, e *ninguém* a obedece de um modo perfeito. A lei da gravidade vos diz o que as pedras fazem se as deixais cair, mas a lei da natureza humana vos diz o que os seres humanos devem fazer e não fazem. Em outras palavras, quando se trata dos homens, algum outro fator se faz presente acima e além dos atos por eles realmente praticados. Tendes os fatos (i.e., como os homens, de fato, procedem), e tendes algo mais (i.e., como eles deveriam proceder). Em todo o restante do universo, não é preciso que haja outra cousa senão fatos. Os elétrons e as moléculas se comportam de um certo modo, determinados efeitos se produzem, e pode ser só isso (^{NRI}). Mas os homens se comportam de um certo modo e não é só isso, porque sabeis perfeitamente que eles devem proceder de outro modo.

Isto é realmente tão esquisito que somos tentados a procurar provar o contrário. Poderíamos, por exemplo, procurar admitir que, quando dizeis que alguém não deve agir como faz, quereis simplesmente dizer o mesmo que dizeis quando uma pedra não tem a forma conveniente, isto é, que o que ele faz vos é inconveniente. Mas isso é simplesmente inverídico. Uma pessoa que ocupa o assento de janela num trem, porque ali chegou primeiro, e outra que às pressas se tenha apossado do meu lugar enquanto virei as costas e dele retirou a minha maleta, são ambos igualmente inconvenientes. Mas eu censuro a segunda pessoa e não censuro a primeira. Eu não me encolerizo a não ser talvez por alguns instantes – antes de cair em mim – contra alguém que, sem querer, me faz levar um tombo; mas fico zangado com o homem que procura dar-me um tombo, mesmo que não o consiga. Entretanto, o primeiro me feriu, e o segundo não. Algumas vezes o procedimento a que eu chamo mau não me é de modo algum inconveniente, mas bem ao contrário. Na guerra, cada um dos lados achará um traidor do lado oposto muito útil. Mas, embora se sirvam dele e o remunerem, reputam-no um ser vil. Não podeis, assim, dizer que, o que chamamos reto comportamento em outros, é simplesmente o comportamento que nos vem a ser útil. E, quanto ao reto comportamento em nós mesmos, suponho que é claro que não significa o comportamento *que compensa*. Significa cousas como: estar contente com cinco cruzeiros quando podíeis ter ganho cinco mil; fazer com fidelidade os deveres escolares quando seria fácil "colar"; deixar de mexer com uma jovem quando vos agradaria cortejá-la; permanecer em lugares perigosos quando poderíeis estar a salvo em outro lugar; cumprir compromissos que desejaríeis não cumprir; e enfim, dizer a verdade ainda quando isso vos faça parecer um bobo.

(^{NRI}) – Não acho que seja só isso, conforme vereis mais adiante. O que quero dizer é que, nesta altura da discussão, poderia ser só isso.

Dizem alguns que, embora a conduta correta não signifique o que compensa a cada um em particular, num dado momento, mesmo assim, significa o que convém à espécie humana, considerada como um todo, e que, por conseguinte, nada há de misterioso a este respeito. Os seres humanos, afinal, têm alguma inteligência. Eles vêem, por isso, que não podem ter nenhuma segurança real ou felicidade, senão numa sociedade em que cada um proceda com justiça, e é porque vêem isto que procuram proceder retamente. Sem dúvida, é inteiramente verdade que a segurança e a felicidade só podem provir da correção, da lealdade e do mútuo auxílio dos indivíduos, classes e nações.

Esta é uma das mais importantes verdades do mundo. Mas como uma explicação dos nossos sentimentos acerca do justo e do injusto, perde-se em remoinho. Se perguntarmos: "Por que não devo eu ser egoísta?" – e se respondeis: "Porque é bom para a sociedade", poderemos redarguir: "Por que devo importar-me com o que é bom para a sociedade, a não ser que me compense pessoalmente?" – e tereis de dizer: "Porque não deveis ser egoístas" – o que simplesmente nos traz de volta ao ponto de partida. Dizeis o que é verdade, mas nada mais adiantais. Se alguém perguntasse qual é a razão de se jogar futebol, não adiantaria muito dizer: "Para se fazer gols" – pois procurar fazer gols é o jogo em si mesmo, e não a razão para jogar; estaríeis, na verdade, apenas dizendo que futebol é futebol – o que é verdade, mas não vale a pena dizer. Da mesma forma, se alguém perguntar qual é a razão do reto comportamento, não adiantaria responder: "Para ajudar à sociedade" – porque ajudar à sociedade, em outras palavras, não ser egoísta (pois "sociedade", afinal, apenas significa "as outras pessoas"), é uma das cousas de que consiste o reto comportamento – tudo o que estais realmente a dizer é que o reto comportamento é o reto comportamento. Teríeis dito tanto [ou o mesmo], se tivésseis parado na sentença: "Os homens não devem ser egoístas".

E, por isso, é onde eu paro. Os homens não devem ser egoístas, devem ser justos. Não que eles não sejam egoístas, nem que eles gostem de não ser egoístas, mas porque não o devem ser. A lei moral, ou a lei da natureza humana, não é simplesmente um fato relativo ao comportamento humano do mesmo modo que a lei da gravitação é, ou pode ser, meramente, um fato relativo ao modo como os objetos pesados se comportam. Por outro lado, não é simplesmente uma fantasia, pois não podemos livrar-nos desta ideia, e a maior parte das cousas que dizemos e pensamos sobre os homens tornar-se-ia absurda (se o conseguíssemos). E não é apenas uma declaração relativa ao modo como desejaríamos que os homens procedessem para a nossa própria conveniência, pois o comportamento que chamamos mau ou injusto não é exatamente igual ao comportamento que achamos incômodo, e pode ser até o contrário.

Por conseguinte, esta regra do justo e do injusto, ou lei da natureza humana, ou como quer que a chameis, deve ser de qualquer modo uma coisa objetiva, uma coisa *que independe de nós*, e que não foi feita por nós. E, entretanto, não é um fato no sentido comum, do mesmo modo que o nosso efetivo comportamento é um fato. Começa, pois, a parecer que devemos admitir que há mais de uma espécie de realidade; que, no caso em questão, há algo acima e além dos fatos do comportamento humano, e assim mesmo perfeitamente real – uma lei objetiva, que nenhum de nós fez, e sentimos, não obstante, que [vem até nós e] nos obriga.

IV – O QUE ESTÁ POR TRÁS DA LEI

Repitamos o que obtivemos até agora. No caso de pedras e árvores, e cousas deste gênero, o que chamamos leis naturais pode não ser outra coisa senão um modo de falar. Quando dizeis que a natureza é regida por certas leis, pode ser que isso apenas signifique que a natureza, de fato, se comporta de um certo modo. A essas leis pode não corresponder nada de real – nada acima e além dos fatos reais que se observam. Mas no caso do homem, vemos que não é assim. A lei da natureza humana, ou do justo e do injusto, deve ser algo acima e além do efetivo comportamento humano. Neste caso, além dos fatos observados, tendes algo mais – uma lei objetiva, que nós não inventamos e a que sabemos que devemos obedecer.

Desejo agora considerar o que estas verdades nos dizem acerca do universo em que vivemos. Desde que os homens são capazes de refletir, sempre indagaram sobre a verdadeira natureza do Universo e como se originou. Falando de um modo geral, há duas correntes de opinião a este respeito.

Mencionemos em primeiro lugar o assim chamado ponto de vista materialista. Os que são deste parecer sustentam que a matéria e o espaço existem simplesmente, e sempre existiram, ninguém sabe porque; e que a matéria, comportando-se sempre de um determinado modo, por um acaso feliz, veio a produzir criaturas como nós, capazes de pensar. Por uma possibilidade entre mil, algo afetou o nosso sol e fê-lo produzir os planetas; e, por outra possibilidade da mesma ordem, os compostos químicos necessários à vida, e a conveniente temperatura, apareceram sobre um desses planetas, e assim uma parte da matéria do nosso planeta tornou-se viva; então, por uma longa série de acasos, as criaturas vivas se desenvolveram em seres como nós. A outra corrente é a religiosa. De acordo com ela, o que está atrás do universo assemelha-se mais a um espírito do que a qualquer outra coisa que conhecemos. Isto quer dizer que é consciente, e tem intenções e prefere uma coisa a outra. E, conforme esta segunda corrente, fez o universo, em parte para fins que não conhecemos, mas, em parte, com toda a certeza, para produzir criaturas semelhantes a si – quero dizer, semelhantes a si até ao ponto de lhes dar um espírito. Peço que não pensem que um destes modos de ver foi sustentado há muito tempo e substituído gradativamente pelo outro. Onde quer que haja homens pensantes, ambos ocorrem. E observai também o seguinte. Não podeis decidir pela ciência (em seu sentido corrente) sobre qual dos dois é o verdadeiro.

A ciência procede por experimentação. Ela observa como as coisas se comportam. Todas as afirmações científicas, por mais complexas que pareçam, no final das contas, não são senão sentenças deste tipo: "Ajustei o telescópio para este e aquele lado do céu, às 2,20h. da manhã, no dia 15 de janeiro, e vi estas coisas", ou "Coloquei um pouco deste material num recipiente, aqueci-o a tal e qual temperatura e observei tal e qual comportamento". Não pensem que estou dizendo algo contra a ciência: estou apenas dizendo qual é o seu objetivo. Quanto mais científico for o espírito de um homem, tanto mais (assim o creio) concordará ele comigo em que este é o objetivo da ciência – objetivo utilíssimo e necessário também. Mas a razão por que as coisas existem e se há algo por trás das coisas que a ciência observa – algo de outra categoria – não é um problema científico. Se há "Algo por trás", este Algo terá ou de permanecer inteiramente desconhecido dos homens ou fazer-se conhecido por algum outro meio. A afirmação de que há um ser assim e a afirmação de que não há são igualmente afirmações que a ciência não pode fazer. E os verdadeiros cientistas se abstêm ordinariamente delas. São em geral os jornalistas e os autores de novelas populares que, munindo-se de informações desconexas de uma ciência mal assimilada, haurida em manuais, apreciam essas interpolações. Afinal, é um assunto que depende realmente do senso comum. Se a ciência se tornasse um dia perfeita, de modo que viesse a saber tudo de tudo neste universo, não é evidente que perguntas como: "Por que existe um universo?; Por que continua a existir?; Tem ele um sentido?", continuariam tais como antes?

Ora, esta situação seria desesperadora se não fosse pelo seguinte. Há uma coisa, e somente uma, em todo o universo, relativamente à qual sabemos muito mais do que podemos aprender pela observação externa. Este ser único é o Homem. Nós não só observamos os homens, mas *somos* homens. Neste caso, estamos, por assim dizer, de posse dos segredos da casa. E, por causa disto, sabemos que os homens se acham sob o império de uma lei moral, que eles não fizeram, e não podem esquecer completamente, mesmo quando o procuram, e a que sabem dever obedecer. Atendei para o seguinte aspecto. Quem quer que estude o homem, do exterior, como estudamos a eletricidade ou os repolhos, não conhecendo a nossa linguagem e, por conseguinte, incapaz de obter alguma informação interna a nosso respeito, mas simplesmente observando o que fazemos, jamais teria a menor suspeita que abrigamos uma lei moral. Como poderia saber, se as suas observações somente descobririam o que fazemos, e a lei moral diz respeito ao que devemos fazer? Da mesma forma, se houvesse algo acima ou por trás dos fatos observados relativos a pedras ou fenômenos atmosféricos, estudando-os do exterior, jamais poderíamos esperar descobri-lo.

A situação do problema é, pois, a que se segue. Desejamos saber se o universo simplesmente é o que é, sem razão alguma, ou se há um poder por trás, que o faz ser o que é. Desde que esse poder (se existe) deve ser, não um dos fatos observados, mas uma realidade a que os fatos devem a sua

existência, nenhuma simples observação dos fatos poderá encontrá-la. Só há um caso em que podemos saber se há algo mais, o nosso caso humano. Neste caso, único, sabemos que há. Vejamos a mesma causa pelo outro lado. Se houvesse um poder controlador fora do universo, não se poderia revelar como um dos fatos dentro do universo, do mesmo modo que o arquiteto de uma casa não pode ser realmente uma parede, ou uma escada, ou uma lareira dessa casa. Como poderíamos esperar que se nos revelasse a não ser internamente, como um influxo ou um imperativo, procurando fazer com que procedamos de um certo modo? E é isso mesmo o que constatamos dentro de nós.

Isto não nos leva a desconfiar? No único caso em que podeis esperar receber uma resposta, a resposta é SIM; e nos outros casos em que não obtendes uma resposta, vedes por que não a obtendes. Suponhamos que alguém me pergunte por que, ao ver um homem de quepe amarelo descendo a rua e deixando em cada casa pequenos maços de papel, suponho que estes contêm cartas. Eu responderia: "Porque todas as vezes que ele me deixa um pacotinho semelhante verifico que contém uma carta". E se o meu questionador objetasse: "Mas o Sr. nunca viu todas essas cartas que diz terem os outros recebido", eu replicaria: "É claro que não, e jamais o esperaria, porque não me são endereçadas. Apenas explico os pacotes que não me é dado abrir pelos pacotes que posso abrir". Dá-se o mesmo neste problema. O único pacote que me é dado abrir é o Homem. Quando o faço, principalmente quando abro esse particular que sou eu, vejo que não existo por mim mesmo, que eu estou sob o império de uma lei, que alguém ou alguma coisa ordena que eu me comporte de um certo modo. Não penso, naturalmente, que, se pudesse entrar dentro de uma pedra ou de uma árvore, eu encontraria exatamente o mesmo que em mim, do mesmo modo que não penso que todas as pessoas da mesma rua recebem as mesmas cartas que eu. Esperaria, ao contrário, verificar, por exemplo, que a pedra tem de obedecer à lei da gravidade; pois, ao passo que o Remetente das cartas meramente me diz que obedeça à lei da minha natureza humana, Ele impele a pedra a seguir a lei da sua natureza pétrea. Mas eu poderia esperar ver que existe, por assim dizer, um remetente das cartas em ambos os casos, um Poder por trás dos fatos, um Governante, um Orientador.

Não pense agora que estou indo mais depressa do que realmente vou. Ainda estou a centenas de quilômetros do Deus da Teologia dos Cristãos. O que tenho conseguido é apenas falar de uma Qualquer Causa que está dirigindo o universo e que aparece em mim como uma lei insistindo comigo para que eu faça o que é certo, fazendo também me sentir responsável e insatisfeito quando faço o que é errado.

Penso que devemos admitir que essa qualquer coisa se parece mais com uma *mentalidade* [uma mente viva] do que com qualquer outra coisa que conhecemos – visto que, afinal de contas, a única outra coisa que conhecemos é matéria e você dificilmente poderá conceber um pouco de matéria fazendo uma lei. Mas, naturalmente, não é preciso que essa qualquer coisa seja muito parecida com uma mentalidade, e ainda menos com uma pessoa.

No próximo capítulo vamos ver se conseguimos descobrir mais alguma coisa. Antes porém, uma palavra de aviso. Tem havido uma grande quantidade de conversa mole a respeito de Deus nos últimos cem anos. Não é isso o que eu quero apresentar. Podeis esquecer-vos de tudo aquilo.

Observação – A fim de manter a matéria deste capítulo bastante concisa, por ocasião da correspondente palestra radiofônica, mencionei somente as duas [maiores] correntes de pensamento, a materialista e a religiosa. Mas, para ser completo, deveria mencionar a corrente filosófica intermédia da força vital, ou *evolução criadora*, ou evolução emergente. As explicações mais espirituosas desta corrente aparecem nas obras de Bernard Shaw, e as mais profundas nas de Bergson. Os que sustentam este ponto de vista julgam que as pequenas alterações pelas quais a vida neste planeta "evoluiu" das formas mais baixas até ao homem não eram devidas ao acaso, mas ao "esforço" ou "intencionalidade" de uma força vital. Quando falam assim, é preciso perguntar se por força vital se entende algo dotado de um espírito ou não. No caso afirmativo, "um espírito que dá existência a vida e a conduz à perfeição" é realmente um Deus, e esta corrente é assim idêntica à religiosa. No caso negativo, que sentido há em se dizer que 'algo' desprovido de espírito "se esforça" ou tem interesses?

Isto me parece fatal a este ponto de vista. Uma das razões por que muitas pessoas acham a *evolução criadora* tão sugestiva é que ela dá muito do conforto emocional da crença em Deus, sem nenhuma das suas "menos agradáveis conseqüências". Quando achais que tudo nos vai bem, e o sol

brilha, e não queremos acreditar que todo o universo seja meramente uma dança mecânica de átomos, é agradável pensar nessa grande Força misteriosa a vagar qual onda através dos séculos e a transportar-vos em sua crista. Se, por outro lado, desejais fazer algo vil, a força vital, sendo apenas uma força cega, sem uma ética e um espírito, nunca vos impedirá como esse Deus perturbador de que ouvimos falar quando éramos crianças. A força vital é uma espécie de Deus domesticado. Podeis fazê-lo entrar, quando quiserdes, mas ele não vos incomodará. Todas as emoções da religião e nenhum dos seus sacrifícios. Será a força vital a maior expressão de falsa esperança que o mundo jamais viu?

V – DESFAZENDO UM EQUÍVOCO

Concluí o último capítulo com a idéia de que, na lei moral, alguém ou alguma coisa de além deste universo material aproxima-se realmente de nós. Eu esperava, quando atingi este ponto, que alguns dentre vós vos sentísseis um pouco aborrecidos. Podeis mesmo ter pensado que vos preguei uma peça – que eu estive cuidadosamente dissimulando para fazer parecer filosofia o que não passa de um "sermão religioso". Podeis ter sentido que estáveis preparados para escutar-me enquanto pensáveis que eu tinha algo novo para dizer; mas “se o assunto é apenas religião, bem, o mundo já fez a experiência, e não se pode atrasar um relógio”. Se alguém tem esses sentimentos, gostaria de lhe dizer três cousas.

Primeiro, quanto a atrasar um relógio. Pensaríeis que estou brincando, se dissesse que se pode atrasar um relógio e que, se o relógio está adiantado, é muitas vezes uma coisa muito sensata? Mas eu abandonaria de bom grado toda essa idéia de relógios. Todos queremos o progresso. Mas progresso significa *aproximação do lugar onde queremos estar*. E se vos desviastes da verdadeira rota, então, avançando, não vos aproximaríeis de modo algum. Se estais no caminho errado, progredir significa dar meia volta e regressar ao caminho certo; e, neste caso, o que retrocede mais cedo é o mais progressista. Todos temos verificado isto, ao lidar com números. Se eu começar uma conta erradamente, quanto mais cedo admitir o meu erro e voltar atrás e recomeçar, tanto mais rapidamente chegarei ao número correto. Nada há de progressista em ser obstinado e recusar a admitir um erro. E **penso que se olhais para o estado atual do mundo, parece evidente que a humanidade cometeu um erro colossal**. Estamos no caminho errado. Se assim é, devemos voltar atrás. Voltar atrás, nesses casos, é o mais rápido caminho para frente.

Direi, em seguida, que a minha exposição ainda não se transformou, propriamente, num "sermão religioso". Ainda não chegamos ao ponto de encontrar o Deus de alguma religião digna deste nome, e muito menos o Deus dessa religião especial chamada Cristianismo. Alcançamos apenas Alguém ou Alguma Coisa por trás da lei moral. **Nada pedimos à Bíblia ou às Igrejas; procuramos ver o que podemos descobrir a respeito deste Alguém por nossas próprias forças**. E quero tornar bem patente que o que descobrimos por nossa própria iniciativa é alguma coisa de chocante. Temos dois bocados de evidência a respeito desse Alguém:

Um é o universo que Ele fez. Se o usássemos como a nossa única chave, acho que teríamos então de concluir que Ele foi um grande artífice (pois o universo é um lugar belíssimo), mas também que Ele é descaridoso e em nada amigo do homem (pois o universo é um lugar muito perigoso e terrífico). O outro bocado de evidência é essa lei moral que Ele pôs em nossas almas. E este é um bocado de evidência maior do que o outro, porque é uma informação *interna*. Ficais sabendo mais sobre Deus pela lei moral do que pelo universo em geral, do mesmo modo que ficais sabendo mais sobre um homem ouvindo o que ele diz do que olhando para uma casa que ele construiu. Ora, deste segundo bocado de evidência concluímos que **o Ser por trás do universo está profundamente interessado no comportamento correto** – i.e., em justiça, altruísmo, coragem, boa fé, honestidade e veracidade. Neste sentido, concordaríamos com o testemunho dado pelo Cristianismo e algumas outras religiões, de que Deus é "bom". Mas não nos apressemos tanto.

A lei moral não nos oferece nenhum fundamento para pensarmos que Deus é "bom", no sentido de que é indulgente, ou brando, ou compassivo. A lei moral não tem nada de indulgente. Ela é intransigente. Ela vos manda fazer o que é reto e parece não se importar se isso vos é doloroso, ou perigoso, ou difícil. Se Deus é como a lei moral, então, Ele não é brando. Não adianta dizer, neste

estágio, que o que entendeis por um Deus "bom" é um Deus que pode perdoar. Estais indo muito depressa. Somente uma Pessoa pode perdoar. E ainda não atingimos um Deus pessoal, mas somente um poder, por trás da lei moral, e um poder mais semelhante a um espírito do que a qualquer outra coisa.

Mas Ele pode ser ainda muito dessemelhante de uma Pessoa. Se é um puro espírito impessoal, não haverá sentido em lhe pedirdes que não vos leve a mal ou que não vos castigue, do mesmo modo que não há sentido em pedirdes à tábua de multiplicar que vos perdoe, quando vos enganais em vossas contas. Não escapareis de obter uma solução errada. E não adianta, tampouco, dizer que, se há um Deus dessa espécie – uma retidão impessoal e absoluta –, então, não O apreciéis e não vos incomodareis com Ele. Pois, o problema é que, por uma parte de vós mesmos, estais do Seu lado, e realmente concordais com a Sua reprovação da ganância, da malandrice e da exploração humanas. Podeis desejar que Ele faça uma exceção no vosso caso, que vos poupe por esta vez; mas sabeis, no fundo, que, se o poder por trás do mundo não detesta real e infalivelmente essa espécie de comportamento, Ele, então, não poderia ser bom. Por outro lado, sabemos que, se existe uma retidão absoluta, ela deve odiar a maior parte das coisas que fazemos. Este é o terrível dilema em que nos encontramos. Se o universo não é governado por uma retidão absoluta, então, todos os nossos esforços, no final das contas, são inúteis. Mas se é, estamos, então, nos fazendo, cada dia, inimigos dessa retidão, e não parece de modo algum que amanhã seremos melhores, de modo que o nosso caso é novamente desesperador. Nada podemos sem ela e nada podemos com ela. Deus é o único apoio, e é também o supremo terror: a coisa de que mais precisamos e a coisa de que mais desejaríamos fugir... Ele é o nosso único possível aliado e nós nos fazemos Seus inimigos.

Algumas pessoas falam como se o encontro do olhar com uma divindade absoluta fosse divertido. Precisam pensar com mais seriedade. Ainda estão brincando com a religião! A retidão, ou é a grande segurança ou o grande perigo – conforme lhe corresponderis. E nós temos correspondido mal.

Finalmente, o meu terceiro ponto. Quando escolhi um caminho indireto para chegar ao meu verdadeiro assunto, não vos procurava pregar nenhuma peça. Eu tinha outra razão. E era que o Cristianismo simplesmente não tem sentido se não confrontais os fatos que descrevemos. O Cristianismo diz às pessoas que se arrependam e lhes promete o perdão. Nada, portanto, tem a dizer (até onde posso julgar) às pessoas que não sabem que fizeram algo de que devem se arrepender e que não sentem que precisam de algum perdão. É só depois que compreendestes que existe uma lei moral objetiva, e um Poder por trás da lei, e que infringistes essa lei e vos tornastes culpados para com esse Poder – é só depois disso tudo, e não um momento antes, que o Cristianismo tem algo a dizer.

Quando sabeis que estais doentes, procurais o médico. Quando compreenderdes que a nossa posição é quase desesperadora, começareis a compreender sobre o que falam os cristãos. Eles têm uma explicação de como caímos em nossa presente condição, em que ao mesmo tempo amamos e odiamos a retidão. Eles têm uma explicação de como Deus pode ser esse espírito impessoal por trás da lei moral e ao mesmo tempo uma Pessoa. Eles vos dizem como as exigências desta lei (às quais nem vós nem eu podemos satisfazer) foram satisfeitas em nosso nome; como Deus mesmo se fez homem para salvar o homem da reprovação de Deus. É uma velha história e, se quereis inteirar-vos dela, consultareis sem dúvida pessoas com mais autoridade do que eu para falar sobre o assunto. Tudo o que faço é pedir às pessoas que enfrentem os fatos, que compreendam os problemas para os quais o Cristianismo afirma ter uma solução. E são fatos terribilíssimos.

Eu gostaria, se fosse possível, de vos dizer algo mais agradável. Mas preciso dizer o que julgo ser a verdade. Sem dúvida, concordo plenamente em que a religião cristã é, afinal de contas, uma coisa de inexprimível conforto. Mas não começa pelo conforto; começa pelo desconforto que estive descrevendo, e não adianta absolutamente procurar esse conforto sem passar primeiro por aquele desconforto. Na religião, como na guerra e em tudo mais, conforto é uma coisa que não podeis obter procurando-a. Se procurais a verdade, podeis encontrar o conforto no fim; se procurais conforto, não encontrareis nem o conforto nem a verdade – apenas, para começar, adulação e falsa esperança e, no fim, desespero. Quase todos nós nos curamos das ilusões de antes da guerra acerca da política internacional. É tempo de fazermos o mesmo com a religião.

LIVRO II

O QUE CRÊEM OS CRISTÃOS

....

I – AS CONCEPÇÕES RIVAIS DE DEUS

Pediram-me que vos dissesse em que crêem os cristãos e vou começar por dizer-vos uma coisa que os cristãos não têm necessidade de crer. Se sois cristãos, não tendes de admitir que todas as outras religiões são simplesmente de todo falsas. Se sois um ateu, então sim, tendes de admitir que o essencial em todas as religiões de todo o mundo é simplesmente um imenso engano. Se sois cristãos, sois livres para pensar que todas essas religiões, mesmo as mais excêntricas, contêm ao menos alguma alusão à verdade. Quando eu era ateu, tinha de procurar persuadir-me de que a maior parte da Humanidade sempre se enganou no que mais lhe dizia respeito; quando me tornei cristão, podia ver as coisas com uma vista mais liberal. Ser cristão, contudo, significa naturalmente pensar que, naquilo em que o Cristianismo diverge das outras religiões, o Cristianismo é verdadeiro e as outras religiões são falsas. É como em aritmética: há somente uma resposta certa para uma conta; todas as demais respostas são erradas. Mas algumas das respostas erradas estão muito mais próximas da verdadeira solução do que outras.

A primeira grande divisão da humanidade é entre a maioria que crê em alguma espécie de Deus ou deuses e a minoria que não crê. Nesta matéria, o Cristianismo põe-se ao lado da maioria – põe-se ao lado dos antigos gregos e romanos, dos selvagens aculturados, dos estóicos, dos platônicos, dos hindus, dos maometanos, etc., contra os modernos materialistas ocidentais.

Passo agora à segunda divisão. Todos os que crêem em Deus, podem ser divididos segundo a espécie de Deus em que crêem. Há duas idéias muito diferentes neste ponto. Uma delas é a idéia de que Ele está além do bem e do mal. Nós os homens é que denominamos algumas coisas boas e outras más. Mas, segundo certas pessoas, isso é apenas o nosso ponto de vista humano. Diriam essas pessoas que, quanto mais sábios vos tornais, tanto menos inclinados ficais a denominar as coisas boas ou más, e tanto mais claramente vedes que as coisas são boas num sentido e más em outro, e que nada podia ser de outro modo. Por conseguinte, julgam essas pessoas que muito antes de vos aproximardes, de qualquer modo, do ponto de vista divino, a distinção teria desaparecido por completo. Dizemos que um câncer é mau, julgariam eles, porque mata um homem; mas deveríeis dizer, do mesmo modo, que um hábil cirurgião é mau, porque destrói um câncer. Tudo depende do ponto de vista. A outra idéia, oposta a essa, é a de que Deus é definitivamente "bom" ou "justo", um Deus que toma partido, **que ama o que é amável e odeia o que é odioso**, que quer que procedamos do modo prescrito e não de outro modo. A primeira destas correntes – a que julga que Deus está além do bem e do mal – chama-se Panteísmo. Foi defendida pelo grande filósofo prussiano Hegel e, tanto quanto os consigo entender, pelos hindus. A outra corrente é defendida pelos judeus, maometanos e cristãos.

Essa grande diferença entre o panteísmo e a idéia cristã de Deus é virtualmente acompanhada de outra. Os panteístas ordinariamente crêem que Deus, por assim dizer, anima o universo como vós animais vossos corpos; que o universo é Deus, de modo que, se não existisse, Ele também não existiria e que tudo que encontrais no universo é uma parte de Deus. O conceito cristão é completamente diferente. Os cristãos pensam que Deus inventou e fabricou o universo – como um homem que faz um quadro ou compõe uma canção. Um pintor não é a pintura, e não morre se a sua pintura é destruída. Podeis dizer: "Ele pôs muito de si no quadro", mas quereis dizer somente que toda a beleza e interesse deste provêm da cabeça do autor. A habilidade do pintor não está na pintura do mesmo modo que está na sua cabeça, ou mesmo em suas mãos. Espero que tenhais compreendido como esta diferença entre panteístas e cristãos é solidária da primeira.

Se não levais muito a sério a distinção entre o bem e o mal, será fácil afirmar que tudo o que encontrais neste mundo é uma parte de Deus. Mas, naturalmente, se reputais como realmente más algumas cousas e a Deus como realmente bom, não podereis mais falar desse modo. Haveis de crer que Deus é distinto do mundo e que algumas cousas que nele vemos são contrárias à Sua vontade. Diante de um câncer ou de uma favela, o panteísta pode dizer: "Se ao menos pudésseis ver isso do ponto de vista divino, compreenderíeis que isso também é Deus". O cristão replica: "Deixe de tolice". Porque **o Cristianismo é uma religião combativa**. Ensina que Deus fez o mundo – esse espaço e tempo, o calor e o frio, todas as cores e sabores, todos os animais e vegetais, são cousas que Deus “tirou da Sua cabeça” como um homem inventa uma história. Mas também que muitas e muitas cousas foram corrompidas no mundo que Deus fez, e que Deus insiste, e insiste vigorosamente, em que as restituamos ao que devem ser.

Isto, naturalmente, suscita uma grande questão. Se o mundo foi feito por um Deus que é bom, por que o mundo se perverteu? Eu, por muitos anos, simplesmente me recusei a dar ouvido às respostas do Cristianismo a esta questão, porque continuava com o sentimento de que "o que quer que me respondessem, e por mais hábeis que fossem os argumentos, não seria muito mais simples e fácil dizer que o mundo não foi feito por nenhum poder inteligente? Não eram todos esses argumentos simplesmente uma complicada tentativa para evitar o que é óbvio?" Mas isso acabou por me devolver a uma outra dificuldade.

O meu argumento contra Deus era o de que o universo parecia muito cruel e injusto. Mas de onde eu tirava essa idéia de *justo* e *injusto*? Não se chama torta uma linha, se não se tem uma ideia da linha reta. Com o que eu comparava este universo quando o chamava de injusto? Se todo o panorama era mau e absurdo de A a Z, por assim dizer, por que eu, que necessariamente sou parte do panorama, me achei tomado de violenta reação contra ele? A gente se sente molhado, quando cai na água, porque o homem não é um animal aquático: um peixe não se sente molhado. Eu poderia, naturalmente, desfazer-me da minha idéia de justiça dizendo que nada mais era do que uma idéia particular minha. Mas se o fizesse, então o meu argumento contra Deus também se desfaria, pois o argumento dependia da afirmação de que o mundo era realmente injusto e não simplesmente de que não agradava às minhas idéias particulares.

Assim é que ao mesmo tempo em que tentava provar que Deus não existia – em outras palavras, que a realidade era totalmente absurda –, verificava que era obrigado a admitir que uma parte da realidade, a saber, a minha idéia de justiça, era cheia de sentido. O ateísmo, portanto, resulta ser uma coisa simplista. Se todo o universo não tem sentido, nunca descobriríamos que não tem sentido, do mesmo modo que, se não houvesse luz no universo, nem, conseqüentemente, criaturas com olhos, nunca saberíamos que estava escuro. *Escuro* seria uma palavra sem sentido.

II – A INVASÃO

Está, pois, assente que o ateísmo é simplista. Dir-vos-ei agora uma outra opinião que também é simplista. É a opinião que eu chamo de *Cristianismo aguado*. É a opinião que pretende simplesmente que haja um Deus bom no Céu e que tudo está bem, omitindo todas as difíceis e terríveis doutrinas sobre o pecado, o inferno, o demônio, a redenção. Ambas são filosofias infantis.

De nada vale procurar uma religião simplista. Afinal de contas, as cousas reais não são simples. Parecem simples, mas não são. A mesa em que trabalho parece simples, mas se pedirdes a um cientista para vos dizer de que realmente é feita – as cousas acerca dos átomos, de como as ondas de luz dela emanam e impressionam os olhos, e como agem no nervo ótico, e o nervo no cérebro –, achareis, certamente, que o que chamamos "ver uma mesa" vos lança em mistérios e complicações sem fim. Uma criança recitando uma prece de criança parece simples. Se preferis parar aqui, está tudo muito bem. *Mas se não preferis – e o mundo moderno ordinariamente não prefere –, se quereis continuar e perguntar o que realmente está acontecendo, então deveis estar preparados para algo difícil*. Se procuramos algo mais que o simplismo, seria tolo queixar-se de que esse algo mais não seja simples.

Com freqüência, porém, esse tolo modo de sentir é adotado por gente que não é tola, mas que, consciente ou inconscientemente, quer destruir o Cristianismo. Essas pessoas forjam uma versão do

Cristianismo própria para uma criança de seis anos e fazem dela o alvo dos seus ataques. Quando procurais explicar a doutrina cristã como realmente é professada por um adulto instruído, queixam-se então de que estais fundindo suas cabeças, e que tudo é complicado demais, e que se realmente existisse um Deus, estão certos de que Ele teria feito a "religião" simples, porque a simplicidade é uma coisa tão boa, bela, etc. Deveis estar atentos contra essas pessoas, porque mudam de razão a cada momento e apenas desperdiçam o vosso tempo. Observai também a sua idéia de um Deus "que faz a religião simples", como se a religião fosse algo que Deus inventasse e não uma revelação dEle feita a nós, de certos fatos absolutamente inalteráveis de Sua natureza.

Além de ser complexa, a realidade, segundo a minha experiência, é ordinariamente estranha. Não é clara, não é óbvia, não é o que esperais. Quando, por exemplo, compreendestes que a terra e todos os outros planetas giram em torno do sol, esperaríeis naturalmente que todos os planetas fossem semelhantes – todos a igual distância um do outro, por exemplo, ou a distâncias que regularmente aumentassem, ou todos do mesmo tamanho, ou então tornando-se maiores ou menores à medida que se afastassem do sol, etc. De fato, não encontrais razão (que possamos ver) que explique os tamanhos e as distâncias; e alguns deles têm uma lua, um tem quatro, [um tem cinquenta], um tem duas, alguns não têm nenhuma, e um tem um anel [milhares de anéis]...

A realidade, de fato, é ordinariamente algo de que não poderíeis suspeitar. Esta é uma das razões por que eu creio no Cristianismo. É uma religião que jamais teria passado por nossas cabeças. Se nos apresentasse exatamente aquela espécie de universo que sempre teríamos esperado, eu sentiria que nós mesmos o teríamos construído. Mas, efetivamente, o universo não é o tipo de coisa que alguém teria inventado. Ao contrário, ele possui justamente esse singular estilo que as coisas reais têm. Deixemos, portanto, para trás, todas essas filosofias infantis – essas respostas simplistas. O problema não é simples e a resposta também não vai ser simples.

Qual é o problema, então? **Um universo que encerra muita coisa que é obviamente má e aparentemente sem sentido, mas no qual existem criaturas como nós que sabemos que isso é mau e sem sentido.** Só há dois pontos de vista que enfrentam todos os fatos. Um é o ponto de vista cristão, de que este é um mundo bom que prevaricou, *mas que ainda guarda a memória do que deveria ter sido*. O outro ponto de vista é o chamado Dualismo. O dualismo exprime a crença de que há dois poderes iguais e independentes por trás de todas as coisas, um deles sendo bom e o outro mau, e que este universo é o campo de batalha em que travam uma guerra sem fim. Eu, pessoalmente, penso que, depois do Cristianismo, o dualismo é a crença mais sensata e mais consciente à nossa disposição. Mas ele tem uma falha em si.

Consideram-se os dois poderes, ou espíritos, ou deuses – o bom e o mau –, como completamente independentes. Ambos existem desde toda a eternidade. Nenhum deles fez o outro, nenhum deles tem mais direito do que o outro de chamar-se Deus. Cada um presumivelmente pensa que é bom e que o outro é mau. Um deles gosta de ódio e de crueldade, o outro gosta de amor e de misericórdia, e cada um dá apoio ao seu próprio ponto de vista. Contudo, o que queremos nós dizer quando chamamos um deles de o Bom Poder e o outro de o Mau Poder? Ou, simplesmente, o que nos faz preferir um ao outro, como se prefere cerveja a cidra? Ou então que, seja o que for que os dois poderes pensem a respeito disso, e seja qual for dos dois o que nós mortais, num dado momento, preferimos, um deles está realmente errado, realmente enganado, considerando-se a si mesmo bom. Mas se queremos simplesmente dizer que nos ocorre preferir o primeiro, devemos então desistir completamente de falar sobre o bem e o mal. Bom significa, com efeito, o que deveis preferir, sem nenhuma atenção ao que possais gostar em qualquer momento que seja. Se "ser bom" significasse simplesmente seguir o partido que vos ocorreu imaginar, sem nenhuma razão objetiva, então o bom não mereceria ser chamado "bom". Devemos assim entender que um dos dois poderes é realmente injusto e o outro realmente justo.

Mas, no momento em que afirmais isso, estais pondo no universo uma terceira coisa em adição aos dois Poderes: uma lei, ou padrão, ou regra do bem, com o qual um dos poderes se conforma e o outro deixa de se conformar. Se os dois poderes, porém, são julgados por esse padrão, esse padrão, ou o Ser que o fez, é incomparavelmente anterior e superior a ambos, e será o verdadeiro Deus. O que nós

quisemos, de fato, significar, chamando bom e mau a esses poderes, vem a ser que um deles está em boas relações com o verdadeiro Deus e o outro não.

Chegamos ao mesmo resultado, seguindo um outro caminho. Se o dualismo é verdadeiro, o mau Poder é um ser que gosta da maldade por si mesma. Ora, na realidade, não temos notícia de ninguém que goste da maldade simplesmente porque ela é má. O caso que mais se aproxima desta condição é na crueldade. Mas, na vida real, alguém é cruel por uma de duas razões: ou porque é sádico, isto é, porque sofre de uma perversão sexual que faz da crueldade uma causa de prazer sensual para si; ou então por causa de algo que vai extorquir por esse meio – dinheiro, poder, ou segurança. Mas prazer, dinheiro, poder e segurança, são todas coisas boas em si mesmas. O mal consiste em procurar essas coisas por um meio ilícito, ou erroneamente, ou em demasia. Não quero dizer, naturalmente, que as pessoas que seguem tais processos não sejam desesperadamente perversas. Quero dizer que a perversidade, quando a examinais, vem a ser a procura de algum bem pelo modo errado. Podeis ser bons por mero amor da bondade, mas não podeis ser maus por mero amor da maldade. Podeis ser serviçais quando não vos sentis serviçais, e quando disso nenhum prazer usufruis, simplesmente porque ser amável é justo; mas jamais alguém praticou uma ação cruel simplesmente porque a crueldade é injusta – ou somente porque a crueldade lhe era agradável ou útil. Em outras palavras, a maldade não tem êxito nem mesmo para ser má, do mesmo modo que a bondade é [sempre terá êxito em ser] boa. A bondade é, por assim dizer, o que é; a maldade é apenas bondade estragada. E deve haver algo bom antes que se estrague. Chamamos sadismo uma perversão sexual; mas deveis ter primeiro a idéia de uma sexualidade *normal* antes que possais falar de perversões; e podeis ver o que seja uma perversão porque podeis explicar o pervertido pelo normal, e não o normal pelo pervertido.

Segue-se que esse Mau Poder, que se supõe em pé de igualdade com o Bom Poder, e ama a maldade do mesmo modo que o Bom Poder ama a bondade, não passa de um fantasma. Para ser mau, é necessário que deseje boas coisas, e então as procure pelo modo errado: ele deve ter impulsos que eram originalmente bons para que os pudesse ter pervertido. Mas se ele é mau, não pode prover a si mesmo, seja de coisas boas para desejar, seja de bons impulsos para perverter. É preciso que tenha obtido ambas as coisas do Bom Poder. Se assim é, ele não é independente. É parte do mundo do Bom Poder: foi feito ou pelo Bom Poder ou por algum poder superior a ambos.

Explicamos isso ainda mais claramente. Para ser mau, ele precisa existir, ter inteligência e vontade. Mas a existência, a inteligência e a vontade são em si mesmas coisas boas. É preciso, por isso, que as obtivesse do Bom Poder: mesmo para ser mau, ele precisa pedir ou roubar do seu adversário. Começais agora a ver por que **o Cristianismo sempre disse que o demônio é um anjo decaído?** Isto não é uma simples história para crianças. É um reconhecimento efetivo do fato de que o mal é um parasita, não uma coisa original. As faculdades que habilitam o mal a continuar como mal são faculdades que lhe foram dadas pela bondade. Todas as coisas que capacitam um homem mau a ser efetivamente mau são em si mesmas coisas boas – resolução, habilidade [coragem, inteligência], boa aparência, a própria existência... Eis porque o dualismo, num sentido rigoroso, não convence.

Mas eu francamente admito que o verdadeiro Cristianismo (enquanto distinto do *Cristianismo aguado*) aproxima-se muito mais do dualismo do que se pensa. Uma das coisas que me surpreenderam quando pela primeira vez li seriamente o Novo Testamento foi que ele falava com muita frequência de um Poder das Trevas no universo – um poderoso espírito do mal que se considerava o Poder por trás da morte, da doença e do pecado. A diferença está em que o Cristianismo afirma que esse Poder tenebroso foi criado por Deus, que era bom quando foi criado e se tornou mau. O Cristianismo concorda com o dualismo em que este universo está em guerra. Mas não julga que seja uma guerra entre poderes independentes. Pensa que é uma guerra civil, uma rebelião, e que estamos vivendo numa parte do universo ocupada pela parte rebelde.

Um território ocupado pelo inimigo – eis o que é este mundo. O Cristianismo é a história de como O Rei Justo desembarcou (poderíamos dizer, desembarcou disfarçado) e nos está chamando a todos para participarmos de uma grande *campanha de sabotagem*. Quando ides à igreja, estais realmente a ouvir o rádio secreto de nossos amigos: esta é a razão pela qual o inimigo está tão interessado em nos impedir de irmos a ela. Ele faz isso jogando com a nossa vaidade, preguiça e

esnobismo intelectual. Sei que alguém me perguntará: "Pensa, de fato, o Sr., a esta hora do dia, em reintroduzir o nosso velho amigo o demônio, com patas, chifres e tudo?"

Bem, o que a hora do dia tem a ver com isso eu não sei. E não tenho predileção por patas e chifres. Mas, sob outros aspectos, minha resposta é "SIM". Não pretendo saber seja o que for da sua aparência pessoal. Se alguém realmente deseja conhecê-lo, eu diria a essa pessoa: "Não te incomodes. Se realmente desejás conhecê-lo, tu o conhecerás. Mas se ficarás contente quando o conheceres, é outro problema".

III – A OPÇÃO DECISIVA

Acreditam, pois, os cristãos que um mau poder se tornou, por ora, o Príncipe deste mundo. Isso, naturalmente, suscita problemas. Está esse estado de cousas de acordo com a vontade de Deus ou não? Se está, direis que Ele é um estranho Deus [que tolera a maldade]; se não está, como poderia acontecer algo contrário à vontade de um ser que tem poder absoluto?

Contudo, qualquer pessoa que já exerceu autoridade sabe como uma coisa pode estar de acordo com a sua vontade num sentido e não em outro. Pode ser muito sensato para uma mãe dizer aos seus filhos: "Não vou todas as noites obrigar vocês a arrumar o quarto de estudo. Vocês devem aprender a deixá-lo arrumado por si mesmos". Então, uma noite ela sobe e encontra o ursinho, a tinta, a gramática francesa, tudo jogado no chão. Isso é contrário à sua vontade. Ela preferiria que as crianças fossem ordeiras. Mas, por outro lado, foi por sua vontade que as crianças, ficando livres, puderam ser desordenadas.

O mesmo acontece em qualquer regimento, ou sindicato, ou escola. Basta tornar-se voluntária uma coisa para a metade das pessoas não a fazer. Não era essa a intenção, porém se tornou possível pela decisão tomada.

Ocorre provavelmente o mesmo no universo. Deus criou seres com Livre-arbítrio. Isso quer dizer criaturas que podem agir bem ou mal. Alguns julgam que podem imaginar uma criatura que fosse livre, mas não tivesse possibilidade de agir mal; eu não posso. Se uma coisa é livre para ser boa, também é livre para ser má. E o livre-arbítrio foi o que tornou possível o mal. Por que então Deus lhes deu o livre arbítrio? Porque o livre arbítrio, embora torne o mal possível, é também única coisa que torna possível qualquer amor, ou bondade, ou alegria *que valha a pena*. Um mundo de autômatos – de criaturas que trabalhem como máquinas – dificilmente valeria a pena criar. A felicidade a que Deus destinou suas criaturas superiores é a felicidade de serem livres e voluntariamente unidas a Ele e umas às outras, num êxtase de amor e prazer comparado ao qual o amor mais arrebatador entre um homem e uma mulher não passa de uma coisa insípida. E para isso elas devem ser livres.

É claro que Deus sabia o que aconteceria se elas usassem mal a sua liberdade: aparentemente Ele julgou que o risco valeria a pena. Talvez nos sintamos inclinados a discordar dEle. Mas há uma dificuldade em se discordar de Deus. Ele é a fonte de onde procede toda a vossa faculdade de raciocinar: não poderíeis estar certos e Ele errado, do mesmo modo que um rio não pode se elevar acima da sua fonte. Quando argumentais contra Ele, argumentais contra o próprio poder que vos deu a capacidade de argumentar: é como cortar o galho em que estais sentados. Se Deus julga que este estado de guerra no universo *é um preço que vale a pena pagar para ter vontades livres*, isto é, para fazer um mundo vivo, em que as criaturas podem fazer um bem ou mal efetivos e algo realmente importante possa acontecer (em vez de um mundo de brinquito, que apenas se movesse quando Ele puxasse os cordéis), devemos considerá-lo digno do risco.

Quando tivermos compreendido o livre arbítrio, veremos como é tolo perguntar, como alguém uma vez me perguntou: "Por que Deus fez a criatura de um material tão ordinário que se corrompeu?": Quanto melhor a matéria de que uma criatura é feita, quanto mais inteligente, mais forte e mais livre, tanto melhor será ela então, se proceder bem, mas tanto pior será se proceder mal. Uma vaca não pode ser nem muito boa nem muito má; um cão pode ser ambas as cousas, melhor ou pior; uma criança, melhor ou pior ainda; um homem comum, ainda mais; um homem de gênio, ainda mais; um espírito sobre-humano, o melhor ou o pior de todos.

Como se desviou o Poder das Trevas? Estamos, certamente, fazendo uma pergunta à qual os homens não podem responder com certeza. Uma opinião plausível (e tradicional), baseada em nossas próprias experiências do mau proceder, pode-se, contudo, apresentar. **No instante em que tendes um eu autônomo, há a possibilidade de vos antepordes a tudo, querendo ser o centro, querendo, de fato, ser Deus. Esse foi o pecado de Satã: e esse foi o pecado que ele ensinou à humanidade.** Alguns pensam que a queda do homem tem algo a ver com o sexo, mas isso é um engano (A história no Livro do Gênesis sugere antes que alguma corrupção da nossa natureza sexual seguiu-se à Queda e foi uma de suas conseqüências, não a sua causa). O que Satã pôs na cabeça de nossos antepassados foi a idéia de que poderiam "ser como deuses", poderiam viver por conta própria, como se tivessem criado a si mesmos, ser os seus próprios mestres, descobrir uma espécie de felicidade para si fora de Deus, independentemente de Deus. E dessa tentativa sem esperança procede quase tudo o que chamamos a história humana: dinheiro, pobreza, ambição, guerra, prostituição, classes, impérios, escravidão, a longa e terrível história do homem procurando achar algo que não seja Deus e que o faça feliz.

A razão por que falhará essa tentativa é a seguinte. Deus nos criou: inventou-nos como um homem inventa um mecanismo. Um automóvel é feito para ser movido a gasolina e não poderia andar bem de outro modo. Pois bem, Deus destinou a máquina humana a ser movida à base de Deus mesmo. Ele mesmo é o combustível que os nossos espíritos devem queimar, ou o alimento de que os nossos espíritos devem se nutrir. Não há outro. Eis a razão por que não adianta pedir a Deus que nos faça felizes de nosso próprio modo, sem nos preocuparmos com religião. Deus não pode nos dar uma felicidade e paz independentes dEle mesmo, porque não existem. Realmente, não existe tal cousa.

É essa a chave da história humana. Gasta-se uma energia espantosa, constroem-se civilizações, idealizam-se excelentes instituições, porém todas as vezes alguma coisa enguiça. Como que por uma fatalidade, indivíduos egoístas e maus alcançam o poder – e a cousa toda desmorona em miséria e ruína. A máquina não anda. Parece dar partida direitinho, anda alguns metros – e então fica na estrada. É que estão procurando fazê-la funcionar com combustível errado. Eis o que Satã nos fez a nós, os homens.

E Deus, o que fez? Em primeiro lugar deu-nos uma consciência, o sentido do justo e do injusto, e através de toda a história tem havido pessoas (algumas muito energicamente) que procuram obedecer à sua voz. Ninguém jamais o conseguiu inteiramente. Em segundo lugar, enviou à humanidade o que chamo de *bons sonhos*: quero dizer, *essas histórias singulares espalhadas por todas as religiões* pagãs a respeito de um deus que morre e volve à vida e, por sua morte, devolve de algum modo aos homens uma nova vida. Em terceiro lugar, *escolheu um povo em particular*, e despendeu vários séculos **martelando em suas cabeças a espécie de Deus que Ele era** – que Ele era um só Deus, e que se interessava pelo comportamento correto. *Os judeus foram esse povo e o Velho Testamento dá um relato do processo martelador.*

Veio então o grande impacto. Entre esses judeus aparece subitamente um homem que anda por toda a parte falando como se fosse Deus. Assevera que perdoa os pecados. Diz que sempre existiu. Que virá julgar o mundo no fim dos tempos. Esclareçamos bem isso. Entre os panteístas, como os hindus, qualquer um pode dizer que é uma parte de Deus, ou um com Deus: não haveria nada de muito surpreendente nisso. Mas este homem, já que Ele era um judeu, não poderia significar essa espécie de divindade. Deus, na linguagem judia, significava o Ser fora do mundo, o Ser que fez o mundo e era infinitamente diferente de tudo o mais. Quando chegardes a compreender isso, vereis que o que esse homem dizia era pura e simplesmente a cousa mais chocante jamais proferida por lábios humanos.

Uma das suas afirmações tende a passar despercebida, porque tantas vezes a ouvimos que não vemos mais o que significa. Refiro-me *ao poder de perdoar os pecados*: quaisquer pecados. A não ser que quem fale seja Deus, isso é realmente tão absurdo que viria a ser cômico. Podemos todos compreender como um homem possa perdoar as ofensas que recebeu. Pisais em meu pé e eu vos perdôo, roubais o meu dinheiro e eu vos perdôo. Mas o que deveríamos pensar de alguém que, não tendo sido roubado nem pisado, anunciasse que vos perdoa por terdes pisado nos pés dos outros e roubado o dinheiro dos outros? Fatuidade asinina é a mais delicada descrição que daríamos da sua conduta. Entretanto, foi isso o que Jesus fez. Dizia às pessoas que os seus pecados eram perdoados, sem consultar nunca as demais pessoas as quais esses pecados tinham indubitavelmente prejudicado.

Agiu sem hesitação como se fosse a parte mais interessada, a pessoa mais ofendida em todas as ofensas. Isso só tem sentido se Ele realmente é Deus, cujas leis são violadas e cujo amor é ferido em cada pecado. Na boca de qualquer outra pessoa que não seja Deus, essas palavras implicariam o que apenas posso considerar uma estultícia e uma vaidade sem comparação em qualquer outro momento da história.

Entretanto, mesmo os Seus inimigos (e isso é uma coisa estranha, uma coisa muito significativa), quando lêem os Evangelhos, não recebem ordinariamente uma impressão de estultícia e vanglória. Muito menos ainda os leitores imparciais. Cristo diz que é "humilde e manso" e nós cremos n'Ele, não nos dando conta de que, se Ele fosse meramente um homem, humildade e mansidão seriam as últimas características que atribuiríamos a algumas das Suas afirmações.

Procuro aqui impedir que se diga a coisa realmente estulta que se diz muitas vezes a Seu respeito: "Estou pronto a aceitar *Jesus* como um grande mestre de moral, mas não aceito a Sua afirmativa de que é Deus". Aí está uma coisa que não se pode dizer. Um homem que fosse só homem e dissesse as coisas que *Jesus* disse não seria um grande mestre de moral. Ele seria ou um lunático, do mesmo nível de um homem que se diz um ovo cozido, ou então um demônio do inferno. Deveis fazer a vossa opção. Ou este homem era e é o Filho de Deus, ou então um louco ou algo pior.

Podeis prendê-lo como a um louco, podeis cuspir n'Ele e matá-lo como a um demônio; ou podeis cair aos Seus pés e chamá-lo Senhor e Deus. Mas não venhamos com nenhum absurdo condescendente, dizendo que Ele é um grande mestre humano. Ele não nos deixou essa porta aberta. Nem o pretendeu.

IV – O PERFEITO PENITENTE

Estamos, portanto, diante de uma terrível opção. Este homem de que estamos falando ou era (e é) justamente o que Ele dizia ser, ou então era um lunático, ou algo pior. A mim me parece evidente que Ele não era nem um lunático nem um demônio e, conseqüentemente, por mais estranho ou terrífico ou improvável que possa parecer, tenho de aceitar o ponto de vista de que Ele era e é Deus. Deus desembarcou neste mundo ocupado pelo inimigo, em forma humana.

Qual era o objetivo de tudo isso? O que Ele veio fazer?. Sim, ensinar, naturalmente; mas logo que examinais o Novo Testamento, ou qualquer outro escrito cristão, verificaís que falam continuamente de outra coisa distinta – falam sobre a Sua morte e Sua Ressurreição. É claro que os cristãos julgam que o principal ponto da História está aí. Julgam que a principal coisa que Ele veio fazer na Terra foi sofrer e ser morto.

Antes de me tornar cristão, tinha a impressão de que a primeira coisa que os cristãos deviam crer era uma determinada *teoria* que explicasse esta morte. De acordo com essa teoria, Deus queria punir os homens por terem desertado e passado para o grande Rebelde, mas Cristo voluntariamente se ofereceu para ser punido em nosso lugar e assim Deus nos poupou. Admito agora que mesmo essa não me parece tão imoral e estulta como parecia; mas esse não é o ponto a que eu quero dar ênfase. O que vim a compreender mais tarde foi que nem essa teoria nem qualquer outra é o Cristianismo. A idéia cristã central é de que a morte de Cristo nos reconciliou de algum modo com Deus e nos deu uma nova possibilidade. As teorias que explicam isso são uma outra coisa. Várias e diferentes têm sido, com efeito, sustentadas, mas aquilo em que todos os cristãos concordam é que *a reconciliação se fez*. Digo-vos com que se pode comparar este assunto.

Todo homem sensato concordará em que, se estais cansados e com fome, uma refeição vos fará bem. Mas a moderna teoria da alimentação – as coisas todas sobre vitaminas e proteínas – é outro assunto. As pessoas já se alimentavam e se sentiam melhores antes de se ouvir falar da teoria das vitaminas e, se um dia a teoria das vitaminas for abandonada, continuarão a se alimentar do mesmo modo. As teorias sobre a morte de Cristo não são o Cristianismo, mas explicações de como ela nos reconcilia com Deus. Os cristãos não estariam todos de acordo sobre a importância dessas teorias. A minha própria igreja – a Igreja da Inglaterra – não estipula nenhuma delas como sendo a verdadeira. A Igreja de Roma vai um pouco mais longe. Mas eu penso que todos concordam em que a coisa em si mesma é infinitamente mais importante do que as explicações que os teólogos propuseram. Julgo que

admitiriam provavelmente que nenhuma explicação será jamais adequada à realidade. Mas como disse no prefácio desta obra, eu sou apenas um leigo, e neste ponto o assunto se torna extremamente complexo. Apenas posso registrar, pelo valor que tiver, a maneira pela qual eu pessoalmente encaro o assunto.

Segundo o meu ponto de vista, não são as teorias em si que se vos pede que aceiteis. Muitos de vós, com certeza, têm lido Jeans ou Eddington. O que eles fazem, quando querem explicar o átomo, ou algo desta sorte, é dar-vos uma descrição graças à qual podeis fazer uma representação mental. Mas então eles vos advertem de que essa representação não é o que os cientistas realmente crêem. O que os cientistas crêem é uma fórmula matemática. As representações se oferecem apenas para ajudar-vos a compreender a fórmula. Não são, de fato, verdadeiras no sentido em que a fórmula o é. Não vos dão a coisa real, mas algo que dela se aproxima. Consideram-se apenas como auxílios e, se não vos ajudam, podeis deixá-las de lado. A coisa em si mesma não se pode representar; pode-se apenas exprimir matematicamente. Estamos aqui na mesma situação.

Cremos que a morte de Cristo é precisamente o momento da História em que algo absolutamente inimaginável e transcendente introduz-se em nosso mundo. E se não podemos representar os átomos de que é feito o nosso próprio mundo, não seremos certamente capazes de representar aquele fato. Com efeito, se achássemos que o podíamos entender plenamente, isso mesmo provaria que não seria o que supúnhamos – o inconcebível, o incrédo, a coisa além da natureza, que penetra na natureza como um relâmpago. Podeis perguntar *que bem nos advirá daí*, se não o entendemos. Mas a isso facilmente se responde. Uma pessoa pode se alimentar sem compreender exatamente como o alimento nutre. Uma pessoa pode aceitar o que Cristo fez sem compreender como o Seu feito opera. E não saberia, com efeito, como opera, até que o tenha aceito.

Aprendemos que Cristo morreu por nós, que a Sua morte cancelou os nossos pecados e que pela Sua morte Ele venceu a própria morte. Esta é a fórmula. **Isto é o Cristianismo.** Isto é o que se deve crer. Quaisquer teorias que levantemos para explicar como a morte de Cristo operou estes efeitos, em minha opinião, são inteiramente secundárias: meros planos ou diagramas, que se podem abandonar se não nos ajudam; e mesmo que nos ajudem, não se devem confundir com a coisa em si. Não obstante, algumas dessas teorias merecem ser consideradas.

A que a maioria das pessoas conhece é a que antes mencionei, aquela segundo a qual fomos poupados porque Cristo se ofereceu voluntariamente para sofrer um castigo em nosso lugar. A julgar superficialmente, é verdadeiramente uma tola teoria. Se Deus nos podia poupar, por que, na realidade, não o fez? E que desígnio podia haver em castigar uma pessoa inocente? Nenhum, absolutamente, que eu possa ver, se pensais em castigo num sentido policial. Por outro lado, se pensais em débito, há muito sentido em que uma pessoa, que tem alguns haveres, o pague em nome de alguém que não os tem. Ou se tomais o "pagando uma penalidade", não no sentido do ser punido, mas num sentido mais geral de "aguentar as conseqüências" ou "pagar a conta", então, naturalmente, é matéria de experiência comum que, quando uma pessoa cai numa esparrela, o incômodo de o safar recai ordinariamente sobre um bom amigo.

Que espécie de buraco é esse em que o homem caíra? Havia tentado viver por conta própria, ou agir como se pertencesse a si mesmo. Em outras palavras, **o homem decaído não é simplesmente uma criatura imperfeita que necessita de aperfeiçoamento, mas UM REBELDE que precisa se render.** Depondo as armas, rendendo-se, dizendo que sentis muito, compreendendo que estivestes no mau caminho e preparando-vos para recomeçar a vida do marco zero, esse é o único modo de sair do nosso "buraco". Esse processo de rendição – esse movimento a toda velocidade para trás – é o que os cristãos chamam de "arrependimento". Ora, arrepender-se não é absolutamente uma brincadeira. É algo muito mais penoso do que simplesmente desculpar-se profunda e humildemente. Significa desaprender toda a presunção e vontade própria em que estivemos nos exercitando por milhares de anos. Significa matar uma parte de vós mesmos, sofrer uma espécie de morte. É preciso, de fato, ser um bom homem para se arrepender. E aqui está a dificuldade. **Somente uma pessoa má precisa se arrepender; mas somente uma pessoa boa PODE se arrepender perfeitamente. Quanto piores fordes, tanto mais precisareis arrepender-vos e tanto menos sereis capazes de vos arrepender. A**

única pessoa que poderia se arrepender com perfeição seria uma pessoa perfeita, e esta não precisaria se arrepender.

Lembrai-vos de que esse arrependimento, essa voluntária submissão à humilhação e a uma espécie de morte, não é algo que Deus vos peça antes de vos aceitar e de que vos poderia dispensar se assim o quisesse; é simplesmente *uma descrição do que seja a volta para Deus*. Se pedis a Deus que vos converta sem arrependimento, estais realmente pedindo que vos converta sem vos converter. Isso não tem sentido. Fica, pois, assente que devemos passar pela conversão. Mas a mesma maldade que nos faz precisar dela, nos torna incapazes dela.

Seremos, entretanto, capazes, com o auxílio de Deus? Sim, mas o que queremos dizer quando falamos em auxílio de Deus? Queremos dizer que Deus põe em nós um pouco de Si, por assim dizer. Ele nos empresta um pouco das Suas faculdades de raciocínio e é assim que pensamos; Ele põe em nós um pouco do Seu amor e é assim que amamos uns aos outros. Quando ensinais uma criança a escrever, segurais a sua mão enquanto ela traça as letras; isto é, ela traça as letras porque as estais traçando. Nós amamos e raciocinamos porque Deus ama e raciocina e segura nossa mão enquanto agimos. Se não tivéssemos caído, tudo isso seria fácil. Mas infelizmente precisamos agora do auxílio de Deus para fazer algo que Deus, em Sua própria natureza, absolutamente nunca fez – capitular, sofrer, submeter-se, morrer. Nada corresponde, absolutamente, na natureza de Deus, a este processo. Assim é que a via para a qual precisamos agora da liderança de Deus, antes de qualquer outra, é uma via que Deus, em Sua própria natureza, nunca trilhou. Deus só pode participar do que Ele tem, e isso, em Sua natureza, Ele não tem.

Mas, admitindo que Deus se fez homem, que a nossa natureza humana, que pode sofrer e morrer, se tenha amalgamado com a natureza de Deus numa pessoa; então essa pessoa podia ajudar-nos. Ele podia entregar a Sua vontade, sofrer e morrer, porque era um homem, e o podia fazer com perfeição, porque era Deus. Vós e eu poderemos participar deste processo somente se Deus o operar em nós, mas Deus só nos poderá ajudar tornando-se homem. Nossas tentativas de morrermos bem, só terão êxito se nós, homens, participarmos da morte de Deus; como o nosso pensamento somente pode ter êxito por ser como uma gota caída do oceano da Sua inteligência; mas não poderemos participar da morte de Deus a não ser que Deus morra, e Ele não pode morrer a não ser que seja um homem. É neste sentido que Ele paga os nossos débitos e sofre por nós o que Ele mesmo não precisa de modo algum sofrer.

Tenho ouvido alguns murmurarem que, se Jesus era Deus tanto quanto homem, então os Seus sofrimentos e a Sua morte perdem todo valor aos seus olhos "porque deve ter sido muito fácil para Ele". Há outros que censurem (e muito justamente) a ingratidão e a indelicadeza dessa objeção. O que me surpreende é a incompreensão que ela denuncia. Num sentido, sem dúvida, os que a fazem estão certos, e ainda mais do que certos, pois a submissão perfeita, o sofrimento perfeito, a morte perfeita não somente eram mais fáceis para Jesus porque Ele era Deus, mas somente eram possíveis porque Ele era Deus. Não seria essa, porém, uma razão muito estranha para não os aceitar? O professor é capaz de traçar as letras para a criança porque o professor é adulto e sabe como escrever. Isso faz, sem dúvida, que seja mais fácil para o professor, e somente porque é mais fácil para ele, pode ajudar a criança. Se esta o recusasse porque "é fácil para adultos" e esperasse para aprender a escrever por meio de uma outra criança que também não pudesse escrever (e assim não se apresentasse com uma vantagem "desleal"), não progrediria muito rapidamente [ou nem progrediria]. Se eu estou me afogando num rio caudaloso, alguém que ainda tenha um pé na margem pode estender-me a mão que salve a minha vida. Deveria eu gritar-lhe (entre os meus estertores): "Não, isso não é justo! Tens uma vantagem! Não estás com um pé na margem?". Essa vantagem, chamai-a "desleal" se quiserdes, é a única razão por que ele pode me ajudar. Onde haveis de buscar auxílio senão em algo mais forte do que vós?

Esse é o meu modo de ver o que os cristãos chamam *a Redenção*. Mas lembrai-vos de que é apenas mais uma descrição. Não a confundais com a coisa em si e, se não vos ajuda, abandonai-a.

V – A CONCLUSÃO PRÁTICA

Esta rendição e humilhação perfeitas foram suportadas por Cristo: perfeitas, porque Ele era Deus; rendição e humilhação, porque Ele era homem. Ora, a fé cristã é que, se participarmos **de algum modo** da humildade e dos sofrimentos de Cristo, participaremos também da Sua vitória sobre a morte e encontraremos, depois de nossa morte, uma nova vida que nos fará criaturas perfeitas e perfeitamente felizes. Isso significa muito mais do que procurarmos seguir as Suas doutrinas. Pergunta-se muitas vezes quando ocorrerá o próximo passo na evolução, o passo para algo além do homem. Do ponto de vista cristão, esse passo já ocorreu. Em Cristo apareceu uma nova espécie de homem e a nova espécie de vida que começou nEle é para germinar em nós.

Como se deve cumprir isso? Ora, lembrai-vos de como adquirimos a vida velha e comum. Fazemo-la derivar de outros, de nosso pai e nossa mãe, e de todos os nossos antepassados, sem o nosso consentimento, por um processo muito curioso, que envolve prazer, dor e perigo. Um processo que nunca teríeis suspeitado. A maioria dos homens despendeu vários anos na infância tentando decifrá-lo, e algumas crianças, quando lhes disseram pela primeira vez, não podiam acreditar no que ouviam; e não me espanto com isso, porque é uma coisa de fato muito insuspeita. Ora, o Deus que estabeleceu esse processo é o mesmo Deus que estabeleceu como a nova espécie de vida, a vida de Cristo, deve se propagar. Devemos estar preparados para a sua estranheza. Ele não nos consultou quando inventou o sexo; não nos consultou também quando inventou a graça.

Há três cousas que fazem propagar a vida de Cristo em nós: o batismo, a fé e essa ação misteriosa que os diferentes cristãos designam por diferentes nomes – Sagrada Comunhão, a Ceia do Senhor. Estes são, ao menos, os três meios principais. Não digo que não possa haver casos particulares em que seja propagada sem um ou mais destes meios. Não tenho tempo para tratar de casos particulares e não sei muito a este respeito. Se procurais dizer a alguém, em poucos minutos, como se vai a Edimburgo, dir-lhe-eis quais os trens a tomar; ele pode, é verdade, chegar lá por mar ou por avião, mas essas indicações dificultariam a informação. E nada digo a respeito da importância dos três meios. O meu amigo metodista gostaria que eu falasse mais acerca da Fé, e menos (proporcionalmente) acerca dos outros dois. Mas não entro nessa discussão. Quem quer que professe ensinar-vos a doutrina cristã, dir-vos-á que useis os três meios, e isso basta para o nosso objetivo presente.

Pessoalmente, eu não compreendo porque esses meios haviam de ser os condutores da nova espécie de vida. Mas, se não soubesse, eu nunca teria atinado por uma conexão entre um determinado prazer físico e o aparecimento de um novo ser humano no mundo. Temos de aceitar a realidade como ela se nos apresenta: não adianta tagarelar acerca de como deveria ser, ou do que esperaríamos que fosse. Mas embora eu não possa compreender “porque” deva ser assim, eu posso dizer porque creio que seja assim. Expliquei porque me vejo forçado a crer que Jesus era (e é) Deus. E parece claro, como uma questão de história, que Ele ensinou aos seus discípulos que a nova vida se comunicaria desse modo. Em outras palavras, eu o creio, baseado em Sua autoridade. Não vos assusteis por causa da palavra *autoridade*. Admitir as cousas por autoridade significa apenas que credes nelas porque vos foram ditas por alguém que julgais digno de confiança. Noventa e nove por cento das cousas que admitis são cridas por autoridade. Eu creio que existe um lugar chamado Nova Iorque. Nunca o vi pessoalmente. Não poderia provar por um raciocínio abstrato que esse lugar deva existir. Creio que existe, porque pessoas dignas de crédito me disseram. O homem comum crê no sistema solar, em átomos, evolução, e na circulação do sangue, por autoridade, porque os cientistas assim o dizem. Todas as afirmações históricas neste mundo são cridas por autoridade. Nenhum de nós presenciou a Conquista da Normandia ou a derrota da Armada. Nenhum de nós poderia provar estes fatos em pura lógica, como se prova uma verdade matemática. Admitimo-los simplesmente porque pessoas que os presenciaram deixaram escritos que os relatam: portanto, por autoridade. Quem recusasse a autoridade em outras matérias, como algumas pessoas o fazem com a religião, teria que se resignar a nada saber durante toda a sua vida. [E não há lugar para achismos neste mister].

Não penseis que erijo o batismo, a fé e a Santa Comunhão como meios que operarão em lugar dos vossos próprios esforços para imitar a Cristo. A vossa vida natural deriva de vossos pais; isso não significa que a possais conservar se nada fizerdes neste sentido. Podeis perdê-la por negligência ou extingui-la por suicídio. Tendes de alimentá-la e cuidar dela, mas lembrai-vos sempre de que não a estais criando e de que estais apenas conservando uma vida que recebestes de outrem. Um cristão pode, do mesmo modo, perder a vida de Cristo, que lhe foi dada, e tem de esforçar-se por preservá-la. Mas mesmo o melhor cristão do mundo não a extrai do seu próprio íntimo: está apenas nutrindo ou defendendo uma vida que nunca poderia ter adquirido com os seus próprios esforços. E isso tem conseqüências práticas. Enquanto conservardes em vossos corpos a vida natural, esta muito fará para reparar esses corpos. Feri-o, que, até um certo ponto, ele se curará, cousa que não faz um corpo morto. Um corpo vivo não é um corpo que nunca adoece, mas um corpo que pode, até um certo limite, recuperar-se a si mesmo. Do mesmo modo, um cristão não é um homem que nunca peca, mas um homem que é capaz de arrepender-se e reabilitar-se, e começar de novo depois de cada queda, porque a vida de Cristo está no seu interior, refazendo-o sempre, habilitando-o a reproduzir (num certo grau) a mesma morte voluntária que Cristo suportou.

Essa é a razão por que o cristão está em diferente situação relativamente a outras pessoas que procuram ser boas. Estas esperam, sendo boas, agradar a Deus, se é que existe um Deus; ou, se pensam que não existe, esperam apenas merecer a aprovação dos homens bons. Mas o cristão atribui todo o bem que faz à vida de Cristo no seu interior. **Não pensa que Deus nos amará porque sejamos bons, mas que Deus nos fará bons porque Ele nos ama;** como o telhado de uma estufa para plantas não atrai o sol porque é brilhante, mas torna-se brilhante porque nele brilha o sol.

Permiti que deixe bem claro que, quando os cristãos dizem que a vida de Cristo está neles, não estão querendo indicar apenas algo mental ou moral. Quando dizem que estão "em Cristo", ou que Cristo está "neles", não se servem apenas de um modo de dizer, para exprimir que pensam em Cristo ou O imitam. Querem dizer que Cristo está realmente operando através deles; que toda a massa dos cristãos é o organismo físico por meio do qual Cristo opera, que nós somos os Seus dedos e músculos, as células do Seu corpo. E talvez isso explique uma ou duas cousas. Isso explica por que essa nova vida se comunica, não somente por puros atos mentais como a fé, mas por atos corpóreos como o batismo e a Santa Comunhão. Não se trata apenas da propagação de uma idéia; parece-se mais com uma evolução, um fato biológico ou superbiológico. **Não adianta querer ser mais espiritual do que Deus.** Deus nunca pensou em fazer do homem uma criatura *puramente espiritual*. Essa é a razão pela qual Ele usa cousas materiais como o pão e o vinho para nos relacionar à nova vida. Isso nos pode parecer um tanto rude e material. Porém não para Deus: Ele inventou o comer. Agradá-lhe a matéria. Ele a criou.

Eis uma outra cousa que costumava confundir-me. Não seria terrivelmente injusto que essa nova vida ficasse confinada às pessoas que ouviram falar de Cristo e puderam crer nEle? Mas a verdade é que Deus nada nos disse a respeito das outras pessoas. Sabemos que ninguém se pode salvar, senão por Cristo; não sabemos se apenas aqueles que O conhecem podem ser salvos por Ele. Entrementes, se vos preocupa a sorte da gente que está fora, a cousa mais irracional que podeis fazer é permanecerdes fora vós mesmos. Os cristãos são o corpo de Cristo, o organismo através do qual Ele age. Cada adição a esse corpo habilita-O a realizar mais. Se desejais ajudar os que estão fora, deveis acrescentar a vossa pequena célula ao corpo de Cristo que unicamente os pode ajudar. Amputar os dedos de um homem seria um estranho meio de fazê-lo trabalhar mais.

Outra possível objeção é a seguinte. Por que desembarcou Deus disfarçado nesta terra ocupada pelo inimigo e iniciou **uma espécie de sociedade secreta** para dar combate ao demônio? Por que não desembarcou com o seu poder, invadindo-a? Será que Ele não é tão poderoso assim? **Os cristãos crêem, na realidade, que Ele desembarcará com todo o seu poder; só não sabemos quando. Mas podemos entrever a razão por que está demorando: Ele quer nos dar a oportunidade de passarmos para o Seu lado livremente.** Suponho que nem eu nem vós pensaríamos bem de um francês que esperasse até que os aliados estivessem marchando em território alemão para anunciar que estava do nosso lado. **Deus invadirá. Mas duvido que as pessoas que pedem a Deus uma ação aberta e direta em nosso mundo compreendam perfeitamente o que acontecerá quando Ele o**

fizer. Quando isso ocorrer, será o fim do mundo. Quando o autor aparece, no palco, a peça está terminada. Deus invadirá, sem dúvida; mas de que serve dizer que estareis então do Seu lado, quando virdes todo o universo natural derretendo-se como um sonho, e algo mais, algo que nunca chegaste a conceber, vir com estrondo; algo tão belo para alguns de nós e tão terrível para outros, que nenhum de nós terá meio de escapar-lhe? Porque, dessa vez, será Deus sem disfarce; algo tão extraordinário que suscitará ou um amor irresistível ou um horror irresistível em cada criatura. Será então tarde demais para escolher o lado. **Não adianta dizer que escolheis deitar-vos quando é impossível ficar em pé. Não será mais o tempo para escolher:** será a hora de ficarmos sabendo qual o lado que realmente escolhemos, quer o tenhamos antes compreendido ou não. Hoje, este momento, é a nossa oportunidade para escolher o lado certo. Deus se detém para nos dar essa oportunidade. Não será assim sempre. Cabe-nos aproveitá-la ou deixá-la de uma vez.

LIVRO III

CONDUTA CRISTÃ

....

I – AS TRÊS PARTES DA MORAL

Há uma história de um estudante colegial a quem se perguntara que idéia ele fazia de Deus. Ele respondeu que, tanto quanto podia compreender, pensava que Deus era "o tipo de pessoa que está sempre à espreita para ver se alguém está-se divertindo e então procurar fazê-lo parar". Eu temo que seja essa idéia que a palavra moralidade suscite em muitos espíritos: algo que interfere, algo que vos impede de ter prazer e diversão. Em verdade, as regras morais são diretrizes para a máquina humana funcionar bem. Cada regra moral tem por fim prevenir um desconcerto, um excesso ou um atrito no funcionamento dessa máquina. Essa é a razão pela qual essas regras parecem à primeira vista estar constantemente contrariando as nossas inclinações naturais. Quando aprendeis a usar uma máquina, o instrutor não para de dizer: "Não! Não façais isso! Não é desse jeito; etc.", porque, naturalmente, há toda uma sorte de cousas que parecem acertadas e se vos apresentam como se fossem o modo natural de manejar a máquina, mas na realidade não dão certo.

Algumas pessoas preferem falar de "ideais", ao invés de "regras" morais, e de "idealismo moral", ao invés de obediência à lei moral. É, sem dúvida, verdade que a perfeição moral é um "ideal", no sentido de que não a podemos jamais alcançar. Nesse sentido, toda espécie de perfeição é para nós mortais um ideal; não conseguimos ser perfeitos condutores de automóvel, ou perfeitos jogadores de ténis, ou chegar a traçar com perfeição linhas retas à mão. Mas em outro sentido, dá impressão muito errônea chamar a perfeição moral de ideal. Quando alguém diz que determinada mulher, ou casa, ou um navio, ou um jardim, é "o seu ideal", não quer dizer (a não ser que seja um tolo) que todos os outros devam ter o mesmo ideal. Em tais matérias, nós temos direito de ter diferentes gostos e, por isso, diferentes ideais. Mas é perigoso descrever um homem que procura seriamente observar a lei moral como um "homem de altos ideais", porque isso poderia levar-vos a pensar que a perfeição moral fosse um gosto particular dele, e que os outros não são chamados a participar dela. Isso seria um engano desastroso. Um comportamento perfeito pode ser tão inatingível como uma perfeita mudança de marcha quando conduzimos um carro; mas é um ideal necessário prescrito para todos os homens pela verdadeira natureza da máquina humana, tal como uma perfeita mudança de marcha é um ideal prescrito para todos os condutores de automóvel pela verdadeira natureza dos carros. E seria mesmo mais perigoso considerar-se alguém uma pessoa "de altos ideais", porque procura nunca mentir (em vez de quase nunca mentir), ou nunca cometer adultério (em vez de só o cometer raramente), ou não ser um brigão (em vez de o ser apenas em casos de necessidade extrema). Isso poderia vos levar a tornar-vos pretensiosos, e a pensar que éreis pessoas excepcionais, que merecem ser aplaudidas por seu "idealismo". Na realidade, poderíeis esperar, do mesmo modo, ser aplaudidas por seu "idealismo". Da mesma forma, poderíeis esperar ser aplaudidos porque, todas as vezes que fazeis uma soma, procurais fazê-la com exatidão. Certamente, uma aritmética perfeita é "um ideal"; cometereis sem dúvida alguns enganos em alguns cálculos. Mas não há nada de especial em procurar ser exatíssimo em cada passo de todas as contas que fazeis. Seria uma idiotice não o procurar, porque cada engano está fadado a vos trazer um incômodo mais tarde. Cada falha moral está fadada, do mesmo modo, a causar perturbação, provavelmente a outros e certamente a vós mesmos. Falar de regras e obediência em vez de "ideais" e "idealismo" ajuda-nos a deixar bem lembradas essas verdades.

Demos agora um passo adiante. Há dois modos de a máquina humana funcionar mal. Um é quando os indivíduos se afastam uns dos outros, ou então colidem entre si e se prejudicam mutuamente, enganando-se ou brigando. O outro é quando as cousas não vão bem **dentro** do próprio indivíduo, quando as diferentes partes que o compõem (as suas diversas faculdades, e desejos, e outras

cousas), ou se dissociam ou interferem umas com as outras. Podeis ter uma clara idéia se comparardes os homens a uma esquadra de muitos navios navegando em formação. O cruzeiro terá êxito apenas se, em primeiro lugar, os navios não colidirem nem se atrapalharem uns aos outros; e, em segundo lugar, se todos os navios estiverem em condições de navegar ou tiverem as suas máquinas em bom funcionamento. Para dizer a verdade, não podeis ter qualquer destas duas cousas sem a outra. Se os navios começarem a colidir, não terão condições de navegar por muito tempo. Por outro lado, se as engrenagens de direção estão fora de ordem, não poderão evitar as colisões. Ou, se preferis, comparai a humanidade a uma orquestra tocando uma peça musical. Para se obter um bom resultado, são necessárias duas cousas. O instrumento de cada um dos músicos deve estar afinado e cada um deve também tocar no momento exato, de modo a combinar os sons com todos os outros.

Mas há uma cousa que ainda não levamos em consideração. Não inquirimos para onde a frota se dirige, ou que músicas a banda vai tocar. Os instrumentos poderiam estar todos afinados e começarem todos a tocar no momento certo, mas mesmo assim a execução não teria êxito se os músicos tivessem sido contratados para tocar música dançante e realmente não tocassem outra cousa senão marchas fúnebres. E por melhor que a esquadra navegasse, a sua viagem seria um fracasso se ela tivesse sido contratada para alcançar Nova York e chegasse a Calcutá.

A moral parece, pois, relacionar-se com três cousas. Primeiro, com a justiça e harmonia entre os homens. Segundo, com o que se poderia chamar de uma ordenação e harmonização das cousas no interior de cada indivíduo. Terceiro, com o objetivo geral da vida humana considerada como um todo, ou para que fim o homem foi criado. Em que rota deve seguir a esquadra? Que espécie de música o regente da banda tem que tocar?

Podeis ter observado que modernamente as pessoas estão quase sempre pensando sobre a primeira dessas cousas e esquecendo as outras duas. Quando se diz nos jornais que estamos nos esforçando para atingir padrões morais cristãos, quer-se de fato dizer que estamos nos esforçando por praticar a amabilidade e a justiça entre as nações, as classes sociais e os homens; isto é, pensa-se unicamente no primeiro ponto. Quando alguém diz, a respeito de algo que quer fazer: "Não posso estar errado, porque isso não prejudica a ninguém", está pensando apenas no primeiro ponto. Julga que não importa como esteja o seu navio por dentro, desde que não colida com outro navio. É muito natural quando começamos a falar de moralidade, começar pelo que é primeiro, pelas relações sociais. Com efeito, os resultados de uma conduta má neste particular, são gritantes e nos oprimem todos os dias: guerra, pobreza, fraude, mentiras, trabalho de péssima qualidade, etc. É certo também que, enquanto vos ativerdes ao primeiro ponto, há pouco desacordo sobre a moral. Quase todos os povos em todos os tempos concordaram (em teoria) que os homens devem ser honestos, amáveis e serviçais uns para com os outros. Mas embora seja natural começar por tudo isso, se o nosso pensamento moral parasse aí, seria o mesmo que não pensar em nada. Assim, a não ser que passemos para o segundo ponto – o da ordenação das coisas *dentro* de cada indivíduo –, estaremos apenas nos enganando a nós mesmos.

De que serve dizer como conduzir os navios de modo a evitar colisões, se, de fato, eles são uns cangalhos que simplesmente não se podem dirigir? De que serve traçar no papel regras de bom comportamento social, se sabemos que, de fato, a nossa avidez, a nossa covardia, o nosso mau gênio e a nossa presunção vão nos impedir de guardá-las?... Não quero dizer, nem por um instante, que não devamos pensar, e pensar seriamente, sobre melhoramentos a introduzir em nosso sistema político e socioeconômico. O que quero dizer é que todo esse trabalho será mera fantasia, a não ser que compreendamos que só a coragem e a generosidade *dentro* dos indivíduos haverão finalmente de pôr qualquer sistema em efetivo funcionamento. É bastante fácil afastar determinadas espécies de fraude ou opressão que subsistem no presente sistema; mas enquanto os homens forem falsos ou opressores encontrarão um novo meio de continuar o velho jogo sob o novo sistema. Não podeis fazer os homens bons por uma lei; e sem homens bons não podeis ter uma sociedade boa. Essa é a razão pela qual devemos prosseguir cuidando do segundo ponto: a moralidade *dentro* do indivíduo.

Mas também não penso que se possa parar aí. Chegamos agora ao ponto em que as diferentes crenças sobre o universo levam a diferentes comportamentos. E pareceria, à primeira vista, muito sensato parar antes de chegarmos a este ponto, ou naquelas partes da moralidade que todas as pessoas sensatas concordam. Mas podemos? Lembrai-vos de que a religião pressupõe uma série de afirmações

sobre fatos, as quais poderão ser verdadeiras ou falsas. Se forem verdadeiras, seguir-se-ão certas conclusões relativas à correta maneira de navegar a esquadra humana; se são falsas, as conclusões serão outras. Voltemos, por exemplo, ao homem que diz que uma cousa não pode estar errada a não ser que prejudique algum outro ser humano. Ele compreende bem que não deve prejudicar os outros navios do comboio, mas pensa sinceramente que o que faz ao seu próprio navio é um problema só seu. Não será, contudo, diferente, se o seu navio for uma propriedade sua ou de outrem? Não será diferente se eu for, por assim dizer, o proprietário da minha mente e do meu corpo, ou apenas um arrendatário responsável perante o verdadeiro dono? Se alguém me criou, para os seus próprios fins, eu terei então uma porção de deveres que não teria se pertencesse simplesmente a mim mesmo.

O Cristianismo assevera, outrossim, que todos os homens, sem exceção, viverão eternamente e isso deve ser verdadeiro ou falso. Ora, há uma porção de cousas que não mereceriam nossa preocupação se fôssemos viver apenas setenta anos, mas que deveriam nos preocupar seriamente se vamos viver eternamente. Talvez o meu mau gênio ou a minha inveja estejam se tornando cada vez piores, mas tão gradativamente que o seu aumento em setenta anos não seja muito sensível, porém o seu aumento dentro de um milhão de anos seria um verdadeiro inferno! Se, com efeito, o Cristianismo é verdadeiro, inferno é precisamente o termo técnico correto para designar o que ocorreria. E a imortalidade produziria outra diferença, que, diga-se de passagem, tem uma conexão com a diferença entre o totalitarismo e democracia. Ora: se os homens vivem apenas setenta anos, então um estado, uma nação, ou uma civilização, que podem durar mil anos, é mais importante do que um indivíduo. Mas se o Cristianismo é verdadeiro, então o indivíduo não somente é mais importante, mas é incomparavelmente mais importante, porque ele é imortal, e a vida de um estado ou de uma civilização, comparada com a dele, corresponde apenas a um breve instante.

Parece, portanto, que, se devemos cogitar de moralidade, devemos tratar de todos os três pontos: as relações de homem para com o homem; as cousas no interior de cada homem; e as relações entre o homem e o poder que o criou. Podemos todos cooperar no que diz respeito à primeira parte. Os desacordos começam com a segunda e se tornam sérios com a terceira. É tratando desta que as principais diferenças entre a moral cristã e a não-cristã aparecem. Daqui por diante, adotarei neste livro o ponto de vista cristão, olhando todo o quadro conforme há de ser se o Cristianismo for verdadeiro.

II – AS "VIRTUDES CARDEAIS"

O capítulo anterior foi originalmente composto para ser proferido como uma breve palestra pelo rádio.

Se temos permissão para falar por dez minutos apenas, qualquer outra coisa tem de ser sacrificada à brevidade. Uma das minhas principais razões para dividir a moralidade em três partes (com a minha imagem dos navios singrando em comboio), foi que esse parecia o caminho mais breve de percorrer em toda a sua extensão o assunto. Pretendo dar agora uma idéia de outro modo de dividir a moral, próprio dos antigos escritores, e que seria longo demais para utilizar na minha palestra, mas que é uma ótima divisão.

De acordo com essa divisão há sete "virtudes", quatro das quais são chamadas "cardeais", e as três restantes "teológicas". As "cardeais" são aquelas que todo homem civilizado reconhece; as "teológicas" são aquelas que, por via de regra, são conhecidas somente dos cristãos. Tratarei das teológicas mais tarde. Falarei, no momento, das quatro virtudes cardeais. (A palavra "cardeal" nada tem a ver com os "cardeais" da igreja romana. Deriva de uma palavra latina, que significa "o gonzo de uma porta". Chamaram-se virtudes "cardeais" porque são, como se deveria dizer, "pivotantes") [giram em torno de um ponto central]. Elas são as seguintes: PRUDÊNCIA, TEMPERANÇA, JUSTIÇA e FORTALEZA.

A *prudência* significa o senso comum prático, que se dá ao trabalho de considerar bem o que se faz e o que provavelmente resultará da ação. Hoje em dia a maioria das pessoas dificilmente consideraria a prudência como uma das "virtudes". Por ter dito Cristo que só poderíamos entrar no Seu reino tornando-nos crianças, muitos cristãos têm, com efeito, a idéia de que, desde que sejam "bons",

não importa ser tolo. Mas isso é um mal-entendido. Em primeiro lugar, a maioria das crianças mostra uma grande "prudência" relativamente às cousas nas quais estão verdadeiramente interessadas, e as consideram muito sensatamente. Em segundo lugar, como S. Paulo o indicou, Cristo nunca pretendeu que devêssemos ficar crianças na *inteligência*; ao contrário, Ele nos disse que fôssemos não somente "simples como pombos", mas também "prudentes como serpentes". Ele nos quer com o coração de menino mas com a cabeça de adulto. Ele nos quer simples, sinceros, amorosos e dóceis, como as boas crianças o são, mas quer também que sejamos aplicados ao nosso dever com toda a inteligência de que formos capazes e com uma excelente *disposição de combate*. Pelo fato de estarmos dando dinheiro a uma obra de caridade, não se segue que não devamos averiguar se essa obra de caridade é uma fraude ou não. Pelo fato de que o objeto em que se pensa seja o próprio Deus (quando, por exemplo, oramos), não se segue que se deva estar contente com as mesmas idéias infantis que se tinham aos cinco anos de idade. É verdade, naturalmente, que Deus não vos amará menos, ou precise menos de vós, se acontecer que **tenhais nascido com uma inteligência inferior. Ele tem lugar para as pessoas com pouco discernimento, mas Ele quer que cada um use a inteligência que tem.** A verdadeira divisa não é: "Sede bons, doces, e deixai que seja inteligente quem puder", mas: "Sede bons, doces, e não vos esqueçais de que isso significa que sejais o mais inteligente que puderdes". Deus não aprecia a indolência intelectual mais do que qualquer outra indolência. Se pensais em vos tornardes cristãos, advirto-vos de que empreendeis algo que exige todo o vosso ser, inteligência e tudo o mais. Mas, felizmente, é assim. **Todos os que sinceramente procuram ser cristãos sentirão em breve as suas inteligências aguçadas: uma das razões por que não é preciso uma educação especial para ser cristão é que o Cristianismo é em si mesmo uma educação.** Essa é a razão por que um fiel inculto como Bunyan foi capaz de escrever um livro (*O Peregrino*) que espantou o mundo inteiro.

A *temperança* é, infelizmente, uma dessas palavras que têm mudado de sentido. Ela agora significa ordinariamente a abstinência ao álcool. Mas nos dias em que a segunda virtude cardeal era a "temperança" cristã, não significava nada disso. A temperança não dizia respeito à bebida em particular, mas a todos os prazeres, e significava, não a abstenção, mas o uso conveniente. É um equívoco pensar que os cristãos devam ser todos abstêmios: o Maometismo, não o Cristianismo, é a religião abstêmia. Sem dúvida, pode ser o dever de um determinado cristão, ou de qualquer cristão, abster-se, num determinado tempo, de bebidas fortes, ou porque seja um homem que não pode beber sem beber demais, ou porque precise dar o dinheiro aos pobres, ou porque esteja acompanhado de pessoas inclinadas à embriaguez e não os deve estimular bebendo ele próprio. Mas o que importa fixar é que ele, por uma boa razão, se abstém de algo que não condena, e que gosta de ver os outros usufruindo. Um dos sinais de um certo tipo de maldade é não poder alguém renunciar um bem sem querer que todos os demais o renunciem. Este não é um sentimento cristão. Um cristão em particular pode ver que lhe é conveniente renunciar, por motivos particulares, a muitas espécies de bens: casamento, carne, cerveja, cinema; mas, desde o momento em que começa a dizer que essas cousas são más em si mesmas, ou a desprezar as pessoas que delas se servem, meteu-se num caminho errado.

Essa moderna restrição da palavra *temperança* ao problema da bebida causou um grande mal. Ajuda a gente a esquecer que se pode ser igualmente intemperante a respeito de uma porção de outras cousas. Um homem que faz do futebol ou da motocicleta o centro da sua vida, ou uma mulher que dedica todos os seus pensamentos aos vestidos, ou ao bridge, ou ao seu cão, está sendo tão "intemperante" quanto alguém que se embriaga todas as tardes. Sem dúvida, [aquelas coisas] não transparecem tão facilmente no exterior; **bridgemanía, ou futebol-mania, não vos fazem cair no meio da rua. Mas Deus não se engana com as aparências.**

A *justiça* significa muito mais do que o que se passa nos tribunais. É aquilo a que nos referimos quando dizemos que determinado procedimento "está direito", e inclui honestidade, reciprocidade, veracidade, fidelidade aos compromissos e todo esse lado da vida. A *fortaleza* inclui ambas as espécies de coragem: a que enfrenta um perigo e a que suporta o sofrimento. "Tripa"^(NR2) é talvez a palavra moderna que mais se aproxima desse vocábulo. Observar-se-á, sem dúvida, que não se pode praticar nenhuma das outras virtudes por muito tempo sem que esta entre em jogo.

Há uma questão ulterior a respeito das virtudes que deve ser referida. Há uma diferença entre o praticar determinada ação, justa ou temperante, e ser um homem justo ou temperante. Quem não é um bom jogador de ténis pode fazer às vezes uma boa jogada. O que se entende por um bom jogador é aquele cujos olhos, músculos e nervos estão tão treinados, por inumeráveis boas jogadas, que se pode confiar neles a qualquer momento. Têm um tom ou qualidade que se conserva mesmo quando o jogador não está jogando, como a mente de um matemático tem um certo hábito e perspectiva que permanecem mesmo quando não cogita de matemática. Do mesmo modo, quem persevera na prática de ações justas adquire afinal uma certa qualidade de caráter. Ora, [na verdade] é antes essa qualidade e não as ações singulares que queremos significar ao falar de uma "virtude".

Essa distinção é importante pela seguinte razão. Se cogitássemos apenas das ações em si poderíamos estimular três idéias errôneas:

1a – Poder-se-ia pensar que, desde que se tenha feito o que convém, não importa como nem por que se fez, se de boa ou má vontade, com enfado ou alegremente, por medo da opinião Pública ou por amor à própria ação. Mas a verdade é que as ações justas feitas por uma falsa razão não ajudam a construir a qualidade ou caráter que se chama "virtude" – e é essa qualidade ou caráter que realmente importa. (Se o mau jogador de ténis rebate com violência, não porque veja que uma jogada violenta é requerida, mas porque se descontrolou, a sua jogada poderia talvez casualmente ajudá-lo a vencer um dado jogo, mas não o ajudará a tornar-se um jogador de confiança).

2a – Poder-se-ia pensar que Deus exige apenas obediência a uma série de regras, ao passo que o que Ele quer, na realidade, são pessoas de determinada qualidade.

3a – Poder-se-ia pensar que as "virtudes" fossem necessárias somente para a presente vida; que no outro mundo poder-se-ia deixar de ser justo, porque nada há que disputar, e deixar de ser corajoso, porque não há perigo. É, de fato, verdade que não haverá provavelmente ocasião para ações justas ou corajosas no mundo futuro, mas só haverá a possibilidade de ser a espécie de gente que deveríamos ser apenas como resultado de ter praticado tais atos aqui. **O problema não está em que Deus recusará admitir-vos em Seu reino eterno, se não tiverdes adquirido certas qualidades de caráter, mas em que, se as pessoas não tiverem adquirido ao menos os começos dessas qualidades no seu íntimo, não haverá então condições externas possíveis que façam um "Céu" para elas, isto é, que as tornem felizes com a profunda, forte e inabalável espécie de felicidade que Deus nos quer proporcionar.**

III – A MORAL SOCIAL

A primeira coisa a deixar clara a respeito da moral cristã quanto às relações de homem para homem é que, neste setor, Cristo não veio pregar nenhuma nova moral. A regra áurea do Novo Testamento ("Faze aos outros como quisesas que fizessem contigo") é uma súpula do que cada um, no fundo, sempre soube ser o certo. Os grandes mestres de moral, com efeito, nunca introduziram novas moralidades: são os charlatães e os excêntricos que o fazem. Como o Dr. Johnson disse: "As pessoas precisam com mais freqüência ser lembradas do que instruídas". O verdadeiro ofício de todos os mestres de moral é continuar a trazer-vos de volta, repetidas vezes, à simplicidade dos velhos princípios, de que nos tornamos todos ansiosos por não os ver, como se traz de volta um cavalo, uma e mais vezes, à cerca que recusou saltar, ou a criança ao pedaço da lição de que quer se esquivar.

^(NR2) – A palavra "tripa" talvez tenha perdido o seu sentido etimológico da região onde surgiu, ou ganhou um sentido regional no Brasil que perdeu o uso com o tempo. O sinônimo melhor e mais atual seria "fibra", o qual une as duas espécies de coragem e também significa, por extensão, "tripa" (p.us., segundo o Aurélio).

A segunda cousa a deixar claro é que o Cristianismo não tem, e não professa ter, um programa político pormenorizado para aplicação do "Fazei como quizeras que vos fizessem" a uma dada sociedade num dado momento. E não poderia ter. Ele destina-se a todos os homens de todos os tempos e um programa particular que conviria a um lugar ou tempo não conviria a outro. De qualquer modo, não é assim que o Cristianismo exerce a sua influência. Quando diz que devemos dar de comer ao faminto, não vos dá lições de arte culinária. Quando vos diz que deveis ler as Escrituras, não vos dá lições de hebraico e grego, ou mesmo de gramática da língua pátria. Nunca pretendeu substituir ou desalojar as artes e as ciências humanas ordinárias; é antes **um diretor** que aplicará todas elas convenientemente aos seus fins, e uma fonte de energia que lhes dará a todas uma nova vida, se forem dóceis à sua influência.

Diz-se: "A Igreja nos deve dar uma orientação". Isso é verdade, se o entendermos devidamente, mas falso, se o entendermos mal. Por Igreja deve-se entender todo o corpo dos cristãos praticantes. E quando se diz que a Igreja nos deve dar uma orientação, deve-se entender que alguns cristãos, aqueles que têm as qualidades requeridas, deveriam ser economistas e homens públicos, e que todos os economistas e homens públicos deveriam ser cristãos, e que todos os seus esforços em política e economia deveriam ser dirigidos para pôr o "Fazei como quizeras que vos fizessem" em prática. Se isso acontecesse, e se nós estivéssemos realmente preparados para o aceitar, encontraríamos então bem depressa a solução cristã dos nossos próprios problemas sociais. Mas, naturalmente, quando se pede uma orientação à Igreja, a maioria das pessoas entende que desejaria ver **o clero** formulando um programa político. Isso é tolice. O clero é formado de determinadas pessoas dentro da Igreja que foram particularmente treinadas e destinadas para cuidar do que nos diz respeito como criaturas que vão viver eternamente; pedimos-lhes que exerçam um ofício completamente diferente, para o qual não foram preparados. Esses encargos nos competem a nós leigos. A aplicação dos princípios cristãos, ao sindicalismo ou à Educação, deve provir de sindicalistas cristãos e educadores cristãos, assim como a literatura cristã provém de romancistas e dramaturgos cristãos, e não de uma assembléia **de bispos** reunidos a procurar escrever peças e romances em suas horas de lazer.

Contudo, o Novo Testamento, sem entrar em pormenores, dá-nos uma sugestão bastante clara do que deveria ser uma sociedade plenamente cristã. Talvez nos dê mais do que possamos receber. Diz-nos que nela não pode haver passageiros ou parasitas: se alguém não trabalha também não deve comer. Todos têm de trabalhar com as próprias mãos, e o que é mais, o trabalho de cada um deve produzir algo útil: não haverá fabricação de tolas superfluidades, nem anúncios ainda mais tolos para nos persuadir a comprá-las. E não deve haver presunção nem afetação nem ares pretensiosos. Até aí uma sociedade cristã seria o que agora chamamos esquerdistas. Por outro lado, estaria sempre insistindo na **obediência**: obediência (e sinais exteriores de respeito) da parte de todos nós para com as autoridades legitimamente constituídas, da parte dos filhos para com os pais e (temo que isso não será de modo algum apreciado) da parte das mulheres para com seus maridos. Em terceiro lugar, deveria ser uma sociedade exultante: cheia de canto e alegria, vendo na preocupação e na ansiedade um desacerto. A cortesia é uma das virtudes cristãs; e o Novo Testamento detesta o que chama de "intrometidos".

Se houvesse tal sociedade em algum lugar, e vós ou eu a visitássemos, julgo que sairíamos com uma estranha impressão. Acharíamos que a sua vida econômica era muito socialista e, nesse sentido, "adiantada", mas acharíamos a sua vida familiar e o seu código de maneiras um tanto antiquado, talvez mesmo cerimonioso e aristocrático. Cada um de nós gostaria de algumas cousas dessa vida, mas temo que muito poucos gostariam de tudo. Isso é precisamente o que é de se esperar se o Cristianismo é o plano total para a máquina humana. Todos nós nos afastamos desse plano total em diferentes direções, e todos nós queremos provar que a nossa modificação do plano original é o próprio plano. Constatá-lo-éis muitas vezes, a respeito de tudo que seja realmente cristão: todos são atraídos por partes da doutrina e as querem selecionar, abandonando o resto. Essa é a razão por que pouco progredimos e é também a razão por que dois partidos que combatem por causas completamente opostas podem ambos dizer que combatem pelo Cristianismo.

Vejamos agora um outro ponto. Há um conselho que nos foi dado pelos antigos pagãos gregos, pelos judeus no Velho Testamento e pelos grandes mestres da idade média, a que o moderno sistema econômico desobedeceu completamente. Toda aquela gente [antiga] nos ensinou a não emprestar dinheiro a juros, e emprestar dinheiro a juros – o que chamamos de investimento – é a base de todo o nosso sistema. Ora, pode ser que não estejamos necessariamente errados. Dizem alguns que, quando Moisés e Aristóteles e os cristãos concordaram em proibir os juros (ou "usura", como o chamaram), não podiam prever a sociedade anônima e cogitavam apenas dos prestamistas particulares e que, por isso, não nos precisamos preocupar com o que disseram. Essa é uma questão que eu não posso decidir. Não sou economista e simplesmente não sei se o sistema de investimento é responsável ou não pelo estado de cousas em que nos encontramos. É aqui que precisamos do economista cristão. Mas eu não seria honesto se não vos dissesse que três grandes civilizações concordaram (ou assim parece à primeira vista) em condenar precisamente aquilo em que se baseia toda a nossa sociedade.

Mais uma observação e terei acabado. Na passagem em que o Novo Testamento nos diz que devemos trabalhar, dá como razão o "a fim de que possamos ter algo para dar àqueles que necessitam". Caridade, dar aos pobres, é uma parte essencial da moral cristã; na terrível parábola das ovelhas e dos bodes, parece ser este o ponto em torno do qual tudo gira. Dizem alguns hoje em dia que a caridade deveria ser desnecessária e que em vez de dar aos pobres deveríamos organizar uma sociedade em que não houvesse pobres aos quais dar. Eles podem estar inteiramente certos ao dizerem que deveríamos organizar tal sociedade. Mas se alguém pensar que, em consequência, se pode deixar, neste ínterim, de dar, terá abandonado toda a moral cristã. **Não creio que alguém possa determinar quanto se deva dar. Acho que a única regra segura é dar mais do que nos sobra. Em outras palavras, se os nossos gastos em conforto, superfluidades, divertimentos, etc., chegam ao padrão comum entre os que têm a mesma renda, estaremos provavelmente dando muito pouco. Se as nossas liberalidades não nos privam de nada ou não nos embaraçam, diria que são muito pequenas. Deve haver cousas que gostaríamos de fazer e não podemos porque os nossos gastos com a caridade as excluem. Falo agora de "esmolas" no sentido comum. Casos particulares de necessidade entre os vossos parentes, amigos, vizinhos ou empregados, que Deus, por assim dizer, leva ao vosso conhecimento, podem exigir muito mais: até o enfraquecimento e a ameaça de vossa própria situação.** Para muitos de nós o grande obstáculo à caridade não jaz em nosso modo de viver luxuoso, ou no desejo de mais dinheiro, mas em nosso medo, medo de insegurança. Isso deve muitas vezes ser encarado como uma tentação. Algumas vezes também o nosso orgulho impede a nossa caridade: somos tentados a gastar mais do que devemos nas formas ostensivas de generosidade (gratificações, hospitalidade) e menos do que devemos nas que realmente precisam de nossa ajuda.

E agora, antes que eu termine, vou me aventurar num palpite sobre a impressão que este capítulo causou nos que o leram. Meu cálculo é que há entre eles alguns esquerdistas que ficaram muito zangados porque não se tenha ido mais longe nessa direção; e alguns, de índole contrária, que ficaram muito zangados porque julgam que fui longe demais. Se assim é, isso nos traz diretamente ao obstáculo real em todas essas tentativas de projetos de uma sociedade cristã. A maioria das pessoas não estuda realmente o assunto para descobrir o que o Cristianismo diz; estudamo-lo na esperança de achar no Cristianismo um apoio para os pontos de vista do nosso próprio partido. Procuramos um aliado onde só existe um Mestre e um Juiz. **Eu também sou assim. Há trechos neste capítulo que eu quisera omitir.** E essa é a razão por que absolutamente nada resultará de tais palestras, a não ser que mudemos inteiramente de atitude. Uma sociedade cristã não virá enquanto a maioria de nós não a desejar de verdade: e não iremos desejá-la até que nos tornemos plenamente cristãos. Eu posso repetir: "Fazei como quiseras que vos fizessem", até ficar roxo de tanto falar, mas não posso realmente pôr em execução a não ser que ame ao meu próximo como a mim mesmo; mas não posso aprender a amar o meu próximo como a mim mesmo a não ser que ame a Deus; e não posso aprender a amar a Deus a não ser que obedeça a Ele. E assim, como vos adverti, somos conduzidos a algo mais interior, conduzidos de matérias sociais a assuntos religiosos. Porque para chegar ao ponto desejado precisamos dar a volta maior.

IV – MORAL E PSICANÁLISE

Disse que nunca chegaríamos a uma sociedade cristã a não ser que a maioria das pessoas se tornassem individualmente cristãs. Isso não significa, naturalmente, que possamos deixar de fazer o que a sociedade reclama, até uma data imaginária num futuro remoto, mas que precisamos começar ambas as tarefas ao mesmo tempo: 1º. – a tarefa de ver como o "Fazei como quiseras que vos fizessem" pode ser pormenorizadamente aplicado à sociedade moderna; 2º. – a tarefa de tornar-se a espécie de gente que realmente aplicaria essa máxima se visse um meio de a pôr em prática. Tenciono agora começar a considerar qual é a idéia cristã de um homem bom, o ideal cristão para a máquina humana.

Antes de descer a pormenores, gostaria de fazer duas observações de ordem mais geral. Antes de tudo, já que a moral cristã pretende ser uma técnica para o bom funcionamento da máquina humana, julgo que as pessoas gostariam de saber como ela se relaciona com outra técnica, que parece ter uma pretensão semelhante, a saber, a psicanálise.

Ora, deve-se distinguir com muito cuidado entre duas cousas: as verdadeiras teorias médicas com a técnica da psicanálise, e a concepção filosófica geral do mundo que Freud e alguns outros procuraram por bem acrescentar-lhes. Este segundo ponto – a filosofia de Freud – está em direta contradição com o Cristianismo e também em direta contradição com outro grande psicólogo, Jung. Além disso, quando Freud nos diz como curar neuróticos, fala como um especialista sobre um assunto que lhe é próprio; mas quando se põe a falar em filosofia fala como um aprendiz. É, por isso, muito sensato ouvi-lo com respeito ao primeiro caso e não ao segundo – e isso é o que eu faço. Estou tanto mais preparado para o fazer, porque constatei que, quando ele fala fora da matéria da sua especialidade e de um assunto que eu conheço relativamente bem (a saber, as línguas), ele é muito ignorante. Mas a psicanálise mesma, afora todas as adições filosóficas que Freud e outros lhe fizeram, não está absolutamente em contradição com o Cristianismo. A sua técnica justapõe-se à moral cristã em alguns pontos **e não seria nada mau se todo ministro soubesse algo do assunto;** porém não coincidem completamente, porque as duas técnicas visam diferentes fins.

Quando alguém faz uma escolha moral, duas causas se supõem: uma é o ato de escolher; a outra são os vários sentimentos, impulsos, etc., a que o seu equipamento psicológico dá origem e que são a matéria prima da escolha. Ora, essa matéria prima pode ser de duas espécies: ou é o que chamaríamos normal, ou do tipo anormal (constando do tipo de sentimentos inteiramente anormais devidos a certos fatores que se subverteram no subconsciente do indivíduo). Assim é que o medo de cousas que realmente são perigosas seria um exemplo da primeira espécie, e um medo irracional de gatos ou aranhas seria um exemplo da segunda espécie. O desejo de um homem por uma mulher pertenceria à primeira espécie; o desejo pervertido de um homem por outro homem pertenceria à segunda espécie. Ora, o que a psicanálise pretende fazer é remover os sentimentos anormais, isto é, dar ao homem uma melhor matéria prima para os seus atos de escolha, ao passo que a moral se interessa pelos atos propriamente ditos da escolha.

Vejamus isso de outro modo. Imaginem-se três homens que vão à guerra. Um tem o medo natural do perigo que todo homem tem, e ele o domina por um esforço moral e se torna um homem corajoso. Suponha-se que os outros dois têm, como consequência de processos no subconsciente, medos exagerados, irracionais, que nenhum esforço moral pode dominar. Suponha-se agora que um psicanalista intervém e cura os dois, isto é, coloca-os a ambos na posição do primeiro homem. Pois bem, aí finda o problema psicanalítico e começa o problema moral. Agora que estão curados, esses dois homens podem, com efeito, assumir diferentes atitudes. O primeiro poderia dizer: "Graças a Deus que me livrei de todas essas excitações. Posso agora finalmente fazer o que sempre desejei fazer – agir com coragem para defender o meu país". Mas o segundo poderia dizer: "Muito me alegra de que me sinta agora relativamente calmo debaixo de fogo, mas isso, naturalmente, em nada modifica a minha firme resolução de cuidar de minha própria vida e deixar que o sujeito ao lado faça as tarefas perigosas sempre que eu puder. Uma das vantagens de me sentir menos amedrontado é, com efeito, que posso agora cuidar de mim muito mais eficientemente e ser muito mais hábil em esconder o fato dos outros". Ora, essa diferença é uma diferença puramente moral e a psicanálise nada tem a ver com o caso. Por

mais que se melhore a matéria prima do homem, há ainda algo mais nele, a sua real e livre escolha, que recai sobre a situação que lhe foi apresentada: pôr o seu próprio interesse em primeiro lugar ou em último. É unicamente essa livre escolha que interessa à moral.

O material psicológico ruim não é um pecado, mas uma doença. Não é preciso que alguém que o possua se arrependa dele, mas que seja curado. E, diga-se de passagem, isso é muito importante. Os homens julgam-se uns aos outros por seus atos exteriores. Deus os julga por suas escolhas morais. Quando um neurótico, que tem um horror patológico aos gatos, violenta-se a si mesmo e apanha um gato por alguma boa razão, é possível que aos olhos de Deus tenha mostrado mais coragem do que um homem sadio para ganhar a *condecoração Cruz de Malta*. Quando um homem, que foi pervertido desde a sua mocidade e aprendeu que a crueldade é o que importa, pratica um pequenino ato de amabilidade ou se abstém de algum ato cruel que podia ter cometido e corre, talvez por isso, o risco de ser desprezado pelos seus companheiros, pode aos olhos de Deus ter feito muito mais do que vós e eu faríamos se dêssemos a vida por um amigo.

Pode-se ainda expor a mesma coisa de outro modo. Muita gente, que parece muito amável, pode, de fato, ter feito tão pouco uso da boa hereditariedade e da boa educação que recebeu, que é realmente pior do que aquele que a sociedade considera um demônio. Poderíamos ter certeza de nosso comportamento se tivéssemos sido carregados com o mau equipamento psicológico, e depois a má educação, e ainda o poder, digamos, de Himmler? Essa é a razão por que se diz aos cristãos que não devem julgar. Vemos somente as conseqüências que as escolhas de um homem produzem, ao usar ele a sua matéria prima. Mas Deus não o julga de modo algum por essa matéria prima, e sim pelo uso que fez dela. **A maior parte da configuração psicológica do homem é devida provavelmente ao seu corpo; quando este morrer, tudo isso desaparecerá com ele, e a parte verdadeiramente central do homem, aquilo que escolhia, que fez o melhor ou o pior com esse material físico, aparecerá em sua realidade “nua”.** Toda espécie de belas cousas que supúnhamos serem nossas, mas que eram na verdade devidas a uma boa digestão, cairão de alguns dentre nós; toda espécie de cousas torpes, que eram devidas a complexos ou à má saúde, cairão de outros. Ver-se-á então, pela primeira vez, a cada um como realmente é. Haverá surpresas.

Isso nos traz à minha segunda observação.

Pensa-se muitas vezes na moral cristã como uma espécie de negócio, em que Deus diz: "Se guardardes um certo número de regras, Eu vos recompensarei; caso contrário, farei inversamente".

Não julgo que seja esse o melhor meio de considerá-la. Eu diria antes que cada vez que fazeis uma escolha transformais a parte central de vosso ser, a parte que escolhe, em algo um pouco diferente do que era antes. E tomando a vossa vida como um todo, com todas as suas inumeráveis escolhas, durante toda a vossa vida estais transformando lentamente essa parte central numa criatura celeste ou numa criatura infernal; ou numa criatura que está em harmonia com Deus e com as outras criaturas e consigo mesma, ou então em uma criatura que está num estado de guerra e ódio contra Deus, contra as outras criaturas e contra si mesmo. Ser a primeira espécie de criatura é céu, isto é, alegria e paz, conhecimento e poder. Ser a segunda espécie significa loucura, horror, idiotismo, raiva, impotência e eterna solidão. Cada um de nós, a cada momento, caminha para um desses dois estados.

Isso explica o que sempre foi para mim objeto de incompreensão nos escritores cristãos. Parecem ser, num dado momento, tão rigorosos e, em outro, tão desembaraçados e condescendentes. Falam de meros pecados por pensamento como se fossem imensamente importantes e, depois, dos mais terríveis homicídios e traições como se tivésseis apenas de vos arrepender para que tudo seja perdoado. Mas cheguei a compreender que estavam certos. O de que eles estão sempre falando é da marca que a ação deixa naquele diminuto eu central que ninguém vê nesta vida, mas que cada um de nós terá de sofrer ou gozar para sempre. Pode um homem ter tal posição que a sua fúria venha a derramar o sangue de milhões, e outro, por mais que se encolerize, seja apenas escarnecido. Mas a pequena marca na alma pode ser a mesma em ambos. Ambos fizeram algo a si próprios que, a não ser que se arrependam, fará com que se torne mais difícil a ambos dominarem a ira na próxima vez em que forem tentados e pior a ira quando nela caírem. Ambos, se seriamente se voltarem para Deus, poderão ter aquela porção na parte central do homem novamente corrigida; ambos, se não o quiserem,

serão, no final das contas, condenados. A grandeza ou a pequenez da cousa, vista de fora, não é o que realmente importa.

Uma última consideração. Lembrai-vos de que, como disse, a verdadeira orientação conduz não somente para a paz, mas para o conhecimento. Quando um homem se toma melhor, compreende cada vez mais claramente o mal que ainda existe em si. Quando um homem se torna pior, percebe cada vez menos a sua própria maldade. Um homem mediocrementemente mau sabe que não é muito bom; um homem inteiramente mau pensa que é justo. Isso pertence, na realidade, ao bom senso. Sabe-se o que é o sono, quando se está acordado, não enquanto se dorme. Vêem-se os enganos em aritmética quando a mente trabalha como convém; enquanto estão sendo cometidos, não se podem ver. Pode-se entender a natureza da embriaguez, quando se está sóbrio, não quando se está bêbedo. A gente boa entende de ambas as cousas: do bem e do mal. A gente má não entende de nenhuma delas.

V – MORAL SEXUAL

Cabe-nos agora considerar a moral cristã enquanto diz respeito ao sexo, o que os cristãos chamam de a virtude da *castidade*. Não se deve confundir a lei cristã da castidade com a lei social da "modéstia" (num dos sentidos dessa palavra), isto é, decoro, decência. A lei social do decoro estabelece quanto do corpo humano se deve expor, e que assuntos se podem tratar e com que palavras, de acordo com os costumes de um dado círculo social. Assim, enquanto a lei da castidade é a mesma para todos os cristãos em todos os tempos, a lei do decoro varia. Uma jovem nas ilhas do Pacífico que mal se veste com alguns fiapos e uma dama vitoriana vestida até o pescoço poderiam ser ambas igualmente "modestas", respeitáveis e decentes, de acordo com os padrões das suas respectivas sociedades; e ambas, tanto quanto nos é possível julgar pelos seus trajes, poderiam ser igualmente castas (ou igualmente devassas). Algo da linguagem que as mulheres castas usavam no tempo de Shakespeare só poderia ser usado no século XIX por uma mulher inteiramente dissoluta.

Quando se quebra a lei do decoro corrente num determinado tempo e país, se assim se procede para excitar a luxúria em si mesmo ou nos outros, peca-se contra a castidade. Mas se é por ignorância ou descuido, é então culpado apenas de maus modos. Quando, como muitas vezes ocorre, quebra-se o decoro acintosamente para chocar ou vexar os outros, não se está necessariamente sendo depravado, mas sim descaridoso, porque é faltar com a caridade sentir prazer em fazer sofrer os outros. Não julgo que um padrão muito rigoroso ou meticuloso de decoro prove de algum modo a castidade ou a auxilie, e vejo, por isso, o grande afrouxamento e simplificação da lei que ocorreram no meu próprio tempo como uma coisa boa. Em seu estado atual, contudo, apresenta o inconveniente de que as pessoas de diferentes idades e de diferentes tipos não reconhecem todas o mesmo padrão, e mal sabemos onde ficamos. Enquanto persiste essa confusão, acho que as pessoas idosas ou antiquadas deveriam ter muito cuidado em não supor que os jovens ou "emancipados" sejam depravados, embora sejam (pelo antigo padrão), indecorosos; e, em compensação, que os jovens não deveriam chamar os mais velhos de melindrosos ou puritanos, porque não adotam facilmente o novo padrão. Um desejo sincero de crer todo o bem que se possa nos outros e de os deixar à vontade o quanto estiver ao nosso alcance, resolve a maioria dos problemas.

A castidade é a mais impopular das virtudes cristãs. Não há por onde fugir dela. A lei cristã é: "Ou casamento, com perfeita fidelidade ao companheiro, ou abstinência completa". Ora, isso é tão difícil e tão contrário aos nossos instintos que, sem dúvida alguma, ou o Cristianismo está errado, ou o nosso instinto sexual, como é agora, transtornou-se. Sendo eu um cristão, penso, naturalmente, que foi o instinto que se transtornou.

Mas eu tenho outras razões para assim pensar. A intenção biológica do sexo são os filhos, tal como a intenção biológica da alimentação é a manutenção do corpo. Ora, se comêssemos todas as vezes que nos sentimos inclinados a fazê-lo, e tanto quanto quiséssemos, é certo que a maioria das pessoas comeria demasiado, mas não infinitamente. Pode-se comer o suficiente para duas pessoas, mas não para dez. O apetite ultrapassa um pouco a sua finalidade biológica, mas não imensamente. Mas se um homem jovem e sadio condescendesse com o seu apetite sexual todas as vezes que sentisse um

desejo e, se de cada ato nascesse uma criança, em dez anos povoaria uma aldeia. Este apetite está, pois, em cômico e ilógico excesso com relação à sua função.

Ou vejamos isso de outro modo. Pode-se reunir uma grande platéia para uma cena de "strip-tease", isto é, para ver uma jovem despir-se no palco. Suponha-se agora que chegássemos a um país onde se pudesse lotar um teatro para trazer simplesmente ao palco um prato coberto, e então se levantar lentamente a tampa, de modo que todos vissem, antes do apagar das luzes, que continha uma costeleta de carneiro ou um pedaço de toucinho; não se pensaria que nesse país algo estaria errado com o apetite pela comida? Pois bem, não pensaria todo o que tivesse crescido num mundo diferente que há algo igualmente estranho na condição do instinto sexual entre nós?

Disse um ouvinte que, se ele encontrasse um país em que essas cenas de desnudamento de comida fossem populares, concluiria que o povo desse país estava morrendo de fome. Ele quer, naturalmente, concluir que tais cenas de desnudamento provêm não da corrupção sexual, mas da fome sexual. Concorro com ele em que, se em algum estranho país víssemos que cenas similares com costeleta de carneiro fossem populares, uma das explicações que possivelmente me ocorreriam seria a da fome. Mas o próximo passo a dar seria comprovar a nossa hipótese, verificando se de fato muito ou pouco alimento fora consumido nesse lugar. Se esta indagação mostrasse que uma quantidade razoável de alimento fora consumida, ter-se-ia evidentemente que abandonar a hipótese da fome e tentar pensar em outra. Do mesmo modo, antes de aceitar a fome sexual como causa do atual desnudamento [generalizado], deveríamos procurar provar que existe mais abstenção sexual em nossa sociedade do que naquelas eras em que essas cousas como "strip-tease" eram restritas a bordéis. Mas não existem provas. Os atuais meios anticoncepcionais mais do que nunca fizeram a condescendência sexual muito menos dispendiosa dentro do casamento e muito mais segura fora dele, e a opinião pública é menos hostil a uniões ilícitas e mesmo à perversão do que era nos tempos pagãos. Nem é a hipótese da "fome" sexual a única que se pode imaginar. Todos sabem que o apetite sexual, como os nossos outros apetites, crescem pela satisfação. Homens famintos podem pensar muito em comida, mas assim também o fazem os glutões; os obesos tanto quanto os esfomeados gostam de excitações.

Eis uma terceira observação. **Encontram-se muito poucas pessoas que queiram comer cousas que não sejam realmente alimento, ou fazer outras causas com o alimento que não seja comer.** Em outras palavras, as perversões com o alimento são raras. Mas as perversões do instinto sexual são numerosas, difíceis de curar, e terríveis. Sinto ter que entrar em todos esses pormenores, mas é preciso. E a razão porque é preciso é que vós e eu, durante os últimos vinte anos, fomos nutridos de grandes mentiras sobre o sexo. Dizem-nos, até ficarmos cansados de ouvir, que o desejo sexual está no mesmo caso de quaisquer outros de nossos desejos naturais e que, se abandonássemos a estúpida e velha idéia vitoriana de o silenciar, o mundo seria um paraíso. Isso não é verdade. Desde que se encarem os fatos, sem espírito de propaganda, ver-se-á que não é assim.

Foi dito que o sexo passou a ser um objeto de tabu porque se abafava o assunto. Mas durante os últimos cinquenta anos, não se fala noutra coisa. Fala-se nele o tempo inteiro. E no entanto ainda é objeto de tabu. Se o abafo fosse a causa da perturbação, a propaganda teria posto as causas em ordem. Mas não pôs. Acho que fez exatamente contrário. Julgo que o gênero humano originalmente silenciou sobre o sexo porque ele havia se tornado objeto de confusão.

As pessoas de hoje estão sempre a dizer: "Não há razão para se envergonhar do sexo". Podem querer significar duas cousas com isso. Podem querer significar: "Não há razão para se envergonhar de que o gênero humano se reproduza de um determinado modo, nem de que esse modo cause prazer". Se é isso, eles têm razão. O Cristianismo diz o mesmo. Não é a cousa, nem o seu prazer, o problema. Os antigos escritores cristãos disseram que, se o homem nunca tivesse caído, o prazer sexual, em vez de ser menor do que é agora, seria inimaginavelmente maior. Sei que alguns cristãos mal inspirados falam como se o Cristianismo ensinasse que o sexo, ou o corpo, ou o prazer, fossem maus em si mesmos. Mas estão errados. O Cristianismo é quase a única das grandes religiões que aprova inteiramente o corpo, ou aquela que pensa que a matéria é boa, que o próprio Deus revestiu-se um dia de um corpo humano, que uma espécie de corpo nos há de ser dado mesmo no Céu e que será parte essencial da nossa felicidade, nossa beleza e nossa energia. O Cristianismo glorificou o casamento mais do que

qualquer outra religião e quase todas as grandes poesias sobre o amor no mundo foram escritas por cristãos. Se alguém disser que o sexo em si mesmo é mau, o Cristianismo imediatamente o contradiz.

Mas, naturalmente, quando se diz: "Não há razão para se envergonhar do sexo", pode-se querer significar: "Não há razão para se envergonhar da condição em que o instinto sexual agora se encontra". Se é isso o que se quer significar, comete-se um grande erro. Acho que há todas as razões para se ter vergonha. Não há razão para se envergonhar de gostar do alimento; haveria razão para se envergonhar, se meio mundo fizesse do alimento o principal interesse de suas vidas e passasse o tempo inteiro olhando para quadros de alimentos, babando-se e lambendo os lábios. Não digo que vós e eu sejamos individualmente responsáveis pela presente situação. Nossos ancestrais legaram-nos organismos que foram deformados neste sentido e nós crescemos cercados de propaganda contra a castidade. **Há pessoas que querem conservar o nosso instinto sexual inflamado para nos extorquir dinheiro. Porque, evidentemente, um homem com uma obsessão é um homem que tem pouca resistência à compra.** Deus conhece a nossa situação. Não nos julgará como se não tivéssemos dificuldades a superar. O que importa é a sinceridade e a perseverança de nossa vontade em vencê-las.

Para que possamos ser curados é preciso que queiramos ser curados. Os que realmente desejam auxílio, consegui-lo-ão, mas para muitas pessoas de hoje o próprio desejo é difícil. É fácil pensar que se quer algo quando na realidade não se quer. Um famoso cristão nos disse há muito tempo que, quando era jovem, orava constantemente por castidade, mas anos mais tarde compreendeu que, enquanto os seus lábios diziam: "ó, Senhor, faze-me casto", o seu coração secretamente acrescentava: "Mas, por favor, não o faças ainda". Isso pode acontecer também nas orações por outras virtudes; mas há três razões por que nos é agora particularmente difícil desejar – não dizemos praticar – uma castidade completa.

Em primeiro lugar, nossa natureza deformada, os demônios que nos tentam e toda a moderna propaganda em favor da luxúria conspiram em nos fazer pensar que os desejos a que resistimos são tão "naturais", tão "sádios", e tão racionais, que seria quase perverso e anormal resistir-lhes. Cartaz após cartaz, filme após filme, NOVELA APÓS NOVELA, associam a ideia da condescendência sexual com as idéias de saúde, normalidade, mocidade, franqueza e bom humor. Ora, essa associação é uma mentira. Como todas as espantosas mentiras, está baseada numa verdade; a verdade, acima reconhecida, de que o sexo em si mesmo (afora os excessos e obsessões a que deu lugar), é "normal", "sadio" e tudo o mais. **A mentira está na insinuação de que qualquer ato sexual a que se é tentado num dado momento seja sadio e normal.** Ora, isso, em qualquer opinião que se possa conceber, independentemente do Cristianismo, deve ser absurdo. **Entregar-se a todos os nossos desejos leva à impotência, doença, ciúmes, mentiras, encobrimento e a tudo o que é contrário à saúde, bom humor e franqueza.** Para qualquer felicidade, mesmo neste mundo, uma boa quantidade de privação será necessária; a pretensão de cada desejo, quando é forte, de ser sadio e razoável não tem, assim, nenhum fundamento. Todo homem são e civilizado deve ter um certo número de princípios segundo os quais decide rejeitar alguns dos seus desejos e admitir outros. Um faz isso por princípios cristãos; outro, por princípios higiênicos; outro, por princípios sociológicos. O verdadeiro conflito não está entre Cristianismo e "natureza", mas entre os princípios cristãos e os outros princípios no controle da "natureza". Porque a "natureza" (no sentido de desejo natural), **deverá ser controlada de algum modo, se não quiserdes arruinar toda a vossa vida.** Os princípios cristãos são reconhecidamente mais rigorosos do que os outros, mas julgamos que, para obedecer a eles, obter-se-á um auxílio que não se obterá para obedecer a outros.

Em segundo lugar, muitas pessoas são impedidas de praticar seriamente a castidade cristã, porque pensam (antes de o tentarem), que ela é impossível. Mas quando uma coisa tem de ser praticada, não se deve nunca pensar em possibilidade ou impossibilidade. Diante de uma questão facultativa num exame, considera-se a possibilidade de a resolver ou não; diante de uma questão obrigatória, tem-se de fazer o melhor que se pode. Pode-se alcançar uma nota por uma resposta muito imperfeita; mas não se alcançará nenhuma deixando de respondê-la. Não apenas em exames, mas na guerra, no alpinismo, na aprendizagem da patinação, da natação, para andar de bicicleta, mesmo para abotoar um colarinho duro com dedos delicados, faz-se muitas vezes o que parecia impossível antes de se tentar. **É admirável o que se pode fazer quando é preciso.**

Podemos, é verdade, estar certos de que uma castidade perfeita, como uma perfeita caridade, não se alcança por nenhum esforço puramente humano. Deve-se pedir o auxílio de Deus. Mesmo quando assim se fez, pode parecer por muito tempo que nenhum auxílio foi concedido, mesmo o menor que se precisava. Não importa. Depois de cada insucesso, pedi perdão, levantai-vos e tentai novamente.

Muitas vezes, o auxílio de Deus não se destina primeiro à virtude propriamente, mas a esse poder de se tentar sempre novamente. Porque, por mais importante que a castidade (ou a coragem, ou a fidelidade, ou qualquer outra virtude) possa ser, esse caminho *treina a nossa alma* em hábitos que são ainda mais importantes. Cura-nos de nossas ilusões a respeito de nós mesmos e nos ensina a depender de Deus. Aprendemos, por um lado, que não podemos confiar em nós, mesmo em nossos melhores momentos; e, por outro lado, que não precisamos desesperar, mesmo nos piores momentos, porque as nossas faltas são perdoadas. A única cousa fatal é quedar-se [parar no meio do processo] contente com algo que não seja a perfeição.

Em terceiro lugar, as pessoas muitas vezes compreendem mal o que a Psicologia ensina sobre "repressões". [Por exemplo, a Psicologia] Diz que o sexo "reprimido" é perigoso. Mas "reprimido" é aqui um termo técnico, e não significa "suprimido", no sentido de "negado" ou "resistido". Um desejo ou pensamento reprimido é um desejo ou pensamento que foi relegado ao subconsciente (ordinariamente numa idade infantil), e só pode agora afluir para a consciência numa forma disfarçada e irreconhecível. A sexualidade reprimida não aparece de modo algum *como sexualidade* ao paciente. Quando um adolescente ou um adulto está empenhado em resistir a um *desejo consciente*, ele não está tratando de uma repressão, nem está no menor perigo de criar uma repressão. Ao contrário, os que seriamente praticam a castidade são mais conscientes e logo sabem muito mais sobre a sua própria sexualidade do que qualquer outro. Chegam a conhecer os seus desejos como Wellington conhecia Napoleão, ou Sherlock Holmes conhecia Moriarty; ou como um caçador de ratos conhece ratos, ou um encanador conhece canos que vazam água. A virtude – mesmo a virtude em aquisição – traz luz; a condescendência traz obscuridade.

Finalmente, embora tivesse que falar um pouco mais sobre o sexo, desejo deixar o mais claro possível que o centro da moral cristã não está aqui. Se alguém pensar que os cristãos consideram a falta de castidade o vício supremo, está inteiramente errado. **Os pecados da carne são maus, mas são os menos maus de todos os pecados. Todos os piores prazeres são puramente espirituais:** o prazer de provar que o outro está errado; o prazer de desempenhar papel de mandão, de protetor arrogante, de desmancha-prazeres ou de linguarudo; **os prazeres do poder e do ódio.** Porque há duas cousas que devo procurar mudar em mim: São o eu animal e o eu diabólico. O eu diabólico é o pior dos dois. Essa é a razão por que um homem pretensioso, frio e farisaico, que vai regularmente à igreja, pode estar muito mais perto do inferno do que uma prostituta. Mas, naturalmente, é melhor não ser nenhuma das duas coisas.

VI – O MATRIMÔNIO CRISTÃO

O último capítulo foi principalmente negativo. Discuti o que estava errado no impulso sexual do homem, mas disse muito pouco sobre a sua função normal; em outras palavras, sobre o matrimônio cristão. Há duas razões por que não me sinto particularmente inclinado a tratar do casamento. A primeira é que a doutrina cristã sobre este assunto é extremamente impopular. A segunda é que eu nunca fui casado e, por isso, só posso falar por ouvir dizer. Mas, apesar disso, não vejo como poderia omitir o assunto num relato da moral cristã.

A idéia cristã do matrimônio está baseada nas palavras de Cristo, segundo as quais um homem e uma mulher devem ser considerados como um organismo, pois isso é o que as palavras "uma só carne" significam em linguagem moderna. E os cristãos acreditam que, quando Ele disse isso, não estava exprimindo um sentimento, mas afirmando um fato, como se afirma um fato quando se diz que uma fechadura e a sua chave são um só mecanismo, ou que um violino e o seu arco são um só instrumento musical. O inventor da máquina humana nos ensinou que as suas duas metades, a masculina e a feminina, foram feitas para se reunirem aos pares, não apenas no nível biológico, mas

integralmente. **A monstruosidade das relações sexuais fora do casamento está em que aqueles que condescendem com elas procuram isolar uma espécie de união (a sexual), de todas as outras espécies de união que devem coexistir e formar a união total.** A atitude cristã não significa que haja algo errado no prazer sexual, como não há no prazer de comer. Significa que não se deve isolar esse prazer e procurar obtê-lo por si mesmo, tal como não se deve procurar gozar dos prazeres do paladar sem engolir e sem digerir, mastigando as cousas e depois cuspiendo-as.

O Cristianismo ensina, conseqüentemente, que o casamento é para a vida toda. Há aqui, certamente, uma diferença entre as várias igrejas: algumas não admitem absolutamente o divórcio; algumas o permitem com relutância em casos muito especiais. É uma grande pena que os cristãos discordem nesta momentosa questão; mas para um leigo comum o que é digno de nota é que todas as igrejas concordam entre si nesta questão muito mais do que qualquer uma delas com o mundo não cristão. Quero dizer que todas vêem o divórcio como o seccionamento de um corpo vivo, como uma espécie de operação cirúrgica [numa zona inoperável do cérebro]. **Algumas acham que a operação é tão violenta que não pode absolutamente ser feita; outras a admitem como último remédio em casos extremos. Todas elas concordam em que é mais comparável à amputação de ambas as pernas** do que à dissolução de uma sociedade comercial, ou mesmo à deserção de um regimento. Todas discordam da opinião moderna, de que é um simples reajustamento dos companheiros a ser feito sempre que sentem que não estão mais apaixonados um pelo outro, ou quando algum deles se apaixona por um outro.

Antes de considerarmos esta opinião moderna com relação à castidade, não devemos esquecer de considerá-la com relação a uma outra virtude, a saber, à justiça. A justiça, como disse antes, abrange a fidelidade aos compromissos. Ora, quem quer que se tenha casado na igreja fez uma promessa pública e solene de aderir ao seu companheiro (ou à sua companheira) até à morte. O dever de cumprir essa promessa não tem particular conexão com a moral sexual: está no mesmo caso de qualquer outra promessa. Se, como hoje se está sempre a dizer, o impulso sexual é exatamente como todos os outros nossos impulsos, deve então ser tratado como todos os outros nossos impulsos; e como estes são controlados por nossas promessas, assim deve ser aquele. Se, como eu penso, ele não é como todos os outros nossos impulsos, **MAS É DOENTIAMENTE INFLAMADO**, deveríamos então estar particularmente cautelosos em não nos deixar arrastar à desonestidade.

Pode alguém replicar a isso dizendo que considera a promessa feita na igreja como uma pura formalidade, a qual nunca pretendeu cumprir. *A quem, pois, procurou enganar, quando a fez? A Deus? Isso seria realmente muito insensato. A si mesmo? Isso não seria muito mais prudente. À noiva, ou ao noivo, ou aos parentes [e padrinhos]? Isso seria uma traição. Mais freqüentemente, penso eu, o par (ou um dos dois) espera enganar o público:* Queriam a respeitabilidade que se liga ao casamento, sem tencionar pagar o preço, isto é, foram impostores, enganaram a sociedade. Se, enfim, forem impostores satisfeitos, nada tenho a lhes dizer: quem reclamaria de pessoas que ainda nem sequer desejaram ser honestas em comparação com o alto e difícil dever da castidade? Se já caíram em si e desejam ser honestos, a promessa já feita os obriga. E isso, como vedes, está na categoria da justiça, e não da castidade. Se não se acredita em *casamento permanente*, seria melhor talvez que vivessem juntos sem casar do que fazerem votos que não tencionam cumprir. É verdade que, vivendo juntos, sem casamento, serão culpados (aos olhos dos cristãos) de fornicação. **Mas não se corrige uma falta pelo acréscimo de outra:** a falta de castidade não se atenua pelo acréscimo do perjúrio.

A idéia de que "estar apaixonado" é a única razão para permanecer casado não dá lugar, de modo algum, para o casamento considerado como um contrato ou promessa. Se o amor é tudo, então a promessa nada pode acrescentar; e se ela nada acrescenta, não deveria ser feita. O mais curioso é que as pessoas que se apaixonam, enquanto realmente estão apaixonadas, sabem isso melhor do que os que falam de amor. Como **Chesterton** indicou, os que se apaixonam têm uma inclinação natural para se ligarem um ao outro por promessas. As canções de amor em todo o mundo estão cheias de votos de eterna constância.

A lei cristã não está impondo à paixão do amor algo que seja estranho à própria natureza dessa paixão; ela pede que as pessoas que se apaixonaram tomem a sério algo que a sua paixão mesma os impele a fazer.

E, naturalmente, a promessa feita quando eu estava apaixonado e porque eu estava apaixonado, para ser verdadeiro perante a amada por todo o tempo que durasse a minha vida, obriga-me a ser fiel mesmo que deixe de me sentir apaixonado. Uma promessa deve ter por objeto cousas que se podem cumprir, isto é, ações; ninguém pode prometer que continuará a [ter para sempre o mesmo sentimento] sentir de um certo modo. Ninguém poderia, com efeito, prometer nunca ter dor de cabeça ou sempre sentir fome. Mas, pode-se perguntar, **de que serve manter unidas duas pessoas, se não estão mais apaixonadas? Há várias razões sólidas e de ordem social:** prover um lar para as crianças; proteger a mulher (que possivelmente sacrificou ou prejudicou a sua própria carreira ao casar-se), impedindo que seja posta de lado quando o homem se cansar dela. Mas há ainda uma outra razão, da qual estou muito certo, embora ache um pouco difícil de explicar.

É difícil porque muita gente não pode chegar a compreender que quando B é melhor do que C, A pode ser ainda melhor do que B. Gostam de pensar em termos de bom e mau, não de bom, melhor e ótimo, ou mau, pior e péssimo. Desejam saber se julgais o patriotismo uma coisa boa. Se respondeis que **é incomparavelmente melhor do que o egoísmo de cada um, mas que é inferior à caridade universal e deveria ceder sempre o lugar a essa caridade quando ambos entram em conflito, julgam que estais sendo ambíguos. Perguntam o que pensais do duelo. Se respondeis que é incomparavelmente melhor perdoar alguém do que bater-se em duelo com ele, mas que mesmo um duelo podia ser melhor do que uma inimizade que dure a vida inteira e se exprime em secretos esforços para "aniquilar o cara", vão-se embora queixando-se de que não lhes dais uma resposta direta. Espero que ninguém cometa esse erro a respeito do que vou dizer agora.**

O que chamamos "estar apaixonado" é um estado glorioso e, em muitos aspectos, bom para nós. Ajuda a nos tornarmos generosos e corajosos, abre-nos os olhos não somente para a beleza do ser amado, mas para toda a beleza da vida, e subjuga (particularmente no princípio) a nossa sexualidade meramente animal; nesse sentido, o amor é o grande dominador da luxúria. Ninguém, no uso da sua razão, negaria que estar apaixonado é incomparavelmente melhor do que uma sensualidade comum ou um frio egocentrismo. Mas, como disse antes, "a coisa mais perigosa que se pode fazer é tomar qualquer impulso de nossa natureza e erigi-lo como um fim que se deve alcançar a qualquer preço". Estar apaixonado é uma coisa boa, mas não é a melhor coisa. Há muitas coisas abaixo dela, mas há também coisas acima dela. Não se pode fazer dela a base de toda uma vida. É um sentimento nobre, mas é assim mesmo *um sentimento*. Ora, não se pode garantir a permanência, nem mesmo a duração, de um sentimento. O conhecimento pode perdurar, os princípios podem perdurar, os hábitos podem perdurar, mas os sentimentos vão e vêm. E, de fato, diga-se o que se disser, o estado chamado "estar apaixonado" ordinariamente não perdura.

Se o final do velho conto de fadas: "Viveram felizes para sempre", quer dizer: "Conservaram por cinquenta anos seguidos os mesmos sentimentos que experimentavam na véspera do casamento", significa então o que provavelmente nunca foi nem podia ser verdadeiro e seria altamente indesejável que o fosse. Quem suportaria uma vida nessa excitação por [meros] cinco anos? O que aconteceria com o vosso trabalho, o vosso apetite, o vosso sono, às vossas amizades? Porém, naturalmente, cessar de "estar apaixonado" não significa necessariamente cessar de amar. O amor, neste segundo sentido, amor enquanto distinto de "estar apaixonado", não é meramente um sentimento. É uma unidade profunda, mantida pela vontade e deliberadamente fortalecida pelo hábito; reforçada (nos casamentos cristãos) pela graça que ambos os consortes pedem e recebem de Deus. Podem ter este amor um pelo outro mesmo naqueles momentos em que não gostam um do outro, como vos amais mesmo quando não gostais de vós mesmos. Podem conservar este amor mesmo quando qualquer um, se nisso consentisse, infelizmente se apaixonasse por alguma outra pessoa. "Estar apaixonado" levou-os, em primeiro lugar, a prometer fidelidade, e este amor mais tranqüilo habilita-os a cumprir a promessa. É nesse amor que funciona a máquina do casamento; o estar apaixonado foi a explosão que a pôs em movimento.

Se discordais de mim, direis com certeza: "Ele nada conhece do assunto; não é casado". Pode ser que tenhais razão. Mas antes de o dizerdes, certificai-vos de que me julgais pelo que realmente sabeis de vossa própria experiência e da observação da vida de vossos amigos, **e não por idéias que ouvistes em novelas e filmes.** Isso não é tão fácil de fazer como se pensa. **Nossa experiência está**

completamente influenciada pelas novelas, peças teatrais e pelo cinema, e é preciso paciência e habilidade para desenredar as cousas que realmente aprendemos da vida por nós mesmos.

Deve-se aos filmes a idéia de que se alguém casou com a pessoa certa, poder-se-ia esperar que continuassem sempre "apaixonados". Conseqüentemente, quando se descobre que não estão mais apaixonados, pensa-se que isso é uma prova de que *cometeram um erro* e que têm o direito a uma mudança, sem compreender que, quando se efetuar tal mudança, o encantamento do novo amor se desvanecerá como o do primeiro. Neste setor da vida, como em qualquer outro, as emoções vêm no princípio e não perduram. O roubo que um rapaz sente com a primeira idéia de se tornar aviador não persiste quando já se incorporou à Força Aérea e está aprendendo a voar. O encanto que sentis ao ver pela primeira vez um lugar maravilhoso desaparece quando passais realmente a morar lá. Isso significa que seria melhor não aprender a voar e não morar num lugar maravilhoso? De modo nenhum! Em ambos os casos, se levardes a efeito o propósito, a perda da primeira emoção será compensada por outro interesse mais calmo e mais duradouro. E ainda mais (difícilmente encontrarei palavras para exprimir como considero isso importante), são justamente as pessoas preparadas a aceitarem a perda do primeiro enlevo e seguirem um interesse mais maduro as que estão mais dispostas a encontrar novas excitações em uma outra direção. O homem que aprendeu a voar e se tornou um bom piloto descobrirá subitamente a música; o homem que passou a morar num sítio maravilhoso descobrirá a jardinagem, etc.

Isso é, segundo penso, uma pequena parte do que Cristo quis significar quando disse que uma coisa realmente não viveria a não ser que primeiro morresse. Não adianta procurar conservar qualquer enlevo; isso é a pior coisa que se pode fazer. Deixai passar a vibração, deixai-a desaparecer, e ide adiante, através desse período de "morte", para o interesse e a felicidade mais tranquilos que se seguem e vereis que viveis num mundo de novos encantos o tempo todo. Mas se decidis fazer das excitações a vossa dieta ordinária e tentais prolongá-las artificialmente, tornar-se-ão todas cada vez mais fracas e menos freqüentes e sereis um velho aborrecido e desiludido para o resto da vida. E é porque tão pouca gente entende isso que se encontram homens e mulheres de meia idade lamuriando a mocidade perdida, precisamente na idade em que novos horizontes deviam surgir e novas portas abrir-se em volta deles. É muito mais divertido aprender a nadar do que prosseguir indefinidamente (e sem esperança) a procurar reviver o sentimento que se teve quando se chapinhava pela primeira vez como menino na água rasa.

Uma outra idéia [errada] que se deve às novelas e peças teatrais é que "estar apaixonado" é algo inteiramente irresistível; algo que ocorre a alguém, como o sarampo. E porque acreditam nisso, algumas pessoas casadas [inclusive idosas] dão-se por vencidas e cedem, quando se sentem atraídas por uma nova relação. Mas *eu* me inclino a pensar que essas paixões irresistíveis são muito mais raras na vida real do que nos filmes, ao menos quando se é maduro de verdade. Quando se encontra alguém que é belo, inteligente e simpático, deve-se, sem dúvida, num sentido, admirar e amar essas boas qualidades. Mas não depende unicamente de nossa vontade se este amor deve ou não se transformar no que se chama "estar apaixonado"? **Se nossas mentes estão cheias de novelas, peças teatrais e sonhos sentimentais, e nossos corpos [muitas vezes] cheios de álcool, transformaremos, sem dúvida, qualquer afeto que sintamos nessa espécie de amor;** como quando tendes um sulco em vosso caminho, toda a água da chuva correrá para o sulco; ou se usais óculos azuis, tudo o que vedes se tornará azul. Mas isso será por nossa própria culpa.

Antes de deixar a questão do divórcio, gostaria de distinguir duas cousas que são muitas vezes confundidas. A concepção cristã do casamento é uma coisa; outra é a questão completamente diferente, de como os cristãos, se são eleitores ou membros do Parlamento, devem procurar impor as suas convicções sobre o casamento ao resto da população, através das leis sobre o divórcio. **Muita gente parece pensar que se alguém é cristão deveria procurar dificultar o divórcio para todos. Não penso assim.** Sei ao menos que eu ficaria muito zangado se os maometanos tentassem impedir o resto da humanidade de beber vinho. Minha opinião pessoal é que **as igrejas** deveriam reconhecer francamente que a maioria do povo não é cristã e, por isso, não se pode esperar que viva uma vida cristã. Devia haver duas espécies distintas de casamento: uma regulada pelo Estado, com normas obrigatórias para todos os cidadãos; outra regulada pela Igreja, com normas impostas pela mesma aos

seus próprios membros. A distinção devia ser muito nítida, de modo que se viesse a saber quais os que são casados em sentido cristão e quais os que não são.

Isto é o bastante quanto à doutrina cristã sobre a durabilidade do matrimônio. Algo mais, que é ainda mais impopular, resta a ser dito. **As mulheres cristãs prometem obedecer a seus maridos.** No matrimônio cristão o homem é considerado como o "chefe"^(NR3). Duas questões naturalmente se levantam aqui: 1.º - Por que deve haver necessariamente um chefe? Por que não igualdade? 2.º - Por que o chefe deve ser o homem?

1.º - A necessidade de um chefe provém da idéia de que o casamento *é permanente*. Enquanto o marido e a mulher estão de acordo, não surge naturalmente o problema da chefia; e pode-se esperar que seja esse o estado normal das cousas num casamento cristão. Mas, quando há um desacordo real, o que acontecerá? Discutir-se-á o assunto, sem dúvida; mas supondo que já se fez isso e não se conseguiu chegar a um acordo. Que farão, então? Não podem decidir por maioria de votos, porque num conselho de duas pessoas não pode haver maioria. Certamente, uma ou outra de duas cousas pode ocorrer: ou devem separar-se e seguir cada qual o seu conselho ou, então, um dos dois deve ter um voto de qualidade. Se o casamento é permanente, uma ou outra parte deve, em último recurso, ter o poder de decidir a política familiar. Não se pode ter uma associação permanente sem uma constituição.

2.º - Se deve haver um chefe, por que o homem? Há, em primeiro lugar, uma pretensão séria de que seja a mulher? Como já disse, eu mesmo não sou casado, mas tanto quanto posso julgar, mesmo uma mulher que quer ser o chefe da sua própria casa não admira ordinariamente o mesmo estado de coisas quando o vê imperando na casa do vizinho. É muito mais provável que ela diga: "Pobre Sr. X! É uma cousa que não posso compreender por que deixa essa pavorosa mulher mandar nele do modo [tão humilhante] como o faz". Nem penso que ela se sinta muito lisonjeada se alguém mencionar o fato da sua própria "chefia". Deve haver algo *contra a natureza* nessa regra de as mulheres mandarem nos maridos, porque as próprias mulheres se sentem meio envergonhadas com o fato *e desprezam os maridos a quem dominam*. **Mas existe outra razão** – e aqui falo sem constrangimento na qualidade de solteirão, porque é uma razão que se pode ver melhor de fora do que de dentro: **As relações da família com o mundo exterior** (o que se poderia chamar de *sua política externa*)...

Porquanto esta deve, em último recurso, depender do homem [ou ficar a cargo do homem], porque ele deve sempre ser, e ordinariamente o é, muito mais justiceiro para com os de fora. Uma mulher *combate* principalmente *em favor dos seus filhos e marido contra o resto do mundo*. Naturalmente, **quase com justiça**, num sentido, os interesses dos seus sobrepujam, para ela, todos os outros interesses. Ela é a depositária especial desses interesses. A função do marido é “fiscalizar” para que não prevaleçam essas naturais preferências da mulher. **Ele tem a última palavra a fim de proteger as outras pessoas do intenso patriotismo familiar da mulher.** Se alguém duvida disso, deixe-me fazer uma simples pergunta: Se o vosso cão mordesse a criança do vizinho, ou se o vosso filho ferisse o cão do vizinho, com quem desejaríeis tratar: com o dono ou com a dona daquela casa? Ou, se sois mulher casada, permiti que vos faça uma pergunta: Por mais que admireis o vosso marido, não diríeis que o seu principal defeito é a sua tendência em não defender os seus direitos e os vossos tão vigorosamente como desejáveis? Não o acha assim meio “apaziguador”?...

^(NR3) – Aqui estamos diante de uma matéria que sumiu do mundo e de toda a literatura cristã. Segundo constatamos em nossas pesquisas pessoais, apenas CS Lewis e a missionária *Elizabeth Rice Handford* (procurar livro “Eu, obedecê-lo?”) expõem o assunto sem medo e com toda autoridade bíblico-espiritual, independente de estarem, involuntariamente, insurgindo-se contra toda a Cristandade pós-moderna. É por isso que Lewis diz que esta é uma questão ainda muito mais impopular, pois nem mesmo os cristãos a estão considerando conforme é ensinada nas Escrituras.

VII – O PERDÃO

Disse num capítulo anterior que a castidade era a mais impopular das virtudes cristãs. Mas não estou certo de que tivesse razão. Creio que há outra ainda mais impopular. Está prescrito na lei cristã: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo". Porque na moral cristã "o teu próximo" inclui "*o teu inimigo*", e nós nos revoltamos contra este terrível dever de perdoar os nossos inimigos.

Todos acham que o perdão é uma idéia excelente... - até que tenham algo para perdoar, como tivemos durante a guerra. E então basta mencionar o assunto para ser recebido com rugidos de ira. Não é que se julgue esta virtude demasiadamente alta e difícil; é que a julgam odiosa e desprezível. "Essa conversa me deixa doente", diz-se. E a metade dos presentes já deseja perguntar-me:

"Nós gostaríamos de saber como vos sentiríeis perdando a Gestapo, se fosseis um polonês ou um judeu?". Eu também gostaria de saber, e muito. Assim como quando o Cristianismo nos diz que não se deve negar a religião nem para se livrar da morte por tortura, gostaria muito de saber o que faria quando a coisa estivesse para acontecer. Não procuro dizer-vos aqui o que eu poderia fazer (quase nada posso fazer). Digo-vos o que é o Cristianismo! Não o inventei. E bem no centro dele, encontro: "Perdoa as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores". Não há a menor insinuação de que nos seja oferecido o perdão noutros termos. Deixou-se perfeitamente claro que, se não perdoarmos, não seremos perdoados. Não há dois caminhos a seguir. O que fazer, então?

O caminho é, de qualquer modo, bastante difícil, mas penso que há duas coisas que se podem fazer para o tornar mais fácil. Quando se começa a aprender a matemática, não se começa pela raiz cúbica [ou pelo cálculo integral], mas pela simples adição. Do mesmo modo, se realmente desejamos (mas tudo depende de uma vontade *real*) aprender a perdoar, fariamos muito melhor se começássemos com algo mais fácil do que a Gestapo. Poder-se-ia começar por perdoar ao marido ou à mulher, aos pais ou aos filhos, ou ao colega mais próximo, por algo que tenham feito ou dito na última semana. Isso provavelmente nos deixará ocupados no momento. Depois, poder-se-ia procurar compreender exatamente o que significa "amar o próximo como a si mesmo". Devo amá-lo como a mim mesmo. Pois bem, como é que eu me amo a mim mesmo?

Pensando agora sobre o assunto, verifico que não tenho um sentimento de predileção ou afeição para comigo mesmo e nem sempre aprecio a minha própria companhia. Assim, evidentemente, "amar o próximo" não significa "ter predileção por ele", ou "achá-lo cativante". Eu devia ter compreendido isso antes, porque, naturalmente, não se pode ter predileção por alguém por meio de esforços. Penso bem de mim? Acho que sou uma boa pessoa? Temo que às vezes sim (e estes são, sem dúvida, os meus piores momentos!), mas não é por isso que eu me amo a mim mesmo. Dá-se, de fato, o contrário: o meu amor-próprio me faz pensar bem de mim, porém não é o pensar bem de mim a razão por que me amo. Amar os inimigos não significa, assim, evidentemente, pensar bem deles: Isto é um imenso alívio, [verificar] que perdoar os inimigos é fazer de conta que eles não são realmente tão ruins, quando é evidente que são!... Aqui demos um passo adiante.

Nos meus momentos mais perspicazes não somente não me julgo uma boa pessoa, mas sei até que sou muito vil. Ao rever algumas coisas que fiz, faço-o com horror e repugnância. Posso, assim, evidentemente, repudiar e odiar algumas coisas que os meus inimigos fazem. Pensando agora sobre o assunto, lembro-me do que meus mestres cristãos me ensinaram há muito tempo: que eu devo odiar as ações de um homem mau, mas não odiar o homem que é mau, ou, como eles diziam, devo odiar o pecado, mas não o pecador.

Por muito tempo eu costumava pensar que essa era uma distinção estulta [e até inútil], sutil em excesso: como se poderia odiar o que um homem fez e não odiar o homem? Mas anos mais tarde ocorreu-me que havia uma pessoa com relação à qual eu fizera isso durante toda a minha vida, a saber, eu mesmo.

Por mais que eu desgostasse da minha covardia, do meu convencimento, da minha ambição, eu continuava amando a mim mesmo. Nunca houvera a menor dificuldade nesse ponto. A verdadeira razão por que eu odiava essas coisas era, de fato, que eu amava a pessoa em mim. Justamente porque amava a mim mesmo, sentia pesar de constatar que eu era a espécie de homem que fazia tais coisas.

Conseqüentemente, o Cristianismo não pretende que reduzamos nem um átomo sequer do ódio que sentimos pela crueldade e pela traição. Devemos odiar essas causas. Não é preciso desdizer uma só palavra do que se disse contra elas. Mas devemos odiar do mesmo modo que odiamos as cousas em nós mesmos: sentindo pesar de que alguém haja feito tais cousas e esperando, se for possível, que, de algum modo, algum dia, em algum lugar, possa curar-se e tornar-se novamente humano.

Eis o verdadeiro teste. Suponhamos que lemos no jornal uma reportagem das mais baixas atrocidades; mas depois surge uma notícia que nos leva a crer que a história não estava bem contada, ou que não era tão má como se apresentou. Será que nosso primeiro sentimento é: "Graças a Deus, ao menos [esses caras] não são tão maus quanto parecia"; ou, ao contrário, é um sentimento de decepção [frustração], ou mesmo a firme resolução de apegar-se à primeira versão [da notícia] pelo mero prazer de pensar que os nossos inimigos são os piores possíveis? Se é o segundo sentimento que tem lugar, temo que este seja o primeiro passo de um processo que, levado até ao fim, nos transformará em demônios. Como vedes, começa-se por desejar que o preto fosse mais preto. Se dermos livre curso a este desejo, desejaremos mais adiante ver o cinzento como preto e, [tempos] depois, o próprio branco como preto. Finalmente, insistiremos em ver tudo, inclusive Deus e os nossos amigos, e a nós mesmos, como maus e, incapazes de parar o processo, seremos para sempre fixados num universo de puro ódio.

Demos agora um passo adiante. Amar o inimigo significará que não se deve puni-lo? Não, porque amar a mim mesmo não significa que eu não devo me sujeitar ao castigo e mesmo à morte. Se alguém cometeu um homicídio, o procedimento cristão correto seria entregar-se à polícia para ser enforcado. É, portanto, na minha opinião, perfeitamente justo um juiz cristão sentenciar um homem à morte ou um soldado cristão matar um inimigo. Sempre pensei assim, desde que me tornei cristão, muito antes da guerra, e ainda penso assim agora que estamos em paz. Não adianta citar: "Não matarás". Há duas palavras gregas [nas Escrituras Sagradas]: a palavra comum *matar*, e a palavra *assassinar*. E quando Cristo cita aquele mandamento usa a palavra *assassinar* nos três relatos, de Mateus, Marcos e Lucas. E, segundo me disseram, há a mesma distinção em hebraico. Nem toda ação de matar é um assassinato, assim como nem toda relação sexual é um adultério. Quando os soldados foram ter com João Batista para perguntar o que deviam fazer, ele jamais sugeriu nem de longe que deveriam deixar o exército; nem também o fez Cristo quando encontrou um primeiro-sargento romano, o que chamavam um "centurião". A idéia do **Cavaleiro**, "*o cristão em armas para a defesa de uma boa causa*", é uma das grandes idéias cristãs. A guerra é uma coisa terrível e eu posso respeitar um pacifista sincero, embora pense que está completamente enganado. O que eu não posso compreender é essa espécie de semipacifismo que se encontra hoje em dia, que dá às pessoas a idéia de que, embora se deva combater, deve-se fazê-lo com a cara amarrada e como se fosse uma vergonha. É este sentimento que defrauda uma quantidade enorme de ótimos cristãos nas forças armadas, de algo a que têm direito, algo que é uma natural conseqüência da coragem: uma certa jovialidade e resolução.

Pensei muitas vezes o que aconteceria se, quando servi na primeira guerra mundial, eu e algum jovem alemão tivéssemos matado um ao outro simultaneamente e nos encontrássemos os dois juntos, um segundo após a morte. Não consigo me ver sentindo ressentimento, ou mesmo embaraço. Acho que eu e ele iríamos até rir do ocorrido.

Imagino que alguém há de dizer: "Se é permitido condenar as ações de um inimigo, prendê-lo e até puni-lo com a pena de morte, qual é a diferença entre a moral cristã e o ponto de vista comum?" Toda a diferença que há no mundo! Lembrai-vos de que nós cristãos julgamos que o homem vive para sempre. **O que, portanto, realmente importa são aquelas pequenas marcas ou deformações na parte central interna da alma, que a transformam, com o correr do tempo, numa criatura celeste ou infernal.** Pode-se matar, se é necessário; mas não se deve odiar nem ter prazer no ódio. Pode-se punir, se for preciso, porém não se deve deleitar-se nisso. Em outras palavras, algo em nosso interior, o senso de ressentimento, o sentimento que deseja nada menos do que a vingança, deve ser sumariamente aniquilado. Não quero dizer que se possa resolver *neste instante* nunca mais ter este sentimento. Não é assim que essas cousas se dão. Quero dizer que *cada vez* que esse sentimento levantar a cabeça, dia após dia, ano após ano, durante toda a vida, devemos feri-lo na cabeça. É um trabalho duro, mas a tentativa não é impossível. Mesmo quando se mata e se pune, é preciso procurar sentir pelo inimigo o que sentiríamos por nós mesmos: desejar que ele não fosse mau, esperar que ele

possa, **neste mundo ou no outro**, ser curado; desejar, de fato, o seu bem. Isso é o que quer dizer a Bíblia por amá-lo; desejar o seu bem, e não sentir grande simpatia por ele, ou dizer que é uma pessoa amável, quando não é.

Admito que isso significa amar a pessoas que nada têm de amáveis em si mesmas... **Mas tem alguém algo amável em si mesmo? Amais a vós mesmos simplesmente porque sois vós! Deus quer que amemos todas as pessoas do mesmo modo e pela mesma razão, e Ele nos deu o problema já resolvido em nosso próprio caso, para nos mostrar como é que se resolve. Deve-se, pois, prosseguir e aplicar a regra a todas as outras pessoas.** Talvez isso se tome mais fácil se nos lembrarmos de que este é o modo como Ele nos ama. Não pelas belas ou atrativas qualidades que julgamos ter, mas só porque somos essas coisinhas chamadas "eu". Porque realmente nada mais há em nós para amar. Somos, com efeito, criaturas que acham tanto prazer no ódio que para o renunciar é como renunciar à bebida ou ao cigarro...

VIII – O GRANDE PECADO

Venho ter agora àquela parte da moral cristã em que ela se distingue mais nitidamente das outras morais. Há um vício de que ninguém neste mundo está isento, um vício que todos sem exceção detestam quando o vêem nos outros e de que alguém dificilmente, a não ser os cristãos, imaginaria de que também é culpado. Tenho encontrado pessoas que admitem ser de mau gênio, ou que não podem se controlar em se tratando de mulher ou bebida, ou mesmo que são covardes. Não creio ter encontrado alguém, a não ser que fosse cristão, que se acusasse desse vício. E ao mesmo tempo só muito raramente encontrei alguém, que não fosse cristão, que mostrasse a mais leve sombra de misericórdia por esse vício nos outros. Não há falta que torne um homem mais impopular, nem falta de que tenhamos menos consciência, em nós mesmos. E quanto mais tivermos essa falta em nós mesmos, tanto mais ela nos desagradará nos outros.

O vício de que estou falando é o orgulho ou presunção; a virtude que lhe é oposta, na moral cristã, chama-se humildade. Pode ser que vos lembreis de que, ao falar da moral sexual, adverti-vos de que o centro da moral cristã não jazia aí. Pois bem, chegamos agora ao centro. De acordo com os mestres do Cristianismo, o vício essencial, o supremo mal, é o orgulho. A falta de castidade, a ira, a ganância, a embriaguez, e tudo o mais, comparadas a ele, são [meras] ninharias. Foi pelo orgulho que o demônio se tornou demônio. O orgulho conduz a todos os outros vícios. Ele é o estado da alma mais antitético a Deus.

Parecer-vos-á isso um exagero? Pensai bem no caso. Observei há pouco que quanto mais orgulho se tem, mais nos desagrada este vício nos outros. Se desejais, com efeito, descobrir o quanto sois orgulhosos, o meio mais fácil é perguntar-vos:

"Quanto me desagrada que os outros me desprezem, ou se recusem a me dar qualquer atenção, ou se intrometam no que me diz respeito, ou me tratem com ares de condescendência, ou brilhem com ostentação?"... O problema está em que o orgulho de cada um encontra-se em competição [direta] com o orgulho de todos. "É porque eu queria ser o grande homem na festa, que fico tão zangado quando [vejo que] foi outro o grande homem". Dois bicudos não se beijam. O que precisamos ver claro agora é que o orgulho é *essencialmente* competidor – ele é competidor por sua própria natureza, enquanto os outros vícios são competidores, por assim dizer, apenas por acidente. O orgulho não sente prazer em possuir algo, mas somente em possuir mais do que o vizinho. Dizemos que se é orgulhoso por ser rico, ou inteligente, ou de boa aparência, mas não é bem assim. É-se orgulhoso por ser mais rico, ou mais inteligente, ou de melhor aparência do que outros. Se todos se tornassem igualmente ricos, ou inteligentes, ou de boa aparência, não haveria nada de que se orgulhar. É a comparação que nos faz orgulhosos: o prazer de estar acima dos demais. Uma vez que desapareça o fator de competição, desaparece o orgulho. Essa é a razão por que eu disse que o orgulho é essencialmente competidor num sentido em que os outros vícios não o são. O impulso sexual pode levar dois homens à competição se ambos desejarem a mesma mulher. Mas isso é apenas accidental; podiam da mesma forma ter desejado duas mulheres diferentes. Mas um homem orgulhoso roubar-vos-á a mulher, não porque a deseje, mas para provar a si mesmo que é melhor do que vós. A ganância pode levar os homens à competição, se

não há o bastante para todos. Mas o orgulhoso, mesmo quando adquiriu mais do que lhe seria possível desejar, procurará adquirir ainda mais, para afirmar o seu poder. Quase todos os males do mundo que se atribuem à avidez ou ao egoísmo são, em verdade, muito mais o resultado do orgulho.

Exemplifiquemos com o caso do dinheiro. A ganância fará certamente com que alguém deseje dinheiro, para ter uma casa melhor, melhores férias, melhores cousas para comer e beber. Mas até um certo ponto. Que é que faz com que alguém que ganha 10.000 libras anuais fique ansioso por ganhar 20.000? Não é a avidez por maior prazer. Dez mil libras dar-lhe-iam todos os bens de que um homem possa realmente gozar. É o orgulho – o desejo de ser mais rico do que os outros ricos, e (mais ainda), o desejo de poder. Porque, naturalmente, é o poder em que o orgulho realmente se deleita. Não há nada que mais faça um homem sentir-se superior aos outros do que o ser capaz de movê-los [à sua volta] como soldadinhos de chumbo. Que é que faz com que uma bela mulher espalhe a miséria por onde passa, buscando admiradores? Não é certamente o seu instinto sexual, sendo essa espécie de mulher muitas vezes sexualmente frígida. É o orgulho. Que é que faz com que um líder político ou toda uma nação prossiga indefinidamente exigindo cada vez mais [do seu povo]? Ainda o orgulho. O orgulho é competidor *por natureza*; essa é a razão por que não para jamais. Se eu for um homem orgulhoso, então, enquanto existir em todo o mundo alguém mais poderoso, ou mais rico, ou mais inteligente do que eu, será meu rival e meu inimigo.

Os cristãos têm razão: o orgulho tem sido a principal causa da miséria em todas as nações e em todas as famílias desde que o mundo começou. Outros vícios podem algumas vezes reunir as pessoas: pode-se encontrar bom companheirismo, brincadeiras e afabilidade entre pessoas dadas à embriaguez ou que não guardam a castidade. Mas o orgulho sempre significa inimizade: ele é inimizade! E não apenas inimizade entre um homem e outro, mas inimizade contra Deus.

Em Deus, vindes ter contra algo que vos é infinitamente superior sob todos os aspectos. A não ser que conheçais a Deus como tal e, conseqüentemente, que vos conheçais como um nada em comparação com Ele, não conheceis a Deus de modo algum. Enquanto permanecerdes orgulhosos não podeis conhecer a Deus. Um orgulhoso está sempre olhando de cima para as pessoas e para as cousas e, naturalmente, enquanto estiverdes olhando de cima, não podeis ver algo que está acima de vós.

Isso levanta um terrível problema. Como é possível que pessoas que estão evidentemente corroídas de orgulho possam dizer que crêem em Deus e se tenham na conta de muito religiosas? Temo que isso signifique que elas adoram um Deus imaginário. Teoricamente elas admitem que nada são na presença desse Deus fantasma, mas estão sempre realmente cogitando como são aprovadas por Ele e como são consideradas muito melhores do que as pessoas comuns; isto é, tributam um mínimo de humildade imaginária a Ele e tiram disso um máximo de orgulho com relação aos seus semelhantes. Creio que era nessa gente que Cristo pensava quando disse que alguns pregariam em Seu Nome e expulsariam demônios em Seu Nome, apenas para que lhes seja dito no fim do mundo que Ele nunca os conheceu. **E qualquer um de nós pode a cada momento cair nessa armadilha mortal.** Felizmente, temos *uma pedra de toque*: **Quando acharmos que a nossa vida religiosa nos está fazendo sentir que somos bons, ou antes de tudo, que somos *melhores* do que os outros, podemos estar certos de que fomos trabalhados, não por Deus, mas pelo demônio.** A verdadeira prova de que se está na presença de Deus é que vos esqueçais completamente de vós mesmos ou que vos considereis como um pequeno e vil objeto. É preferível esquecer-se de si completamente.

É uma cousa terrível que o pior dos vícios possa insinuar-se até ao verdadeiro centro de nossa vida religiosa. Mas pode-se saber a razão. Os outros vícios, menos maus, provêm do demônio que nos tenta em nossa natureza animal. Mas este não provém absolutamente de nossa natureza animal. Vem diretamente do inferno. É puramente espiritual, e é, conseqüentemente, muito mais sutil e mortal. Pela mesma razão, o orgulho pode muitas vezes ser usado para derrotar os vícios mais simples. Os professores, de fato, fazem muitas vezes apelo ao orgulho do rapaz ou, como o chamam, *ao seu amor próprio*, para o fazer proceder decentemente; muita gente tem vencido assim a covardia, ou a luxúria, ou o mau gênio, aprendendo a pensar que essas cousas não condizem com a sua dignidade, isto é, por orgulho. **O demônio ri.** Fica muito contente de vos ver tornardes castos e bravos, e controlados, contanto que esteja sempre a estabelecer em vós *a ditadura do orgulho*, tal como ficaria muito contente de ver curados os vossos resfriados, se lhe fosse possível dar-vos em troca o câncer. Porque o

orgulho é o câncer espiritual: ele devora toda a possibilidade de amor, de contentamento, ou mesmo de bom senso.

Antes de deixar este assunto, preciso precaver-me contra alguns mal-entendidos.

1.º - O prazer de ser louvado não é orgulho. A criança que é estimulada por ter feito bem a lição, a mulher cuja beleza é louvada por aquele que a ama, a alma que se salvou e à qual Cristo diz: "Muito bem" ["vinde benditos de meu Pai"], ficam contentes e devem mesmo ficar. Porque aqui o prazer reside não no que sois, mas no fato de que agradastes a alguém a quem desejais de fato (e com retidão) agradar. O mal começa quando cessais de pensar: "Eu o agradei, tudo está bem", para pensar: "Que grande pessoa eu devo ser para ter agido assim". Ou seja, quanto mais vos comprazeis em vós mesmos e quanto menos vos comprazeis no louvor, tanto pior vos estais tornando. Quando vos comprazeis totalmente em vós mesmos e não vos importais mais com o louvor, atingistes o fundo. Essa é a razão por que a vaidade, embora seja a espécie de orgulho que se manifesta mais exteriormente, é, na realidade, a menos má e a mais perdoável das espécies. A pessoa vaidosa deseja louvor, aplauso, admiração em demasia, e os está sempre procurando. É uma falta, mas uma falta infantil e até mesmo (de um modo estranho), "uma falta humilde". Mostra que ainda não se está completamente satisfeito com a admiração de si próprio. Ainda prezais os outros o bastante para desejar que olhem para vós. Ainda sois, de fato, humanos. O orgulho verdadeiramente negro e diabólico aparece quando olhais tão de cima para os outros que nem vos importais com o que pensam de vós. Naturalmente, é correto e muitas vezes é nosso dever não nos importarmos com o que os outros pensam de nós, se assim procedermos por uma razão justa, a saber, porque nos importamos incomparavelmente mais com o que Deus pensa de nós. O homem orgulhoso, porém, tem outra razão para não se importar. Ele diz: *"Por que deveria me importar com o aplauso da plebe, como se a sua opinião tivesse algum valor? E mesmo que a sua opinião tivesse algum valor, sou eu a espécie de homem que exulta de alegria por um cumprimento, como a mocinha em sua primeira dança? Não, eu sou uma personalidade formada, adulta. Tudo o que tenho feito, fi-lo para realizar os meus próprios ideais, ou à minha consciência artística, ou às tradições da minha família, ou, numa palavra, porque é esse o meu feitio. Se a multidão aprecia o que fiz, deixai-a. Nada significa para mim"*. Um orgulho exacerbado pode agir, desse modo, como um freio sobre a vaidade, porque, como disse há pouco, o demônio gosta de "curar" uma pequena falta dando-vos outra maior. Devemos procurar não ser vaidosos, mas nunca devemos consultar nosso orgulho para curar nossa vaidade.

2.º - Diz-se que um homem se sente "orgulhoso" do seu filho, ou do seu pai, ou da sua escola, ou do regimento, e se pode perguntar se "orgulho" neste sentido é pecado. Acho que isso depende do que se entenda, exatamente, por sentir-se "orgulhoso". Com muita frequência, nessas afirmações, a expressão "sentir-se orgulhoso de" significa "ter uma especial admiração por". Tal admiração está, naturalmente, muito longe de ser um pecado. Mas também pode significar que a pessoa em questão dá-se ares de importância por causa de um pai ilustre, ou porque pertença a uma empresa rica. Isso seria, evidentemente, uma falta; mas, mesmo assim seria melhor do que simplesmente sentir-se orgulhoso de si próprio. Amar e admirar algo que não seja a vossa pessoa é recuar um passo de uma ruína espiritual completa; embora não estejamos bem enquanto amarmos e admirarmos algo que não seja Deus.

3.º - Não se deve pensar que o orgulho é algo que Deus proíba porque O ofende, ou que a humildade é algo que Ele exija como devida à Sua própria dignidade, como se o próprio Deus fosse orgulhoso. Ele não está absolutamente preocupado a respeito da Sua dignidade. O problema é que Ele quer que vós O conheçais; quer dar-Se a Si mesmo a nós. E Ele e nós somos duas cousas de tal condição que, se entraís em qualquer espécie de contato com Ele, tornar-vos-eis efetivamente humildes, deliciosamente humildes, sentindo o infinito alívio de vos ter de uma vez por todas livrado de todo o estulto absurdo a respeito de vossa própria dignidade, que vos fez inquietos e infelizes por toda a vida. Ele procura fazer-vos humildes, a fim de vos tornar possível esse momento; procura tirar-vos uma porção de estúpidas e feias fantasias com que todos nos enfeitamos e ficamos empertigados como pequenos idiotas que somos. Desejaria ter eu mesmo alcançado um maior grau de humildade; se o tivesse, poderia provavelmente dizer-vos mais sobre o alívio, o conforto de tirar a fantasia, de livrar-se **do falso eu**, com todos os seus "olhem para mim", e "não vêem que sou uma boa pessoa?", e todo o

seu artificialismo e jactância. Só o aproximar-se disso, mesmo por um momento, é para o homem como um copo de água fresca no deserto.

4.º - Não imagineis que, se encontrardes um homem realmente humilde, será ele o que a maioria das pessoas chama "humilde" hoje em dia: uma espécie de pessoa pedante e bajuladora que vos estará sempre a dizer que não é ninguém. Provavelmente toda a vossa impressão será que ele se parece uma pessoa alegre e inteligente, que encontrou grande interesse no que vós lhe contastes. Se desgostais dele será porque vos sentis um pouco invejosos de alguém que parece viver a vida tão facilmente. Ele não estará cogitando de humildade, não estará de modo algum cogitando de si próprio.

Se alguém quiser adquirir a humildade, acho que lhe posso dizer qual o primeiro passo. O primeiro passo é *compreender* que se é orgulhoso. E é este também um passo imenso. Ao menos, nada, seja o que for, pode ser feito antes disso. Se pensais que não sois convencidos, isto é sinal de que sois, de fato, muito convencidos.

IX – A CARIDADE

Disse, num capítulo anterior, que havia quatro virtudes "cardeais" e três "teológicas". As três virtudes teológicas são: a Fé, a Esperança e a Caridade. A Fé será tratada nos dois últimos capítulos. Tratamos em parte da Caridade no capítulo VII, mas então dei toda a ênfase àquela parte da Caridade relacionada com o perdão. Desejo acrescentar agora alguma coisa mais.

Primeiro, quanto à significação do vocábulo. A "caridade" significa hoje simplesmente o que era costume denominar pelo termo "esmolas", isto é, dar aos pobres. Originalmente, porém, tinha uma significação muito mais ampla. (Pode-se saber como se chegou ao sentido moderno. Se alguém tem "caridade", dar aos pobres é uma das coisas mais manifestas que ele faz, e assim se veio a falar como se isso fosse *toda* a caridade. Do mesmo modo, a "rima" é a coisa mais manifesta em poesia, e assim se veio a entender por 'poesia' simplesmente a rima e nada mais). Caridade significa "amor, no sentido cristão". Mas amor, no sentido cristão, não quer dizer uma emoção. É um estado, não dos sentimentos, mas da vontade; é aquele estado da vontade que temos naturalmente quando se trata de nós mesmos e que precisamos aprender a ter quando se trata dos outros.

Observei, no capítulo sobre o perdão, que nosso amor por nós mesmos não significa que *gostemos* de nós. Significa que desejamos o nosso próprio bem. Do mesmo modo, o amor cristão (ou caridade) por nosso próximo é uma coisa muito diferente de gosto ou afeição. Nós "gostamos" ou "gostamos muito" de algumas pessoas e não de outras. É importante compreender que esse "gosto" natural não é nem um pecado nem uma virtude, como não são pecados ou virtudes os vossos gostos e repugnâncias em matéria de comida. É simplesmente um fato. Mas, sem dúvida, o uso que fazemos dele pode ser pecaminoso ou virtuoso.

Um gosto ou afeição natural pelas pessoas torna mais fácil o exercício da caridade para com elas. É, por isso, ordinariamente, um dever estimular nossas afeições, "gostar" das pessoas o mais que pudermos (como é muitas vezes nosso dever estimular nossa propensão por exercícios ou alimentos sadios), não porque esse gosto seja em si mesmo a virtude da caridade, mas porque lhe é um auxílio. Por outro lado, é também necessário estar prevenido, a fim de que nosso gosto por alguma pessoa não nos faça descaridosos, ou mesmo injustos para com outrem. Há mesmo casos em que **o nosso gosto colide com a nossa caridade para com a pessoa de que gostamos**. Pode, por exemplo, uma mãe apaixonada ser tentada por sua afeição natural a "estragar" o seu filho, isto é, a satisfazer os seus próprios impulsos afetivos à custa da verdadeira felicidade da criança no futuro.

Mas, embora os gostos naturais devam ordinariamente ser estimulados, seria decididamente errado pensar que o meio de se tornar caridoso seja começar a tentar "fabricar" sentimentos afetivos. Algumas pessoas são "frias" por temperamento; isso pode ser uma infelicidade para elas, mas não é pecado como não é ter má digestão, e não as exclui da oportunidade nem as exime do dever de praticar a caridade. A regra para todos nós é simplicíssima. Não percais tempo preocupando-vos sobre se "amais" o vosso próximo: **procedei como se o amásseis**. Logo que assim o fizerdes, descobrireis um dos grandes segredos: **Quando procedeis como se amásseis a alguém, vireis realmente a amá-lo**. Se ofendeis a alguém que desgostais, sentireis que desgostais ainda mais dele. Se lhe fizerdes um

favor, sentireis, ao contrário, que desgostais menos dele. Há, com efeito, uma exceção. Se lhe fizerdes um favor não para agradar a Deus e obedecer à lei da caridade, mas para lhe mostrar que boa pessoa sois e por isso o perdoais; para depois fazê-lo devedor e começardes a esperar a sua "gratidão"; ficareis provavelmente decepcionados (As pessoas não são tolas, têm um olho muito arguto para tudo o que é ostentação, presunção, paternalismo). Mas sempre que fizerdes o bem a outrem, porque é precisamente uma pessoa, feita por Deus (como nós), e desejando a sua felicidade como desejamos a nossa, tereis conseguido amá-la um pouco mais ou, pelo menos, desgostado menos dela.

Por conseguinte, embora a caridade cristã pareça uma coisa muito fria àqueles cujas mentes estão imbuídas de sentimentalismo, e embora seja uma coisa completamente distinta da afeição, conduz assim mesmo à afeição. A diferença entre o cristão e um homem mundano não está em que o homem mundano tenha apenas afeições e "gostos" e que o cristão tenha apenas "caridade". O homem mundano trata certas pessoas amavelmente porque "gosta" delas; o cristão, procurando tratar a todas amavelmente, sente que gosta de um número cada vez maior de pessoas, inclusive pessoas de que não poderia sequer, a princípio, ter imaginado que viria a gostar.

Esta mesma lei espiritual age terrivelmente no sentido contrário. Os alemães, a princípio, talvez maltratassem os judeus porque os odiavam; depois, eles os odiavam muito mais porque os haviam maltratado. Quanto mais cruéis fordes, maior ódio tereis, e quanto maior ódio tiverdes, tanto mais cruéis vos tornareis, e assim por diante num círculo vicioso sem fim.

O bem e o mal crescem ambos a juros compostos. Essa é a razão por que as pequenas decisões que tomamos todos os dias são de uma importância transcendental. O menor ato bom é hoje a captura de um ponto estratégico do qual, alguns meses mais tarde, sereis capazes de prosseguir para alcançar vitórias com que antes nunca sonhastes. Uma condescendência hoje em luxúria ou ira, aparentemente sem importância, é a perda de uma montanha, ou de uma linha de estrada de ferro, ou de uma cabeça de ponte, de onde o inimigo pode lançar um ataque, que seria de outro modo impossível.

Alguns escritores usam a palavra *caridade* para descrever não apenas o amor cristão entre os homens, mas também o amor de Deus pelo homem e o amor do homem por Deus. As pessoas muitas vezes se inquietam a respeito do segundo destes dois amores. Diz-se-lhes que devem amar a Deus. Então elas olham para dentro e vêem que não encontram nenhum sentimento desse em si mesmos. O que devem fazer? A resposta é a mesma de antes. **Agi como se o tivésseis.** Não comeceis a procurar fabricar sentimentos. Pensai: "**Se eu tivesse certeza de amar a Deus, o que faria?**"... Quando tiverdes achado esta resposta, ponde-a em prática.

Em conjunto, o amor de Deus por nós é um assunto *muito mais seguro* de se tratar do que o nosso amor por Ele. Ninguém pode ter sempre sentimentos devotos, e mesmo que pudéssemos, **os sentimentos não são as coisas a que Deus dá mais importância.** O amor cristão, ou para com Deus ou para com o homem, é um negócio *da vontade*. Se procurarmos fazer a Sua vontade, estaremos obedecendo ao mandamento: "Amarás o Senhor teu Deus". Ele nos dará sentimentos de amor, se Lhe aprovar. Não os podemos engendrar por nós mesmos e não os devemos pedir como um direito. Mas a coisa mais importante de que devemos nos lembrar é que, embora os nossos sentimentos surjam e se desvançam, não é assim o Seu amor por nós. Este [o Ágape] não se cansa por causa dos nossos pecados ou da nossa indiferença e é, por isso mesmo, perfeitamente inflexível em sua determinação de nos curar de nossos pecados, custe o que nos custar, custe o que Lhe custar.

X – A ESPERANÇA

A Esperança é uma das virtudes teológicas. Isso quer dizer que um olhar continuamente voltado para a eternidade do outro mundo não é (como pensam algumas pessoas de hoje) uma forma de evasão [alienação], ou ilusão, mas uma das cousas a que o cristão *está obrigado*. Isso não quer dizer que devamos deixar o mundo presente como está. Se lerdes a história, descobrireis que os cristãos que mais trabalharam pelo mundo presente foram justamente aqueles que mais cogitaram do futuro. Os próprios apóstolos, que empreenderam a conversão do Império romano, os grandes homens que construíram a idade média, os evangélicos ingleses que aboliram o mercado de escravos, deixaram todos a sua marca na Terra, precisamente porque as suas mentes ocupavam-se das cousas do Céu. Foi desde que os cristãos deixaram de pensar na outra vida que começaram a falhar tanto nesta. Almejai o Céu e tereis a terra por acréscimo. Almejai a terra e não tereis nem uma coisa nem outra. Parece uma regra estranha, mas algo semelhante se pode observar em outros setores. A saúde é uma grande bênção, mas desde o momento em que fizerdes dela um de vossos objetivos principais e diretos, começareis a vos tornar um rabugento e a imaginar que alguma coisa não vai bem convosco. Só podereis obter saúde, se desejardes outras cousas mais: alimento, jogos, trabalho, diversão, o ar livre. Do mesmo modo, jamais salvaremos a civilização enquanto for este o nosso principal objetivo. Devemos, com maior força de razão, desejar algo mais.

A maioria das pessoas acha muito difícil desejar o "Céu", a não ser no sentido em que "Céu" significa encontrar-se novamente com os amigos que morreram. Uma das razões dessa dificuldade está em que não fomos exercitados: toda a nossa educação tende para a fixar a nossa mente neste mundo. Outra razão é que, quando temos um sincero desejo do Céu, não o reconhecemos. A maioria das pessoas, se tivessem realmente aprendido a olhar para dentro de seu coração, saberia que deseja, e deseja ardentemente, algo que não se pode ter neste mundo. Há neste mundo toda sorte de cousas que vo-lo prometem, mas jamais cumprem perfeitamente o prometido. As aspirações que se levantam em nós quando amamos pela primeira vez, ou quando pensamos pela primeira vez em algum país estrangeiro, ou quando nos interessamos pela primeira vez em algum assunto que nos empolga, são aspirações que nenhum casamento, nenhuma viagem e nenhum estudo pode satisfazer. Não falo agora do que se qualificaria ordinariamente de casamentos, ou férias ou carreiras liberais mal sucedidas. Falo dos melhores casos possíveis. Havia algo que parecíamos tocar no primeiro momento de nossa aspiração, mas que (in)justamente se desvanece na realidade. Acho que todos compreendem o que quero dizer. A esposa pode ser uma boa esposa; os hotéis e a paisagem, excelentes; a química, uma ocupação muito interessante: algo, não obstante, nos escapa. Ora, existem dois modos errados de se comportar neste caso, e um certo.

1.º - O modo do tolo. Ele censura as cousas em si. Passa toda a sua vida a pensar que se ao menos pudesse ter outra mulher, ou gozar de melhores férias, ou o que quer que seja, então, com essa nova oportunidade, apossar-se-ia de fato desse algo misterioso que todos buscamos. A maior parte das pessoas ricas, que vivem aborrecidas e descontentes neste mundo, pertencem a este tipo. Gastam toda a sua vida passando de uma mulher para outra (através dos tribunais de divórcio), ou de um para outro continente, ou de um para outro passatempo, pensando sempre que a última coisa será, afinal, "o verdadeiro bem", e sempre saem decepcionados.

2.º - O modo do "homem sensato" desiludido. Ele logo se convence de que tudo não passa de uma ilusão. "Naturalmente, diz ele, a gente se sente assim quando é jovem. Mas quando atingis a minha idade, desistireis de andar no enalço do impossível". E assim ele sossega e aprende a não esperar demais e reprime a parte de seu ser que nele costumava, como ele mesmo diria, "reclamar a lua". Este é, sem dúvida, um modo melhor do que o primeiro, e torna o homem muito mais feliz e menos molesto para sociedade. Mas tende a fazer dele um pedante (está inclinado a julgar-se superior ao que chama "coisas de adolescentes"); porém, de modo geral, ele leva a vida mais ou menos comodamente. Seria o melhor caminho que poderíamos tomar se o homem não devesse viver para sempre. **Mas se uma felicidade sem limites realmente existe e nos espera?** Se for possível, pois, realizar todos os sonhos? Nesse caso, seria uma pena descobrir tarde demais (um instante depois da

morte) que, por causa de nosso suposto "bom senso", extinguimos em nós mesmos a possibilidade de gozar a felicidade.

3.º - O modo cristão. O cristão diz: "As criaturas não nascem com desejos que não possam ser satisfeitos. Um bebê sente fome; pois bem, existe uma coisa chamada alimento. Um patinho deseja nadar; pois bem, existe uma coisa chamada água. Os homens sentem o desejo sexual; pois bem, existe uma causa chamada sexo. [Logo] Se encontro em mim um desejo que nenhuma experiência deste mundo pode satisfazer, a explicação mais provável é que eu fui feito para outro mundo. Se nenhum de meus prazeres terrenos o satisfaz, isso não é prova de que o universo seja uma fraude. Provavelmente, os prazeres terrestres nunca se destinaram a satisfazê-la, mas unicamente a suscitá-la, ou a sugerir esse verdadeiro bem. Se assim é, devo precaver-me, de um lado, de desprezar alguma vez, ou *mostrar-me ingrato por essas bênçãos terrenas* e, de outro lado, *de alguma vez as confundir com aquilo de que são apenas uma espécie de cópia, ou eco, ou miragem*. Devo conservar vivo em mim o desejo da minha verdadeira pátria, que não encontrarei senão depois da morte; nunca deixarei abafar ou ser posto de lado; devo fazer o principal objetivo da vida: preparar-me para essa outra vida e ajudar os outros a fazerem o mesmo".

Não há razão para se preocupar com as pessoas jocosas que tentam fazer ridícula a esperança do "Céu", dizendo que não desejam "passar a eternidade a tocar harpas". A resposta para essa gente é que se não podem entender livros escritos para adultos, não deveriam falar deles. Todas as imagens da Bíblia (harpas, coroas, ouro, etc.), são, naturalmente, uma simples tentativa simbólica para exprimir o inexprimível. Os instrumentos musicais são mencionados porque para muita gente (não todos), a música é, dentre [todas] as coisas conhecidas nesta vida, a que mais fortemente sugere o êxtase e o infinito. As coroas são mencionadas para sugerir o fato de que aqueles que estão unidos a Deus na eternidade participam do seu esplendor, poder e alegria. O ouro é mencionado para sugerir a eternidade (o ouro não se corrói) e a preciosidade do Céu. As pessoas que tomam esses símbolos literalmente podiam também pensar que, quando Cristo disse que vivêssemos como pombos, quisesse significar que deveríamos pôr ovos.

XI – A FÉ

Devo falar neste capítulo sobre o que os cristãos chamam de **Fé**. Falando aproximadamente, a palavra Fé parece ser usada pelos cristãos em dois sentidos ou em dois níveis, os quais considerarei em separado. No primeiro sentido, significa simplesmente crença: a aceitação ou admissão como verdades as doutrinas do Cristianismo. Isso é bastante "simples". Mas o que confunde as pessoas (ao menos costumava confundir-me) é o fato de que os cristãos considerem a Fé, neste sentido, *como uma virtude*. Eu costumava inquirir: por que razões neste mundo a fé podia ser uma virtude? Ou o que há de moral ou imoral em se crer ou não numa série de afirmações? Evidentemente, costumava dizer, um homem equilibrado aceita ou rejeita qualquer afirmação, não porque queira ou não queira, mas porque as provas lhe parecem boas ou más. Enganar-se a respeito da validade ou invalidade das provas não significaria que fosse um homem mau, mas apenas que não era muito inteligente. Considerar inválidas as provas e procurar, mesmo assim, fazer violência a si mesmo para crer, isso seria simplesmente uma estupidez.

Ora, acho que ainda conservo esta opinião. Mas o que não via antes – e muita gente ainda não vê – é o seguinte. Eu suponha que, se a mente humana admitia uma vez alguma coisa como verdadeira, ela continuaria considerando-a verdadeira até que aparecesse outra razão sólida para reconsiderar a primeira opinião. Eu suponha, de fato, que a mente humana é completamente regida pela razão. Mas não é assim. A minha razão está, por exemplo, perfeitamente convencida, por bons argumentos, de que os anestésicos não me sufocam e que os cirurgiões convenientemente treinados não começam a operar até que eu fique inconsciente. Mas isso não impede que, quando estou lá na mesa de cirurgia e me colocam a terrível máscara no rosto, me invada um pânico inteiramente infantil. Começo a pensar que vou ser asfixiado e temo que comecem a me cortar antes que eu esteja anestesiado. Em outras palavras, perco a minha fé nos anestésicos. Não é a razão que me faz perder a

fé; ao contrário, minha fé está baseada na razão. São a minha imaginação e emoções. O combate é entre a fé e a razão, de um lado, e entre a imaginação e a emoção, de outro.

Quando se reflete sobre esse fato, encontrar-se-ão numerosos exemplos. Sabe alguém, por uma evidência comprovada, que uma linda moça de sua relação é uma mentirosa e nunca guarda um segredo, não merecendo, por isso, confiança; mas quando ele está com ela, a sua mente perde a fé na evidência obtida e começa a pensar: "Talvez ela seja diferente desta vez", e procede mais uma vez como um tolo e lhe diz algo que não podia lhe dizer. Os seus sentimentos e emoções destruíram a sua fé relativamente ao que sabia ser verdade. Ou então, vede um rapaz aprendendo a nadar. A sua razão sabe perfeitamente bem que um corpo humano abandonado a si mesmo não afunda necessariamente na água; viu, com efeito, dezenas de pessoas a boiar e nadar. Mas o problema está todo em se ele será capaz de conservar essa fé quando o instrutor retirar a mão e o deixar a sós na água, ou se deixará subitamente de crer, entrando em pavor e indo ao fundo.

Ora, o mesmo acontece com o Cristianismo. **Não peço** a ninguém que admita o Cristianismo se a sua razão, de boa fé, lhe diz que o peso das evidências é contra ele. Não é este o caminho para se chegar à Fé. Mas suponha-se que a razão admite que o peso das provas é a seu favor. Posso predizer a essa pessoa o que lhe acontecerá nas próximas semanas. Virá o momento em que receberá más notícias, ou estará em dificuldade, ou vive entre incrédulos, e todas as suas emoções ao mesmo tempo levantar-se-ão e declararão guerra contra a sua fé. Ou então virá um momento em que deseja uma mulher, ou deseja dizer uma mentira, ou se sente muito satisfeito consigo mesmo, ou depara com uma oportunidade de fazer um pouco de dinheiro de um modo que não é inteiramente honesto: momento em que, de fato, seria muito conveniente que o Cristianismo não fosse verdadeiro. E mais uma vez os seus desejos e ambições o levarão a uma guerra. Não falo, portanto, de momentos em que apareça realmente uma nova "razão" contra o Cristianismo. Esses também devem ser enfrentados, mas é um outro assunto. Falo de momentos em que uma simples indisposição de ânimo se levanta contra a fé.

Pois bem, a Fé, no sentido em que tomo aqui a palavra, é a arte de continuar a admitir as cousas que a razão uma vez aprovou, apesar das instáveis disposições de ânimo. Porque estas mudarão, qualquer que seja a vossa, opinião. Eu o sei por experiência própria. Agora que sou um cristão, passo por momentos em que todo o Cristianismo me parece improvável; mas quando eu era um ateu, tinha disposições de ânimo em que o Cristianismo parecia terrivelmente provável. Essa rebelião de nossas disposições contra o nosso verdadeiro eu tende a se formar de qualquer modo. E essa é a razão por que a fé é uma virtude tão necessária; a não ser que se ensine às nossas disposições de ânimo "até aonde podem ir", nunca se poderá ser um bom cristão ou mesmo um bom ateu, mas apenas uma criatura hesitante de um para outro lado, com as suas crenças dependentes na realidade do tempo e do estado da digestão. É preciso, por isso, exercitar-se no hábito da Fé.

O primeiro passo é reconhecer que as nossas disposições de ânimo mudam. O seguinte é assegurar-vos de que, se aceitais o Cristianismo, alguns dos principais pontos da sua doutrina sejam apresentados deliberada e repetidamente às vossas mentes por algum tempo, todos os dias. Essa é a razão pela qual as preces diárias, a leitura espiritual e a freqüência à igreja são partes necessárias [essenciais] da vida cristã. Precisamos ser continuamente lembrados das cousas em que acreditamos. Nenhuma crença pode ficar automaticamente viva no espírito. Precisa ser alimentada. E, com efeito, se examinássemos uma centena de pessoas que perderam a sua fé no Cristianismo, gostaria de saber quantas o teriam abandonado por um sério argumento. Não teria a maior parte sido simplesmente levada pelas circunstâncias?

Devo agora considerar a Fé em seu segundo e mais elevado sentido, e essa é a cousa mais difícil que eu já tenho tratado. Quero aproximar-me do assunto voltando à consideração da humildade. Lembrai-vos provavelmente de que vos disse que o primeiro passo para a aquisição dessa virtude era compreender que se é orgulhoso. Quero acrescentar agora que o segundo passo é fazer uma tentativa séria para praticar as virtudes cristãs. Uma semana não basta. As cousas correm muitas vezes facilmente na primeira semana. Experimentai durante seis semanas. Por este tempo, tanto quanto é possível prever, tendo voltado completamente atrás, ou mesmo descido ainda mais baixo do que o ponto de onde se partiu, já se terão descoberto algumas verdades sobre a própria pessoa. Ninguém sabe o quanto é mau, até que tenha procurado muito seriamente ser bom. É corrente a tola idéia de que as

peessoas virtuosas não sabem o que seja a tentação. Isso é evidentemente uma mentira. Só aqueles que procuram resistir à tentação sabem o quanto ela pode ser forte. Afinal de contas, descobrireis a força do exército alemão combatendo contra ele, não cedendo à sua ameaça. Descobrireis a força do vento, procurando andar contra ele, não deitando-se no chão. **Um homem que cede à tentação depois de cinco minutos simplesmente não sabe o que ela teria sido uma hora mais tarde. Essa é a razão por que as pessoas más conhecem, num sentido, muito pouco a respeito da maldade.** Vivem uma vida abrigada, por ceder sempre. Nunca descobriremos a força do impulso do mal dentro de nós, até que o procuremos combater, e Cristo, por ser o único homem que nunca cedeu à tentação, é também o único homem perfeitamente realista. Muito bem, pois. A principal cousa que aprendemos de uma séria tentativa por praticar as virtudes cristãs é que nós caímos. Se havia alguma idéia de que Deus nos tinha como que designado para um exame em que pudéssemos tirar boas notas, merecendo-as, essa idéia tem de ser varrida de nossa mente. Se havia alguma idéia de negócio, a idéia de que pudéssemos cumprir a nossa parte no contrato e assim pôr Deus em débito conosco, de modo que isso O obrigasse, por pura justiça, a cumprir a Sua parte, essa idéia tem de ser varrida de nossa mente.

Penso que todos os que possuem uma vaga crença em Deus têm, até que se tornem cristãos, a idéia *de um exame ou de um negócio em suas mentes*. A primeira consequência do verdadeiro Cristianismo é reduzir essa idéia a pedaços [ou a mero pó]. E quando a vêem em pedaços, alguns pensam, por isso, que o Cristianismo falhou, e desistem. Parece que imaginam ser Deus muito ignorante. Ele, contudo, conhece tudo isso. Uma das cousas a que o Cristianismo realmente se destina é aniquilar essa noção. Deus espera o momento em que descobrireis que não é o caso de ganhar uma nota aprovatória nesse exame ou pô-Lo em débito convosco.

Sobrevém então uma outra descoberta. Todas as faculdades que tendes, o vosso poder de pensar ou o de mover os vossos membros a cada momento, vos são dadas por Deus; Se dedicásseis todos os momentos de toda a vossa vida exclusivamente ao Seu serviço, não Lhe poderíeis dar algo que já não fosse, num certo sentido, propriedade dEle. Assim é que; quando se fala de alguém que faz algo por Deus *ou* Lhe dá algo, poderei dizer-vos com quem ele se parece. É semelhante a uma criancinha que vai ao encontro de seu pai e lhe diz: "Papai, dai-me uns cruzeiros para vos comprar um presente de aniversário". O pai atende, naturalmente, ao seu pedido e se alegra com o presente do filhinho. Tudo isso está muito bem, mas somente um tolo pensaria que o pai ganhou algum presente ou dinheiro na transação. Quando alguém fez estas duas descobertas, Deus pode realmente começar a trabalhar. É só depois disso que a vida realmente começa. O homem está então desperto. Podemos agora prosseguir e falar da Fé no segundo sentido.

XII – A FÉ

Quero começar dizendo uma cousa para a qual gostaria que prestásseis cuidadosa atenção. É o seguinte. Se este capítulo nada significa para vós, se ele vos parece estar procurando responder a perguntas que nunca fizestes, evitai-o prontamente. Não vos incomodeis com ele. Há certas cousas no Cristianismo que se podem entender melhor do lado de fora, antes de vos tornardes cristãos. Mas há muitas cousas que não se podem entender até que tenhais atingido uma certa distância na estrada do Cristianismo. Estas cousas são puramente práticas, embora não pareça que o sejam. São diretrizes para se comportar em determinadas encruzilhadas e obstáculos da jornada e não adquirem o seu sentido até que se tenha chegado a esses lugares. **Sempre que encontrardes uma afirmação nos escritos cristãos, que não vos parece fazer sentido, não vos preocupeis. Passai adiante. Dia virá, talvez alguns anos mais tarde, em que subitamente descobrireis o que significava. Se pudésseis entender antes, somente vos faria mal.**

Isso naturalmente depõe tanto contra mim quanto contra qualquer um outro. O que vou procurar explicar neste capítulo pode ser muito adiantado para mim, e pode ser que eu pense já ter atingido esse ponto, quando não atingi. Posso apenas pedir aos cristãos esclarecidos que me prestem toda a sua atenção e me digam quando eu errar; aos outros, que tomem o que eu digo como um grão de sal, como uma cousa que vos é proposta porque pode vos servir de auxílio, não porque eu esteja certo de ter razão.

Tento falar da Fé no segundo sentido, o mais elevado. Acabo de dizer que o problema da Fé neste sentido se formula depois que alguém empregou todos os seus esforços por praticar as virtudes cristãs, e viu que falhou, e compreende que, mesmo que não falhasse, estaria apenas devolvendo a Deus o que já era propriedade Sua. Em outras palavras, descobre a sua falência. Ora, digamos mais uma vez, aquilo a que Deus dá importância não são precisamente nossas ações. Aquilo a que Ele dá importância é **que sejamos criaturas de uma certa espécie ou qualidade, a espécie de criatura que Ele pretendeu que fôssemos, criaturas que se relacionam com Ele de um certo modo**. Não acrescentarei: "e que se relacionam umas às outras de um determinado modo", porque isso se supõe: se estais na devida relação para com Ele, estareis inevitavelmente na devida relação para com todos os vossos semelhantes, tal como os raios de uma roda, se estão todos corretamente afixados ao cubo e ao aro, estarão necessariamente na devida posição relativamente uns aos outros. Enquanto alguém pensar em Deus como um examinador que lhe propõe uma prova a fazer, ou como a outra parte numa espécie de negócio [comercial], enquanto pensar em protestos e contraprotestos entre si e Deus, não está ainda devidamente relacionado com Ele. Está entendendo mal o que é e o que Deus é. E não se pode colocar em sua verdadeira posição, até que tenha descoberto o fato de sua própria falência.

Quando digo descoberto, quero dizer realmente descoberto e não apenas dito maquinalmente. Qualquer criança, sem dúvida, se lhe é dada uma certa educação religiosa, aprenderá cedo a dizer que nada temos a oferecer a Deus que já não seja uma propriedade Sua, e que somos incapazes de oferecer mesmo isso, sem guardar algo para nós. Falo, antes, de uma real descoberta, em que verdadeiramente se descobrem por experiência essas verdades.

Ora, não podemos, nesse sentido, descobrir a nossa incapacidade para guardar a lei de Deus, senão procurando cumpri-la com o melhor de nossos esforços (e não o conseguindo). A não ser que assim o experimentemos, diga-se o que se quiser, restará sempre num canto de nossas mentes a idéia de que, se tentássemos outra vez mais seriamente, conseguiríamos ser perfeitamente bons. Assim é que a estrada de volta para Deus, num sentido, é uma estrada de esforço moral, de esforço cada vez mais apurado. Mas, num outro sentido, não é esse esforço que nos conduzirá ao lar. Todo esse esforço conduz ao momento vital em que vos voltais para Deus e dizeis: "Precisais fazê-lo. Eu não posso". Peço-vos encarecidamente que não comeceis a perguntar-vos: "Atingi esse momento?" Não pareis e comeceis a observar a vossa mente para ver se ele chegou. Isso desorienta completamente um homem. Quando as cousas mais importantes em nossa vida ocorrem, muitas vezes não sabemos, no momento, o que está acontecendo. Uma pessoa não diz sempre a si mesma: "Olá, estou crescendo!". É muitas vezes apenas quando olha para trás que compreende o que aconteceu e reconhece que foi aquilo o que se chama: "tornar-se adulto". Isso se verifica mesmo em campos mais simples. Um homem que começa ansiosamente a se observar para ver se vai dormir está fadado muito provavelmente a ficar inteiramente desperto. Além disso, a coisa de que agora falo pode não ocorrer a todos num súbito lampejo, como ocorreu a São Paulo ou a Bunyan; pode ser tão gradativa, que seja impossível indicar uma determinada hora, ou mesmo um determinado ano. O que importa é a natureza da mudança em si mesma e não como nos sentimos enquanto ocorre. É a mudança da confiança em nossos próprios esforços num estado em que desesperamos de fazer algo por nós mesmos e o abandonamos a Deus.

Sei que as palavras "o abandonamos a Deus" podem ser mal entendidas, mas elas precisam ser mantidas no momento. O sentido em que o cristão abandona uma coisa a Deus é que ele põe toda a sua confiança em Deus; confia em que Cristo lhe comunicará de algum modo a perfeita obediência que demonstrou desde o Seu nascimento até à Sua crucifixão; que Cristo fará o homem mais semelhante a Si e, num sentido, suprir suas deficiências.

Em linguagem cristã, Ele comunicar-nos-á a Sua "filiação", fazendo-nos como Ele mesmo é, "Filhos de Deus". No livro IV procurarei analisar o sentido dessas palavras um pouco mais profundamente. Se preferis exprimi-o deste modo, Cristo nos dá a troco de nada; oferece mesmo todas as cousas por nada. Num sentido, toda a vida cristã consiste em aceitar essa extraordinária oferta. Mas a dificuldade está em se atingir o ponto em que se reconhece que tudo o que se fez e se pode fazer é nada. O que gostaríamos era que Deus levasse em conta os nossos bons atos e relevasse os maus. Pode-se dizer, repitamo-lo, que, num sentido, nenhuma tentação jamais é vencida até que se deixe de procurar vencê-la, dando-se por vencido. Mas, na realidade, não poderíamos deixar de procurar

vencer, do modo conveniente, e pela Justa razão, senão depois de termos empregado todos os nossos esforços. E, ainda noutro sentido, abandonai tudo a Cristo não significa, naturalmente, que deixeis de vos esforçar. Confiar nEle significa, sem dúvida, procurar fazer tudo o que Ele diz. Não haveria sentido em se dizer que confiastes em alguém se não seguistes o seu conselho. Se, por isso, vos abandonaste realmente a Ele, deve-se seguir que procurais obedecer-Lhe. Mas procurar de um outro modo, de um modo menos preocupado. Não fazendo as cousas a fim de vos salvar, mas porque Ele já vos começou a salvar. Não esperando chegar ao Céu como uma recompensa por vossas ações, mas querendo infalivelmente agir de um certo modo, porque o primeiro brilho indeciso do Céu já está dentro de vós.

Os cristãos discutiram muitas vezes se o que conduz o cristão à pátria são as boas ações ou a Fé em Cristo. Eu não tenho realmente o direito de falar sobre um problema tão difícil, mas parece-me que **é como se alguém perguntasse qual das lâminas da tesoura é a mais necessária.** Um esforço moral sério é a única coisa que vos trará ao ponto em que vos dareis por vencido. A Fé em Cristo é a única coisa que, nessa altura, vos salva do desespero, e dessa Fé nEle devem inevitavelmente provir as boas ações. Há duas paródias sobre esta verdade, em que diferentes grupos de cristãos foram no passado acusados de crer por outros cristãos; talvez elas possam tornar mais clara a verdade.

Um grupo era acusado de dizer: *"As boas ações são só o que importa. A melhor ação é a caridade. A melhor espécie de caridade é dar dinheiro. A melhor coisa a quem se pode dar dinheiro é a Igreja. Dai-nos, por isso, dez mil contos e nós vos poderemos ajudar"*. A resposta a este absurdo seria naturalmente que as boas ações feitas por esse motivo, feitas com a idéia de que o Céu se pode comprar, não seriam absolutamente boas ações, mas apenas especulações comerciais. O outro grupo era acusado de dizer: *"A Fé é só o que importa. Por conseguinte, se tendes fê, não importa o que praticais. Pecai à vontade, meu caro, e diverti-vos, pois Cristo cuidará em que, no fim, tudo dê certo"*. A resposta a este outro absurdo é que, se o que chamais vossa "Fé" em Cristo não implica a menor atenção ao que Ele diz [sobre as obras], então absolutamente não é Fé – não é Fé ou confiança nEle, mas apenas aceitação intelectual de uma *teoria* sobre Ele.

A Bíblia parece realmente rematar o assunto quando coloca juntas as duas cousas numa surpreendente sentença. Diz a primeira parte: "Operai a vossa salvação com temor e tremor", o que dá a impressão de que tudo depende de nós e de nossas boas ações; mas a segunda parte prossegue: "porque é Deus quem age em vós", o que soa como se Deus fizesse tudo, e nós, nada. **É este o tipo de coisa com que esbarramos no Cristianismo. Eu fico confuso, mas não surpreso.** Como vedes, procuramos compreender, e separar em compartimentos estanques, o que é exatamente que Deus faz e o que é que o homem faz quando Deus e o homem agem conjuntamente. E começamos, naturalmente, por pensar que é como quando dois homens trabalham juntos, de tal modo que poderíeis dizer: "Ele fez esta porção e eu esta". Mas este modo de pensar é falho. Deus não é assim. Ele está dentro de vós, tanto quanto fora; mesmo que se pudesse compreender o que faz cada um, não julgo que a linguagem humana fosse capaz de o exprimir com propriedade. Na tentativa de o exprimir, diferentes igrejas dizem cousas diferentes. Mas vereis que, mesmo aqueles que insistem mais fortemente na importância das boas ações, dizem-vos que precisais da Fé; e mesmo aqueles que insistem mais fortemente na Fé, dizem-vos que procedais bem. De qualquer forma, isso é tudo o que eu posso entender.

Creio que todos os cristãos concordariam comigo se eu dissesse que, embora o Cristianismo pareça, a princípio, versar todo sobre moralidade, sobre deveres e regras, culpa e virtudes, ele vos conduz mais adiante, como para fora de tudo isso, em direção a algo mais além. Tem-se um relance de uma região onde ninguém fala dessas cousas, a não ser talvez por brincadeira. Todos lá estão repletos do que nós chamaríamos de bondade, assim como um espelho fica repleto de luz. Mas eles não chamam a isso bondade. Não lhe dão nenhum nome. Não cogitam a respeito disso. Estão muito ocupados em olhar para a fonte de onde procede tanto bem. Mas isso já fica na etapa em que a estrada ultrapassa a margem de nosso mundo. Ninguém pode ver muito longe para além; muitos poderão ver melhor do que eu.

LIVRO IV

PARA ALÉM DA PERSONALIDADE, OU OS PRIMEIROS PASSOS NA DOCTRINA DA TRINDADE

....

I – FAZER E GERAR

Não houve quem não me aconselhasse a não vos falar do que constitui o objeto deste último livro. Todos diziam: "o leitor comum não quer teologia; apresentai-lhe uma religião simples e prática". Rejeitei este parecer. Não julgo que o leitor comum seja um tolo. Teologia significa: "a ciência de Deus", e eu penso que qualquer homem que deseje, de algum modo, refletir acerca de Deus, gostaria de ter as idéias mais claras e precisas sobre Ele que nos possam vir às mãos. Não sois crianças; porque deveríeis ser tratados como crianças?

De certo modo, eu entendo por que algumas pessoas não querem saber de teologia. Lembro-me de uma vez em que eu fazia uma palestra para componentes da Força Aérea Real (RAF), um velho e experiente oficial levantou-se e disse: *"Não vejo a utilidade de todo esse palavreado. Mas, para que saibais, eu também sou um homem religioso. Sei que existe um Deus. Senti-o sozinho, no deserto, à noite – o grandioso mistério. E essa é a razão por que não creio em todos esses vossos pequenos dogmas e fórmulas sobre Ele. Parecem todos tão mesquinhos, pedantes e ilusórios a quem se encontrou com o Ser real!"*.

Ora, num sentido, concordo inteiramente com essa pessoa. Julgo que ela teve provavelmente uma experiência real de Deus no deserto. Quando se voltou dessa experiência para os credos cristãos, eu penso que realmente se voltou de algo real para algo menos real. Do mesmo modo, se alguém olhar alguma vez de uma praia para o Atlântico e depois olhar para o mapa do Atlântico, estará também se voltando de algo real para algo menos real; voltando-se das ondas reais para um pedaço de papel colorido. Mas aí é que está. O mapa é reconhecidamente apenas papel colorido, mas há duas cousas de que deveis lembrar a este respeito. Em primeiro lugar, ele está baseado no que centenas de milhares de pessoas descobriram, navegando pelo Atlântico real. Neste sentido, ele tem atrás de si montanhas de experiências tão reais como a que pudestes ter da praia; apenas que, enquanto a vossa seria uma vista de olhos, individual e isolada, o mapa reúne todas aquelas experiências. Em segundo lugar, se quereis ir a alguma parte, o mapa é absolutamente necessário. Enquanto vos contentais com passeios na praia, as vossas vistas de olhos são muito mais agradáveis do que ver um mapa. Mas o mapa será de maior valia do que os passeios na praia, se quiserdes ir à Europa.

Ora, a teologia é como um mapa. Estudar e refletir meramente sobre as doutrinas cristãs, se parais aí, é menos real e menos emocionante do que a cousa que o meu amigo alcançou no deserto.

As doutrinas não são Deus; são apenas uma espécie de mapa. Mas esse mapa está baseado na experiência de centenas de pessoas que estiveram realmente em contato com Deus, experiências comparadas com os quais, quaisquer emoções ou sentimentos devotos que todos nós somos capazes de sentir sozinhos, são muito elementares e muito confusos. Em segundo lugar, se desejais ir mais longe, precisais usar o mapa. Como vedes, o que ocorreu àquele homem no deserto pode ter sido real, e sem dúvida empolgante, mas nada resulta daí. Não leva a lugar nenhum, nem a fazer nada. Esta é, de fato, a razão pela qual uma vaga religião – esse negócio de sentir Deus na natureza, e assim por diante – é tão atrativa. **É toda emoção e nenhuma ação, assim como olhar as vagas, estando na praia.** Mas não chegareis à Terra Nova estudando o Atlântico desse modo, como não obtereis a vida eterna sentindo simplesmente a presença de Deus nas flores ou na música. Nem ireis a parte alguma olhando para os mapas, sem descer ao mar. Nem estareis muito a salvo, se entrardes no mar sem um mapa.

Em outras palavras, a teologia é uma cousa prática, **especialmente agora**. Em tempos idos, quando havia menos cultura e menos discussão, talvez fosse possível viver com poucas e simples idéias acerca de Deus. Mas agora não é assim. Todos lêem, todos ouvem discussões. Por conseguinte,

se não prestais atenção à teologia, isso não significa que não tenhais idéias sobre Deus. Significa que tendes uma porção de idéias erradas – más, confusas, fora de moda. Com efeito, um grande número de idéias acerca de Deus que hoje passam por novidades são simplesmente idéias que os verdadeiros teólogos especularam séculos atrás e rejeitaram. Crer na religião popular da Inglaterra moderna é um retrocesso, assim como pensar que a terra seja plana.

Quando, com efeito, a consideramos, não é simplesmente esta a idéia popular do Cristianismo: “*que Jesus foi um grande mestre da moralidade, e que, se apenas seguissemos a Sua pregação, seríamos capazes de estabelecer uma ordem social melhor e evitar outra guerra?*”. Ora, para que se saiba, isso é absolutamente certo. Mas isso nos diz muito menos do que a verdade integral sobre o Cristianismo, e não tem absolutamente nenhuma importância prática.

É verdade, sem dúvida, que, se seguissemos os ensinamentos de Cristo, estaríamos logo vivendo num mundo feliz. E não precisais mesmo ir tão longe quanto Cristo. Se fizéssemos tudo o que Platão, Aristóteles, ou Confúcio nos ensinaram, viveríamos muitíssimo melhor do que agora. E mais: na natureza, tudo tende sempre a perecer e decair [esta é a Lei da Entropia Universal, cientificamente comprovada]. Assim sendo, o que se deduz daí? Ora, nós nunca praticamos os ensinamentos dos grandes mestres: Por que começaríamos a fazê-lo agora? Por que seguiríamos mais a Cristo do que a qualquer dos outros? Pelo fato de ser Ele o maior dos mestres de moral? Mas isso tornaria ainda menos provável que O seguissemos: se não agüentamos nem as lições mais elementares, quem acreditará que seguiremos as mais adiantadas?

Se o Cristianismo significa **apenas mais um bom conselho**, então o Cristianismo não tem importância nenhuma: **Não tem havido falta de bons conselhos nestes últimos quatro mil anos!** Um pouco mais não faz diferença.

Logo, porém, que examineis algum escrito verdadeiramente cristão, achareis que falam de uma coisa completamente diferente dessa religião popular. Dizem que Cristo é o Filho de Deus (seja qual for o significado desta afirmação). Dizem que aqueles que confiam nEle podem também tornar-se Filhos de Deus (seja qual for o significado desta afirmação). Dizem que a Sua morte nos salvou de nossos pecados (seja qual for o significado desta afirmação).

Não adianta queixar-se de que essas afirmações são difíceis. O Cristianismo pretende falar-nos de um outro mundo, de uma coisa por trás do mundo, a qual **podemos** tocar, ouvir e ver. Podeis julgar que essa pretensão seja falsa; mas se fosse verdadeira, o que nos diz estaria fadado a ser difícil como a física moderna, e pela mesma razão.

Pois bem, o que no Cristianismo nos dá o maior impacto é a afirmação de que, unindo-nos a Cristo, podemos "nos tornar Filhos de Deus". Pergunta-se: "Não somos já filhos de Deus? Não é a paternidade de Deus uma das principais idéias cristãs?". Não há dúvida de que, num certo sentido, já somos filhos de Deus. Explico-me: Deus nos deu a existência, e nos ama, e tem cuidado de nós, e é, assim, como um pai. Mas quando a Bíblia fala em "nos tornarmos" Filhos de Deus, isso significa evidentemente outra coisa. E isso nos traz de encontro ao verdadeiro centro da Teologia.

Um dos credos diz que Cristo é o Filho de Deus "gerado, não criado", e acrescenta: "gerado por seu Pai, desde toda a eternidade". Entendei, por favor, com toda a clareza, que isso nada tem a ver com o fato de que, quando Cristo nasceu nesta terra como um homem, esse homem era o filho de uma Virgem. Não estamos tratando agora do nascimento virginal. Tratamos de uma coisa que aconteceu antes que a Natureza fosse criada, antes que o Tempo começasse. "Desde toda a eternidade" Cristo é gerado, não criado. Que quer dizer isso?

Todos sabem o que significa a palavra gerar. Gerar é tornar-se o pai de; criar é fazer. A diferença é a seguinte. Quando gerais, gerais algo da mesma espécie a que pertenceis. Um homem gera bebês humanos, um castor gera filhotes de castor, uma ave gera ovos que se transmudam em avezinhas.

Mas quando fazeis uma coisa, é de espécie diferente daquela a que pertenceis. Um pássaro faz um ninho, um castor faz uma barragem, um homem faz um aparelho de rádio, ou ele pode fazer algo mais semelhante a si do que um aparelho de rádio, digamos, uma estátua. Se ele for um escultor bastante hábil, poderá fazer, com efeito, uma estátua que seja muito semelhante a um homem [como as

estátuas de cera]. Mas não é, evidentemente, um homem real; parece-se apenas com um homem. Não pode respirar ou pensar. Não é viva.

Pois bem, essa é a primeira cousa a esclarecer. O que Deus gera é Deus, assim como o que o homem gera é homem. O que Deus cria não é Deus, assim como o que o homem faz não é homem. Esta é a razão por que os homens não são filhos de Deus no mesmo sentido em que Cristo o é. Podem ser *como* Deus sob alguns aspectos, mas não são seres da mesma espécie que Ele. **São mais como estátuas ou imagens de Deus.**

Uma estátua tem a forma de um homem, mas não é viva. Do mesmo modo, o homem tem (num sentido que vou explicar), *a forma ou semelhança de Deus*, mas não recebeu a espécie de vida que Deus tem. Consideremos, em primeiro lugar, o primeiro problema (a semelhança do homem com Deus). Tudo o que Deus fez tem alguma semelhança com Ele. O espaço é semelhante a Ele em sua imensidão (não que a grandeza do espaço seja da mesma espécie que a grandeza de Deus, mas porque a simboliza, ou a traduz em termos não espirituais). A matéria é semelhante a Deus, enquanto é sede de energias, embora, outra vez, a energia física seja, naturalmente, uma cousa diferente do que é o poder de Deus. O mundo vegetal é semelhante a Ele, porque é vivo, e Ele é o "Deus vivo". Mas a vida, neste sentido biológico, não é a mesma cousa que a vida que há em Deus; é apenas uma espécie de símbolo ou sombra desta. Quando chegamos aos animais [Nárnia], encontramos outros elementos de semelhança, que se acrescentam à vida biológica. A intensa atividade e fertilidade dos insetos, por exemplo, é uma primeira e indistinta semelhança com a incessante atividade e criatividade de Deus. Nos mamíferos superiores encontramos os rudimentos da afeição instintiva. Não é a mesma cousa que o amor que existe em Deus, mas lhe é semelhante, um tanto como uma paisagem desenhada num pedaço de papel plano pode, contudo, ser "semelhante" a um panorama. Quando chegamos ao homem, o mais elevado [evoluído] dos animais, encontramos a mais completa semelhança com Deus que nos é dado conhecer (Pode haver criaturas em outros mundos que sejam mais semelhantes a Deus do que o homem, mas não as conhecemos). O homem não somente vive, mas ama e raciocina: a vida biológica atinge nele o nível mais elevado que se conhece.

Mas o que o homem, em sua condição natural, não possui é a *Vida Espiritual* – a espécie mais elevada e diferente de vida que existe em Deus. Usamos a mesma palavra *vida* para ambas, mas se pensásseis que ambas fossem, por isso, a mesma cousa, seria como pensar que a "grandeza" do espaço e a "grandeza" de Deus fossem a mesma espécie de grandeza. A diferença entre vida biológica e vida espiritual é, na realidade, tão importante que lhes vou dar dois nomes. A biológica, que recebemos pela Natureza (e que, como tudo o que é biologicamente vivo, só pode ser preservada por incessantes auxílios da parte da natureza, na forma de ar, água, alimento, etc.), chamarei de *Bios*. A vida espiritual, que existe em Deus desde toda a eternidade, e que fez todo o universo natural, chamarei de *Zoe*. *Bios* tem, certamente, uma semelhança longínqua ou simbólica com *Zoe*, mas somente a semelhança que existe entre a fotografia de um lugar e o lugar fotografado, ou entre uma estátua e um homem. O homem que passasse da condição de ter *Bios* à de ter *Zoe*, teria passado por uma transformação tão grande quanto a de uma estátua que passasse da condição de ser uma ["simples"] pedra esculpida para ser um homem real.

E é precisamente disso que trata o Cristianismo. Este mundo é o "atelier" de um grande escultor. Nós somos as estátuas, e corre um boato pelo ateliê de que alguns de nós vamos ganhar vida.

II – O DEUS TRIPESSOAL

O último capítulo versava sobre a diferença entre gerar e fazer. Um homem *gera* uma criança, mas ele apenas *faz* uma estátua. Deus *gera* a Cristo, mas Ele apenas *faz* os homens. Mas, falando assim, expliquei apenas um aspecto da Divindade, a saber, que o que Deus Pai gera é Deus, algo que tem a Sua mesma propriedade divina. Ele é, sob este aspecto, como um pai humano que gera um filho humano. Mas não é inteiramente semelhante a Ele, de modo que preciso procurar explicar um pouco mais.

Muita gente hoje em dia diz: "Eu creio em Deus, mas não num Deus pessoal". Sentem que este ser misterioso que está por trás de todas as outras causas deve ser *mais* do que uma pessoa. Ora, os

cristãos estão de perfeito acordo. Mas os cristãos são os únicos que oferecem uma idéia do que possa significar um ser que está para *além da personalidade*. Todos os demais, embora digam que Deus está para além da personalidade, realmente pensam nEle como uma coisa impessoal, isto é, como algo que é *menos* do que uma pessoa.

Se procurais algo suprapessoal, algo que seja *mais* do que uma pessoa, não há, pois, um problema de escolha entre a idéia cristã e outras idéias. A idéia cristã é a única que temos disponível.

Algumas pessoas pensam também que depois desta vida, ou talvez depois de várias vidas, as almas dos homens serão "absorvidas" em Deus. Mas quando procuram explicar o que querem dizer, parece que concebem a nossa absorção em Deus como uma coisa material é absorvida por outra. Dizem que é como uma gota de água que cai no mar. Mas isso seria, literalmente, *o fim da gota*. Se é isso o que nos aguarda, ser absorvido é então o mesmo que *deixar de existir*. São apenas os cristãos que têm uma idéia de como as almas dos homens podem ser recebidas na vida de Deus e permanecer, contudo, o que são – ser, de fato, muito mais o que são do que eram antes.

Já vos observei que a teologia é prática. Toda a finalidade de nossa existência é sermos, assim, recebidos na vida de Deus. Idéias errôneas acerca do que seja essa vida tornarão mais difícil este propósito. Preciso agora pedir-vos, por alguns instantes, que me acompanheis com toda a atenção.

Sabeis que, no espaço, vos podeis mover de três modos: para a esquerda ou para a direita; para trás ou para frente; para cima ou para baixo. Qualquer direção é ou um desses três pares, ou uma combinação entre eles. Chamam-se as três dimensões. Atendei agora para o seguinte. Se usais apenas uma dimensão, podereis traçar apenas uma linha reta. Se usais duas, podeis traçar uma figura, por exemplo, um quadrado. Um quadrado é formado de quatro linhas retas. Agora, um passo adiante. Se tiverdes as três dimensões, podereis construir o que chamamos um corpo sólido, por exemplo, um cubo, uma coisa como um dado ou um tablete de açúcar. Um cubo é formado de seis quadrados.

VÊDES o problema? Um mundo de uma dimensão seria [apenas] uma linha reta. Num mundo bidimensional, teríeis ainda linhas retas, mas muitas linhas perfazem uma figura. Num mundo tridimensional, teríeis ainda figuras, mas muitas figuras perfazem um corpo sólido. Em outras palavras, quando avançais para níveis mais reais e mais complexos, não deixais para trás as coisas que encontrastes nos níveis mais simples: ainda as retendes, só que combinadas de novos modos, modos que não poderíeis imaginar se conhecêsseis apenas os níveis mais simples.

Ora, a concepção cristã de Deus supõe exatamente o mesmo princípio. O nível humano é um nível simples e um tanto vazio. No nível humano, uma pessoa é um ser, e quaisquer duas pessoas são dois seres distintos, assim como nas duas dimensões (por exemplo, numa folha plana de papel), um quadrado é uma figura e quaisquer dois quadrados são duas figuras distintas. No nível divino ainda encontrais personalidades, mas aí as encontrais combinadas de novos modos, que nós, que não vivemos nesse nível, não podemos imaginar. Na dimensão de Deus, por assim dizer, encontrais um ser que consta de três Pessoas, embora permaneça um só Ser, assim como um cubo consta de seis quadrados, embora permaneça um só cubo. Não podemos, naturalmente, conceber em sua plenitude um Ser como esse, assim como, se fôssemos feitos de (modo que percebêssemos) apenas duas dimensões no espaço, não poderíamos jamais imaginar com propriedade um cubo. Mas se pode obter uma vaga noção dele. E quando o fazemos, estamos então, pela primeira vez em nossa vida, obtendo uma idéia positiva, embora vaga, de algo suprapessoal, algo que é *mais* do que uma pessoa. **É algo de que nunca se poderia ter suspeitado e, contudo, desde que se nos falou, quase temos o sentimento de que deveríamos ter suspeitado, porque se ajusta bem com todas as coisas que já conhecemos.**

Pode-se perguntar: "Se não podemos imaginar um Ser tripessoal, que utilidade há em se falar nEle?". Não há, com efeito, nenhuma utilidade em se falar nEle. O que importa é ser realmente *envolvido* nessa vida tripessoal e isso pode começar a qualquer momento: hoje mesmo, se quiserdes.

O que quero dizer é o seguinte. Um simples cristão comum ajoelha-se para dizer as suas preces. Procura entrar em contato com Deus. Mas se é um cristão, sabe que o que o está impelindo a orar também é Deus: Deus, por assim dizer, no seu interior. Mas também sabe que todo o seu conhecimento real vem de Deus por intermédio de Cristo, o Homem que era Deus – que Cristo está ao seu lado, ajudando-o a orar, orando por Ele. Vedes o que ocorre. É a Deus que ele dirige as suas orações, o fim que procura atingir é Deus e também quem, no seu interior, o atrai, a força motriz. Deus

é também o caminho, a ponte por onde ele está sendo atraído a este fim. Assim é que toda a tríplice vida do Ser tripessoal está realmente atuante nesse pequeno dormitório comum, em que um homem comum diz as suas preces. O homem está sendo exaltado a qualidades de vida mais elevadas, o que chamei Zoe ou vida espiritual. Ele está sendo atraído para Deus, pelo próprio Deus, embora permaneça sempre o que é.

E é assim que a teologia começa. As pessoas já conheciam de algum modo a Deus. Veio então um homem que pretendia ser Deus, e não era um homem que pudésseis desprezar como um lunático. Fez-se aceitar como Deus. Apareceu novamente aos seus [amigos], depois que O tinham visto ser morto. E depois que se tinha reunido numa pequena sociedade ou comunidade, encontraram também a Deus no seu interior: dirigindo-os, tornando-os capazes de operar cousas que antes não podiam fazer. E quando esmiuçaram tudo, verificaram que tinham chegado à definição cristã do Deus tripessoal.

Esta definição não é uma cousa que inventamos; a teologia é, num sentido, **UMA CIÊNCIA experimental**. São as religiões simplistas que são construções humanas. Quando digo que é uma ciência experimental, "num sentido", quero dizer que ela é como as outras ciências experimentais sob alguns aspectos, mas não em todos. Se sois um geólogo, que estuda rochas, tendes que sair e encontrar as rochas. Elas não virão a vós, e se ides a elas, elas não vos podem fugir. A iniciativa está toda do vosso lado. Elas não podem nem ajudar nem atrapalhar. Suponha-se, porém, que sois um zoólogo, que quer tirar fotografias de animais selvagens em seus *habitats* naturais. Isso é um pouco diferente do estudo das rochas. Os animais selvagens não virão a vós, e podem fugir de vós, e, a não ser que vos conserveis bem quietos, eles o farão. Começa a haver um diminuto traço de iniciativa do outro lado.

Agora, uma etapa mais elevada. Suponha-se que quereis chegar a conhecer uma pessoa humana. Se ela estiver resolvida a não se deixar conhecer, [certamente] não chegareis a conhecê-la. Tendes que ganhar a confiança dela. Neste caso, a iniciativa está igualmente dividida: são precisos dois para se fazer uma amizade [assim como só brigam dois quando dois querem].

[Agora, uma etapa ainda mais elevada]. Quando se trata de conhecer a Deus, a iniciativa está [toda] do lado dEle. Se Ele não quiser Se revelar, nada podeis fazer que vos habilite a encontrá-LO. [E isto Ele poderá fazer] A umas pessoas mais do que a outras... não porque tenha favoritos, mas porque Lhe é impossível revelar-SE a alguém cuja mente e caráter estão inteiramente no mau caminho. Assim como a luz do sol, embora não tenha favoritos, não se reflete tão claramente num espelho coberto de pó como num espelho limpo.

Pode-se exprimir a mesma idéia de outro modo, dizendo-se que, enquanto nas outras ciências os instrumentos que usais são cousas externas a vós mesmos (cousas como microscópios e telescópios), o instrumento através do qual vedes a Deus é todo o vosso eu. E se o "eu" de um homem não se conserva limpo e brilhante, o seu olhar para Deus será obscurecido, como a lua vista através de um telescópio sujo. Essa é a razão por que péssimas nações têm péssimas religiões: olharam para Deus através de uma lente suja.

Deus pode revelar-SE *como realmente é* a homens reais. E isso significa não simplesmente a homens que sejam individualmente bons, mas a homens que estejam unidos todos num corpo, amando-se uns aos outros, ajudando-se uns aos outros, revelando-O uns aos outros. É a isso, com efeito, que Deus pretendeu que a humanidade se assemelhasse; como os musicistas de uma banda, ou órgãos de um corpo.

Por conseguinte, o único instrumento realmente adequado para o estudo de Deus é toda a comunidade cristã, esperando junta por Ele. A fraternidade cristã é, por assim dizer, o equipamento técnico desta ciência, seu aparelhamento de laboratório. Esta é a razão por que todas essas pessoas que aparecem de vez em quando com uma religião nova, simplificada, de sua própria invencionice (como um substituto da tradição cristã), estão realmente perdendo tempo. Tal como um homem que não tem instrumento, a não ser um velho binóculo, pondo-se a corrigir todos os astrônomos: ele pode ser muito inteligente, pode até ser mais hábil do que alguns dos verdadeiros astrônomos, mas não tem a mesma oportunidade. Dois anos depois todos o esquecem, e a verdadeira ciência continua a progredir.

Se o Cristianismo fosse uma cousa que estivéssemos criando, poderíamos, sem dúvida, simplificá-lo. Mas não o é. Não podemos competir, em simplicidade, com as pessoas que estão

inventando religiões. Estamos tratando de Fatos. Qualquer um pode, naturalmente, ser “simplista”, se não tiver fatos com que se preocupar.

III – O TEMPO E PARA ALÉM DO TEMPO

É uma idéia muito tola a de que, lendo-se um livro, nunca se deva dispensar nada. Toda pessoa sensata "pula" livremente, quando chega a um capítulo que acha que não vai ser de utilidade para si. Neste capítulo, vou falar de uma coisa que pode ser útil para alguns leitores, mas que pode parecer a outros meramente uma inútil complicação. Se pertenceis a este segundo grupo de leitores, aconselho-vos então a não vos preocupar absolutamente com este capítulo, mas a passar para o seguinte.

No capítulo anterior, tive que tocar no assunto da oração, e enquanto isso ainda está recente em vossas mentes e na minha, gostaria de tratar de uma dificuldade que alguns encontram a respeito de toda a idéia de oração. Alguém me formulou o problema, dizendo: "Eu posso acreditar em Deus, está bem, mas o que eu não posso engolir é essa idéia de que Ele atenda a várias centenas de milhões de seres humanos que a Ele se dirigem ao mesmo tempo". Verifiquei que muitas pessoas têm essa dificuldade.

Ora, a primeira coisa a se observar é que todo o peso dessa dificuldade está nas palavras "ao mesmo tempo". A maior parte de nós pode imaginar Deus atendendo a qualquer número de suplicantes, se ao menos estes se apresentassem um por um, pois Ele tem um tempo infundável para fazer isso. Assim, o que se esconde por trás dessa dificuldade é a idéia de Deus ter que providenciar tantas coisas no mesmo momento.

Pois bem, isso é, sem dúvida, o que acontece conosco. Nossa vida nos chega momento a momento. Um momento desaparece, antes que surja o seguinte, e há pouco espaço em cada um. Assim é o tempo. E, naturalmente, tanto vós como eu nos inclinamos a admitir que esta sucessão temporal, a organização de passado, presente e futuro, não é somente o modo como a vida nos chega, mas o modo como todas as coisas realmente existem. Tendemos a supor que todo o universo e o próprio Deus estão sempre se movendo do passado para o futuro, assim como nós o fazemos. Mas muitos homens sábios não concordam com isso. **Foram os teólogos que por primeiro conceberam a idéia de que algumas coisas absolutamente não estão no tempo; mais tarde os filósofos a adotaram e, agora, alguns cientistas fazem o mesmo.**

Certamente Deus não está no tempo. A Sua vida não consiste de momentos que se sucedem uns aos outros. Se um milhão de pessoas orar às dez e trinta, esta noite, Ele não precisa ouvi-las nesse pequeno fragmento que nós chamamos "dez e trinta". Dez e trinta, e todos os outros momentos, desde o começo do mundo, são sempre para Ele o presente. Se preferis exprimi-lo de outro modo, Ele tem toda a eternidade para ouvir o diminuto instante de prece elevada aos Céus por um piloto [de guerra], cujo avião se despedaça em chamas.

Sei que o assunto é difícil. Procuremos apresentar algo que não é a mesma coisa, mas é um pouco semelhante. Suponha-se que eu esteja escrevendo uma novela. Escrevi: "Maria depôs o seu trabalho; imediatamente ouviu uma batida à porta". Para Maria, que vive no tempo imaginário da minha história, não houve intervalo entre a ação de depor o seu trabalho e ouvir a batida. Mas eu, que sou o criador de Maria, absolutamente não vivo nesse tempo imaginário. Entre a ação de escrever a primeira metade daquela sentença e a segunda, poderia sentar-me por três horas e pensar calmamente sobre Maria. Poderia pensar sobre Maria como se ela fosse a única personagem do livro e pelo tempo que eu quisesse, e as horas que gastasse nisso não apareceriam no tempo de Maria (o tempo da minha história) de modo algum.

Sem dúvida, isso não é uma ilustração perfeita. Mas pode dar um vislumbre do que eu creio ser a verdade. Deus não se apressa pelo correr do tempo neste universo, tal como um autor de cinema não se apressa pelo tempo imaginário de sua estória. Deus tem uma atenção infinita para dispensar a cada um de nós. Não está obrigado a tratar conosco em conjunto. Estais tão a sós com Ele como se fosseis o único ser que Ele jamais criou. Quando Cristo morreu, Ele morreu por vós, individualmente, tanto quanto se fôsseis o único homem do mundo.

O ponto em que a minha ilustração falha é o seguinte. Nela o autor sai de uma sucessão temporal (a da novela), apenas entrando em outra (a real). Mas Deus, assim eu o creio, não vive absolutamente numa sucessão temporal. A Sua vida não cai gota a gota, momento após momento, como a nossa: para Ele ainda é, por assim dizer, 1920 e já é 1970. Porque Ele é a Sua própria vida.

Se desenhais o tempo como uma linha reta, ao longo da qual temos que caminhar, precisais então desenhar Deus como toda a página na qual a linha foi traçada. Nós chegamos às partes da linha, uma após a outra; temos que deixar A para trás para chegarmos a B, e não podemos alcançar C sem deixarmos B para trás. Deus, de cima, ou de fora, ou envolvendo-a, domina toda a linha, e a vê inteira.

Vale a pena procurar compreender bem esta idéia, porque ela remove algumas dificuldades aparentes do Cristianismo. Antes de me tornar um cristão, uma das minhas objeções era a seguinte. Os cristãos dizem que Deus, eterno, que está em toda parte e mantém todo o universo em atividade, e outrora se fez um homem. Ora, dizia eu, como se conservou todo o universo em atividade, enquanto Ele era uma criança, ou enquanto dormia? Como podia Ele ao mesmo tempo ser Deus que conhece todas as cousas e um homem que perguntava aos seus discípulos: "Quem me tocou?"... Tereis notado que a dificuldade jaz nas palavras que exprimem *tempo*: "*enquanto* Ele era uma criança"; "como podia Ele ao mesmo *tempo*". Em outras palavras, eu supunha que a vida de Cristo como Deus estava no tempo e que a Sua vida como um homem, chamado Jesus (na Palestina), era um período de tempo menor tirado desse tempo, assim como o meu tempo de serviço no exército era um período mais breve tirado de toda a minha vida. E é assim que a maior parte de nós tende a conceber o assunto.

Imaginamos Deus vivendo por um espaço de tempo [lá atrás], quando a Sua vida humana estava ainda no futuro; depois, num outro período, a Sua vida humana no presente; e finalmente, num terceiro período, Ele podia olhar para trás e ver a Sua vida humana como algo no passado. Mas, muito provavelmente, essas idéias a nada correspondem na realidade. Não podeis encerrar a vida terrena de Cristo na Palestina em nenhuma relação temporal com a Sua existência divina para além de todo espaço e tempo. **É realmente como eu sugiro**, uma verdade eterna acerca de Deus, que a natureza humana de Cristo e a sua experiência humana de fraqueza, sono e ignorância, estão de algum modo incluídas em toda a Sua vida divina. Esta vida humana em Deus é, de nosso ponto de vista, um período particular da história de nosso mundo (do ano primeiro da era cristã até à crucifixão). Imaginamos, por isso, que é também um período da história da própria existência de Deus. Mas **Deus não tem história. É demasiadamente real para tê-la. Ter uma história significa, com efeito, perder parte de nossa realidade (a que já passou para o passado), e ainda não ter uma outra (a que ainda está no futuro); é não ter senão este diminuto presente, que passa antes que se possa falar dele. Deus nos livre de pensarmos nEle como um ser tão precário.** Até mesmo nós podemos esperar que nem sempre seremos podados desse modo.

Outra dificuldade em que caímos quando cremos que Deus está no tempo, é a seguinte. Todos os que de algum modo crêem em Deus, acreditam que Ele sabe o que vós e eu vamos fazer amanhã. Mas se Ele sabe o que eu vou fazer amanhã, como posso ser livre para fazer outra coisa? Mais uma vez a dificuldade provém de se pensar que Deus percorre a linha do tempo como nós, com a única diferença de que Ele pode ver adiante e nós não. Ora, se isso fosse verdade, se Deus *previsse* os nossos atos, seria muito difícil entender como poderíamos ser livres para não os praticar. Mas suponha-se que Deus está *fora e acima* da linha do tempo. Nesse caso, o que chamamos "amanhã" é visível para Ele do mesmo modo que o é o que chamamos "hoje". **Todos os dias são "agora" para Ele.** Ele não se recorda do que fizestes ontem, mas simplesmente vos vê agindo, porque, embora para vós o dia de ontem se tenha passado, para Ele, não. Ele não "prevê" o que fareis amanhã, mas simplesmente vos vê agindo, porque, embora o dia de amanhã ainda não tenha chegado para vós, para Ele está presente. Nunca pensastes que as vossas ações seriam de algum modo menos livres no momento presente porque Deus sabe o que estais fazendo. Ora, Ele conhece as ações que praticareis amanhã exatamente do mesmo modo, porque para Ele já é amanhã e pode puramente vos observar. Num sentido, Ele não conhece a vossa ação antes que a tenhais praticado, mas o momento em que a ireis praticar já é "agora" para Ele.

Esta idéia me ajudou muito. Se não vos ajuda, deixai-a. É uma "idéia cristã" no sentido de que grandes e sábios homens cristãos a sustentaram e nada há nela de contrário ao Cristianismo. Mas **não**

está na Bíblia ou em nenhum dos credos. Podeis perfeitamente ser um bom cristão sem a admitir, ou mesmo sem nunca pensar no assunto.

IV – O BOM CONTÁGIO

Começarei este capítulo pedindo-vos que fixeis claramente um certo quadro em vossas mentes. Imaginai dois livros sobre uma mesa, um em cima do outro. O livro de baixo mantém, evidentemente, o outro em cima, suportando-o. É por causa do livro de baixo que o de cima está em repouso, digamos, duas polegadas acima da superfície da mesa, em vez de tocá-la. Chamemos A o livro de baixo e B o de cima. A posição de A é causa da posição de B. Está claro? Imaginemos agora – o que, naturalmente, não poderia acontecer, mas servirá como ilustração – que ambos os livros *sempre estiveram* nessa posição. A posição de B teria sido sempre, nesse caso, *um efeito* da posição de A. Assim mesmo, a posição de A não teria existido antes da de B. Em outras palavras, o efeito não ocorre depois da causa. Sem dúvida, os efeitos ordinariamente ocorrem depois: primeiro comeis o pepino [estragado], depois tendes a indigestão. Mas não é assim com todas as causas e efeitos. Vereis imediatamente por que julgo isso importante.

Disse, páginas atrás, que Deus é um Ser que contém três Pessoas, embora permaneça um só Ser, assim como um cubo contém seis quadrados, embora permaneça um só corpo. Mas desde que começo a procurar explicar como estas Pessoas se relacionam, *tenho que usar palavras que soam como se uma delas existisse antes das outras*. A Primeira Pessoa é chamada o Pai e a segunda o Filho. Dizemos que a primeira gera ou produz a segunda; chamamos a isso *geração*, não *feitura*, porque o que Ele produz é da Sua mesma espécie. A palavra Pai é, neste sentido, a única palavra a usar. Mas, infelizmente, ela sugere que Ele existiu por primeiro, assim como um pai, na espécie humana, existe antes do seu filho. Não é, porém, assim. Não há antes nem depois na geração divina. E esta é a razão por que julgo importante esclarecer como uma coisa pode ser a fonte, ou a causa, ou a origem de outra, sem existir antes dela. O Filho existe porque o Pai existe, mas nunca houve um tempo em que o Pai ainda não tivesse produzido o Filho.

O melhor meio de se pensar no assunto talvez seja o seguinte. Pedi-vos há pouco que imaginásseis aqueles dois livros; provavelmente, a maioria de vós o fez, isso é, fizestes um ato de imaginação e, como consequência, tivestes uma representação mental. Evidentemente o ato da imaginação foi a causa e a representação mental, o efeito. Mas isso não quer dizer que **primeiro imaginastes e depois obtivestes a representação. No mesmo instante em que imaginastes, a representação apareceu.** A vossa vontade conservou, por todo o tempo, a representação diante de vós. Este ato de vontade, contudo, e a representação, começaram a existir no mesmo instante e cessaram no mesmo instante. Se houvesse um ser que tivesse sempre existido, e estivesse sempre imaginando alguma causa, este ato estaria sempre produzindo uma representação mental, mas a representação seria tão eterna quanto o próprio ato.

Deve-se, do mesmo modo, pensar no Filho como sempre, por assim dizer, *fluindo do Pai*, assim como a luz de uma lâmpada, ou o calor do fogo ou os pensamentos da mente. Ele é a expressão da personalidade do Pai, o que o Pai tem a dizer. E nunca houve um tempo em que não o estivesse dizendo. Mas entendeis o que ocorre? Todas essas ilustrações de luz e calor dão a impressão que o Pai e o Filho sejam duas coisas em vez de duas Pessoas. Assim é que, no fim de tudo, a representação de um Pai e um Filho, devida ao Novo Testamento, vem a ser muito mais precisa do que qualquer outra coisa pela qual tentemos substituí-la. **É isso que sempre acontece quando se abandonam as palavras da Bíblia. É justo, sem dúvida, abandoná-las temporariamente, a fim de esclarecer algum ponto especial. Mas se deve sempre volver a elas. Deus sabe, naturalmente, como descrever-SE a Si mesmo muito melhor do que nós. Ele sabe que Pai e Filho são uma relação mais semelhante à relação entre a primeira e a segunda Pessoas [da Trindade] do que qualquer outra causa que possamos cogitar.** A coisa mais importante a saber é que ela é uma relação de amor. O Pai Se compraz no Seu Filho; o Filho corresponde ao amor de Seu Pai.

Antes de prosseguirmos, atendei para a importância prática de tudo isso. Todo mundo gosta de repetir a afirmação cristã, "Deus é amor". Mas parece que não se repara em que as palavras "Deus é

amor" não têm significado real a não ser que o Ser divino comporte ao menos duas Pessoas. Amor é uma coisa que uma pessoa tem por outra. Se Deus fosse uma pessoa no singular, então, antes que o mundo fosse feito [antes que tudo fosse criado], Ele não teria amor. Sem dúvida, o que se quer dizer quando se diz que Deus é amor, é, muitas vezes, algo inteiramente diferente; a saber, *que o amor é Deus*. Quer-se, realmente, dizer que os nossos sentimentos de amor, de qualquer modo e quando quer que apareçam, e sejam quais forem as suas conseqüências, devem ser tratados com grande respeito. Talvez devam, mas isso é uma coisa muito diferente do que os cristãos querem dizer com a afirmação "Deus é amor". Eles crêem que a atividade vital e dinâmica do amor sempre se encontrou em Deus e criou tudo o mais.

É essa a diferença, diga-se de passagem, mais importante entre o Cristianismo e todas as outras religiões do mundo; a saber, que no Cristianismo Deus não é uma coisa estática, nem mesmo uma pessoa, mas uma atividade dinâmica e pulsátil, quase uma espécie de *drama*. Quase, se não me julgardes irreverente, *uma espécie de Dança* [lembrar-se da *Grande Dança*, citada em Perelandra]. A união entre o Pai e o Filho é **uma coisa viva tão concreta que essa união é também uma Pessoa**. Sei que isso é quase inconcebível, mas vede as coisas do modo seguinte: Sabeis que entre os homens, quando se reúnem em família, ou num clube, ou num sindicato, fala-se do "espírito" dessa família, clube ou sindicato. Fala-se do seu espírito, porque cada um dos membros, quando estão juntos, segue realmente determinados modos de falar e comportar-se que não observaria individualmente. É como se uma espécie de *personalidade comunitária* passasse a existir. Não é uma pessoa real, mas se parece um pouco com uma pessoa. Essa é exatamente uma das diferenças entre Deus e nós. O que procede da vida conjunta do Pai e do Filho é uma Pessoa real; é, de fato, a terceira das três Pessoas que são Deus.

Esta terceira Pessoa é chamada, em linguagem técnica, *o Espírito Santo* ou o "espírito" de Deus. Não vos preocupeis ou fiquéis surpresos se O achais, em vossas mentes, um tanto mais vago e mais obscuro do que as outras duas. Julgo que há uma razão por que há de ser assim. Na vida cristã não estamos com a atenção ordinariamente voltada para Ele, mas Ele está sempre agindo por vosso intermédio. Se pensais no Pai como uma coisa que está "lá fora", diante de vós, e no Filho como alguém ao vosso lado, ajudando-vos a orar, procurando tornar-vos outro filho, tendes então de pensar na Terceira Pessoa como uma coisa *dentro* de vós, ou por trás de vós. Alguns talvez possam achar mais fácil começar pela Terceira Pessoa e retroceder em sua reflexão. Deus é amor, e esse amor opera através dos homens, especialmente através de toda a comunidade cristã. Mas este espírito de amor é, desde toda a eternidade, um amor que vigora entre o Pai e o Filho.

Pois bem, **o que importa tudo isso? Importa mais do que qualquer outra coisa na Terra**. Toda a Dança, ou drama, ou padrão dessa vida tripessoal, deve realizar-se em cada um de nós; ou (exprimindo-o de outro modo), cada um de nós deve entrar nesse padrão, tomar parte nessa Dança. Não há outro caminho que conduza à felicidade para a qual fomos feitos. As coisas boas como as más sofrem, como sabeis, a influência de outras coisas.

Se quereis aquecer-vos, precisais ficar perto do fogo; se quereis molhar-vos, precisais entrar na água. Se quereis alegria, poder, paz, vida eterna, precisais aproximar-vos das coisas que as contêm, ou mesmo entrar nelas. Não são uma espécie de prêmio que Deus pudesse, se assim quisesse, estender a qualquer um. São uma grande fonte de energia e beleza que jorra no verdadeiro centro da realidade. Se estais perto dela, o borrifão vos molhará; se não estais, permanecereis como antes. **Uma vez que alguém se uniu a Deus, como deixaria de viver para sempre? Uma vez que alguém se separou de Deus, que pode fazer senão secar e morrer?**

Mas como deve alguém se unir a Deus? Como nos será possível sermos atraídos à vida [zoe ou] tripessoal?

Lembrai-vos do que disse no capítulo II sobre *gerar e fazer*. Não somos *gerados* por Deus, mas apenas feitos por Ele; **em nosso estado natural, não somos filhos de Deus**, mas (por assim dizer), apenas "estátuas". Não possuímos *Zoe*, ou a vida espiritual; mas somente *Bios*, ou a vida biológica, que logo vai esgotar a bateria e morrer. Ora, toda a promessa do Cristianismo não é senão a seguinte: que nós podemos, se deixarmos Deus agir, vir a participar da vida de Cristo. Se assim fizermos, estaremos então participando de uma vida que foi gerada, não feita; que sempre existiu e sempre existirá. Cristo é o Filho de Deus. Se participarmos desta espécie de vida, também seremos filhos de

Deus. Amaremos o Pai como o Filho O ama e o Espírito Santo advirá em nós. O Filho veio a este mundo e se tornou um homem a fim de comunicar aos outros homens a espécie de vida que Ele mesmo tem, através do que chamo de "o bom contágio". **Todo cristão deve tornar-se um pequeno Cristo.** Toda a finalidade de se tornar cristão é precisamente esta.

V – OS OBSTINADOS SOLDADINHOS DE CHUMBO

O Filho de Deus fez-SE homem para habilitar os homens a se tornarem filhos de Deus. Não sabemos – pelo menos eu não sei – como as cousas marchariam se o gênero humano nunca tivesse se rebelado contra Deus e se unido ao inimigo. Talvez todos os homens estivessem "em Cristo" e participassem da vida do Filho de Deus, desde o momento do nascimento. Talvez *Bios*, ou a vida natural, se tivesse elevado a *Zoe*, a vida incriada, imediatamente e como um fato natural. Mas isso são conjecturas. O que interessa a vós e a mim é o modo como as cousas andam agora.

O estado atual das cousas é o que se segue. As duas espécies de vida são agora, não somente diferentes (elas sempre o teriam sido), mas realmente contrárias. A vida natural em cada um de nós é uma cousa egocêntrica, algo que quer ser afagado e admirado, que quer tirar partido das outras vidas, explorar todo o universo. E quer, de modo particular, ficar entregue a si mesmo: conservar-se distante de tudo o que possa ser melhor, ou mais forte, ou mais alto, de tudo o que o fizesse se sentir pequeno. Tem medo da luz e do ar do mundo espiritual, como as pessoas criadas na falta de higiene tem medo de banho. E em certo sentido está certo: ele sabe que, se a vida espiritual se apoderar dele, todo o seu egocentrismo e vontade própria serão destruídos, e está assim preparado para lutar desesperadamente, a fim de o evitar.

Já pensastes alguma vez, quando éreis criança, como seria divertido se os vossos brinquedos pudessem receber a vida? Ora, suponde que tivésseis o poder de dar-lhes a vida. Imaginai um soldadinho de chumbo virar um verdadeiro homenzinho. Isso implicaria a transformação de chumbo em carne. Suponde também que o soldadinho de chumbo não gostasse disso. Não lhe assenta bem a carne; tudo o que consegue compreender é que o chumbo foi estragado, e pensa que o estais matando. Ele fará tudo o que está ao seu alcance para vos impedir. Não será transformado num homem, se o puder evitar.

Não sei o que teríeis feito com esse soldadinho de chumbo. Mas sei o que Deus fez conosco. A segunda Pessoa em Deus, o Filho, fez-SE homem: nasceu neste mundo como um verdadeiro homem, um homem real, de uma determinada altura, com cabelos de uma determinada cor, falando uma determinada língua, pesando tantos quilos. O Ser eterno, que conhece todas as cousas e criou todo o universo, tornou-se, não apenas um homem, mas (antes disso), uma criança, e antes disso, um *faetus*, dentro do corpo de uma Mulher. Se quiserdes compreender o sentido disto, pensai como vos sentiríeis se vos tornásseis uma lesma ou um caranguejo.

Como consequência, temos agora um homem que foi realmente o que todos os homens deveriam ser: um homem no qual a vida criada, derivada de Sua Mãe^(NR4), pôde transformar-se inteiramente e perfeitamente na vida gerada. A criatura humana natural foi nEle elevada plenamente à filiação divina. Assim, num caso, a humanidade, por assim dizer, triunfou: foi atraída à vida de Cristo. E já que todas as nossas dificuldades consistem em que a vida natural tem de ser, num sentido, "sacrificada", Ele escolheu uma carreira terrena que implicava no sacrifício dos Seus desejos humanos a cada passo: pobreza, mal-entendidos por parte de Sua própria família, a traição de um dos Seus amigos íntimos, escárnio e tortura pela polícia, e morte pelo suplício. Depois de ter assim sofrido – morto, num sentido, todos os dias – **a criatura humana nEle, por estar unida ao divino Filho, ressuscitou.** O Homem em Cristo ressurgiu, não apenas Deus. Aqui está toda a questão. Pela primeira vez, vimos um verdadeiro homem. **Um soldadinho de chumbo, verdadeiramente de chumbo, como os demais, tornou-se plenamente e gloriosamente vivo.**

^(NR4) – Importante observar que no original a expressão “Sua Mãe” encontra-se com iniciais maiúsculas, devido o profundo respeito de Lewis para com a Mãe do Nazareno.

Chegamos aqui ao ponto em que falha, naturalmente, a minha comparação do soldadinho de chumbo. No caso de verdadeiros soldadinhos de chumbo, ou estátuas, se algum recebesse a vida, isso não interessaria aos demais. Existem todos separadamente uns dos outros. Mas não são assim os homens. Parecem separados porque os vedes andar separadamente. Mas é que somos feitos de tal modo que só podemos ver o momento atual.

Se pudéssemos ver o passado, já teria outro aspecto. Porque houve um tempo em que todo homem foi parte de sua mãe e, antes ainda, parte, igualmente, de seu pai, e mais anteriormente, parte de seus avós. **Se pudésseis ver a humanidade propagar-se no tempo, como Deus a vê, não teria a aparência de uma porção de cousas espalhadas por toda a parte. Pareceria como uma só cousa que cresce, um tanto como uma árvore muito complexa. Cada indivíduo apareceria relacionado com todos os outros.** E não somente isso. Os indivíduos não estão realmente mais separados de Deus do que uns dos outros. Todo homem, mulher e criança em todo o mundo sente e respira neste mesmo instante apenas porque Deus, por assim dizer, os conserva respirando.

Quando Cristo Se fez homem não foi, portanto, como se pudésseis realmente vos tornar um determinado soldadinho de chumbo. **Foi como se uma cousa que esteve sempre afetando toda a multidão dos homens começasse, num ponto, a afetá-la de um novo modo.** Deste ponto, o efeito propaga-se por toda a Humanidade. Afeta tanto os homens que viveram antes de Cristo como os que viveram depois dEle. Afeta os homens que nunca ouviram falar dEle. É como deixar cair num copo de água uma gota de uma substância que dá um novo sabor ou uma nova cor a todo o líquido. Mas, naturalmente, nenhuma dessas comparações se enquadra completamente. No final das contas, Deus não é senão o Seu próprio Ser, e o que Ele faz não se assemelha a nenhuma outra cousa. Dificilmente poderíeis esperar que fosse de outro modo.

Qual é, pois, a diferença que Ele trouxe para toda a multidão dos homens? É simplesmente isto: já foi operada, em nosso favor, a nossa transformação em filhos de Deus – de algo criado em algo gerado – e a transferência da vida biológica e temporal para a vida espiritual é eterna. A humanidade já está "salva", *em princípio*. Nós, individualmente, temos que nos *apropriar* desta salvação. Mas o trabalho verdadeiramente árduo, o que não poderíamos ter feito por nós mesmos, foi feito por nós. Não precisamos procurar elevar-nos à vida espiritual por nossas próprias forças; ela já desceu ao gênero humano. **Se ao menos comparecermos diante do único Homem ao qual ela foi plenamente concedida**, e que, apesar de ser Deus, também é verdadeiro homem, Ele a fará surgir em nós e por nós. **Lembra-vos do que eu vos disse sobre o “bom contágio”:** Um da nossa raça tem essa nova vida; se nos aproximarmos dEle, seremos contagiados.

Pode-se, naturalmente, exprimir esta mesma realidade dos mais diversos modos. Pode-se dizer que Cristo morreu por nossos pecados. Pode-se dizer que o Pai nos perdoou porque Cristo fez por nós o que nós deveríamos ter feito. Pode-se dizer que fomos lavados no sangue do Cordeiro. Pode-se dizer que Cristo venceu a morte. Tudo isso é verdade. Se algum desses modos não vos toca, deixai-o e prossequi com a fórmula que vos fala [ao íntimo]. E, seja qual for, não comeceis a querelar com outras pessoas porque usam uma fórmula diferente da vossa.

VI – DUAS OBSERVAÇÕES

A fim de evitar mal-entendidos, acrescento aqui observações sobre duas questões que se ligam ao capítulo anterior.

1ª. – Um crítico sensato escreveu-me perguntando porque Deus, se queria filhos em vez de "soldadinhos de chumbo", não os *gerou* a todos imediatamente em vez de os *fazer* primeiro como soldadinhos de chumbo para depois lhes dar vida por um processo tão difícil e penoso. A resposta a esta pergunta é em parte um tanto fácil, mas em parte está provavelmente para além [da capacidade] do entendimento humano. **A parte fácil da resposta é a seguinte.**

O processo de transformação de uma criatura num filho não teria sido difícil ou doloroso se o gênero humano não se tivesse afastado de Deus séculos atrás. Podia fazer isso, porque Deus lhe dera

uma vontade livre; dera-lhe uma vontade livre, porque um mundo de meros autômatos nunca poderia amar e, assim, jamais conheceria uma felicidade infinita. **A parte difícil é a seguinte.**

Todos os cristãos concordam em que existe, no seu sentido pleno e original, somente um "Filho de Deus". Se insistirmos em perguntar "Mas podia haver muitos?", encontramos-nos em terreno muito obscuro para nós [humanos]. Têm as palavras "Podia haver" algum sentido quando aplicadas a Deus? Podeis dizer de uma coisa particular, finita, que "podia ser" diferente do que é, porque seria diferente se outra coisa qualquer fosse diferente, e essa qualquer outra coisa seria diferente, se uma terceira fosse diferente, e assim por diante. (As letras nesta página seriam vermelhas, se o impressor usasse tinta vermelha, e ele a usaria, se assim lhe fosse ordenado, e assim por diante). Mas quando falais de Deus, isto é, do fundamento rochoso, da Realidade irreduzível de que dependem todas as outras realidades, é absurdo perguntar se podia ser de outro modo. Ele é O que é, e o assunto tem assim um fim.

Mas independentemente disso, encontro uma dificuldade na idéia de o Pai gerar muitos filhos desde toda a eternidade. **Para que fossem muitos deveriam ser de algum modo diferentes uns dos outros.** Duas moedas de um dólar têm a mesma forma. Como são duas? Por ocuparem diferentes lugares e conterem diferentes átomos. Em outras palavras, para as conceber diferentes, tivemos que nos referir ao espaço e à matéria; tivemos, de fato, que nos referir à "natureza" ou ao universo criado. Posso entender a distinção entre o Pai e o Filho, sem fazer apelo ao espaço e à matéria, porque um gera e o outro é gerado. A relação do Pai para com o Filho não é a mesma relação que a do Filho para com o Pai. Mas se houvesse vários filhos, todos seriam relacionados uns com os outros e com o Pai do mesmo modo. **Como difeririam entre si?** Não se percebe a dificuldade à primeira vista, sem dúvida. Julga-se que se pode conceber a idéia de vários "filhos". Mas quando penso mais profundamente, vejo que essa idéia me pareceu possível somente porque eu os estava vagamente imaginando como seres humanos reunidos numa espécie de espaço. Em outras palavras, embora eu pretendesse pensar em **algo que devia existir antes que todo universo fosse criado**, eu estava, de fato, introduzindo sub-repticiamente a imagem de um universo e pondo nele o objeto do meu pensamento. Quando deixo de o fazer e procuro ainda pensar no Pai gerando muitos filhos "antes de todos os mundos", vejo que, na realidade, não estava pensando em nada. A idéia se desvanece em puras palavras (**Teria sido a natureza – espaço, tempo e matéria – criada precisamente a fim de tornar possível a pluralidade de seres da mesma espécie? Não haverá, talvez, outro modo de dar existência a muitos espíritos eternos senão criando primeiro muitos seres naturais, num universo, e depois espiritualizando-os.** Mas tudo isso, naturalmente, são conjecturas).

2ª. – A idéia de que todo o gênero humano é, num sentido, uma só coisa, um imenso organismo, como uma árvore, não se deve confundir com a idéia de que as diferenças individuais não têm importância, ou que as pessoas reais, como Tomás, Nobby e Catarina, são de algum modo menos importantes do que as coisas coletivas como classes, raças, etc. É justamente o contrário. As coisas que são partes de um organismo podem ser muito diferentes umas das outras; as coisas que não o são, podem ser muito parecidas. Seis moedas de um dólar são completamente distintas, mas muito parecidas; o meu nariz e os meus pulmões são muito diferentes, mas só podem ficar vivos porque são partes do meu corpo e participam de sua vida, que lhes é comum. O Cristianismo considera os homens, não como simples membros de um grupo ou itens de uma lista, mas como órgãos de um corpo, diferentes uns dos outros e cada um contribuindo com o que falta ao outro. Quando vedes que desejais transformar os vossos filhos, ou alunos, ou mesmo os vossos vizinhos, em pessoas que sejam exatamente como vós, lembrai-vos de que Deus provavelmente nunca os destinou para serem assim. Sois, vós e eles, órgãos diferentes, destinados a executar funções diferentes. Ademais, quando sois tentados a não vos incomodar com os problemas do próximo (porque não são "assuntos de vossa conta"), lembrai-vos de que, embora seja diferente do que sois, ele é parte do mesmo organismo a que pertenceis. Se vos esqueceis de que ele pertence ao mesmo organismo que vós, tornar-vos-eis individualistas. Se vos esqueceis de que ele é um órgão diferente do que sois, se desejais suprimir as diferenças e fazer todos iguais, tornar-vos-eis totalitários. Mas um cristão não deve ser nem totalitário nem individualista.

Sinto uma grande vontade de vos dizer, e suponho que tenhais a mesma vontade de me dizer, qual desses dois erros é o pior. Isso é o demônio que está perto de nós. Ele sempre propaga os erros aos pares no mundo – pares de opostos. E nos estimula a passar um bom tempo pensando em qual deles é o pior. Vedes a razão?... Sem dúvida ele confia em vossa especial aversão de um erro para vos trazer gradativamente ao erro oposto. Mas não nos deixemos enganar. Temos que conservar os olhos fixos em nosso objetivo e ir diretamente a ele, por entre os dois erros, sabendo que os tais não nos oferecem nada de bom em prol daquilo que interessa.

VII – FAÇAMOS DE CONTA

Permiti mais uma vez que comece por apresentar ao vosso espírito duas imagens, ou antes duas histórias. Uma é a história que vós todos lestes chamada "A Bela e a Fera". A moça, como bem sabeis, tinha que se casar com um monstro por certa razão. E se casou. Ela o beijou como se ele fosse um homem. Então, para seu consolo, ele se transformou num verdadeiro homem, e tudo correu bem. A outra história é sobre alguém que tinha que usar uma máscara, máscara que o fazia parecer muito mais belo do que na realidade era. Ele a teve que usar durante anos. Quando a tirou, viu que a sua verdadeira face viera a se amoldar à máscara. Ele era agora realmente belo. O que começara como um disfarce tornou-se realidade. Acho que ambas essas histórias (com a ajuda da imaginação, é claro), podem ajudar a fazer compreender o que tenho para dizer neste capítulo. Até agora tenho procurado descrever os fatos: o que Deus é e o que Ele fez.

Quero agora falar de algo prático: O QUE FAREMOS NÓS? Que diferença produz toda essa [complicada] teologia? Pode começar a produzir uma [grande] diferença *esta* noite. **Se estais tão interessados ao ponto de ter chegado a ler este livro até este ponto**, estareis provavelmente bastante interessados em fazer uma tentativa de orar, e assim, sejam quais forem as orações que fareis, haveis provavelmente de rezar a oração dominical. [O "Pai Nosso"].

As suas primeiras palavras são *Pai nosso*. Compreendeis AGORA o que estas palavras significam? Elas querem dizer muito abertamente que vos estais colocando no lugar de um filho de Deus. Para o exprimir rudemente, estais vos vestindo *como Cristo*. Se preferis, **fazeis de conta**. Porque, sem dúvida, no momento em que compreendeis o que as palavras significam, compreendeis que não sois um filho de Deus. Não sois um ser como o Filho de Deus, cuja vontade e interesses estão em uníssono com os do Pai: vós sois um amontoado de medos, esperanças, ambições, ciúmes egoístas e presunção, tudo destinado à morte. Assim é que, de um certo modo, este vestir-se como Cristo é um ultrajante fingimento. Mas o mais singular é que **Ele nos mandou proceder assim**.

Por que? Para que serve fingir ser o que não sois? Pois bem, mesmo num nível humano, como sabeis, há duas espécies de imitação. Há uma espécie má, quando a imitação substitui a coisa real, como quando alguém finge que vos vai ajudar efetivamente. Mas há também uma espécie boa, quando a imitação conduz à coisa real. [Por exemplo:] Quando não tendes um sentimento particularmente amistoso, mas sabeis que deveis ter, a melhor coisa que podeis fazer é, muitas vezes, **aparentar um trato amistoso e proceder como se fôsseis uma pessoa melhor do que realmente sois**. Em alguns minutos, como todos podemos testemunhar, estareis realmente com sentimentos mais amistosos do que antes. **O único modo de se obter uma qualidade é, muitas vezes, começar comportando-se como se já a tivéssemos**. Essa é a razão por que os jogos das crianças são tão importantes. **Elas estão sempre fazendo de conta que são adultos, brincando de soldados, de vender. Mas estão todo o tempo desenvolvendo os seus músculos e aguçando o espírito, de modo que a imitação de adultos ajuda-os na realidade a crescer**.

Ora, no instante em que pensais: "Aqui estou eu, vestindo-me como Cristo", é sumamente provável que descobrireis imediatamente algum meio de fazer com que, nesse mesmo instante, a imitação possa tornar-se menos imitação e mais realidade. Encontrareis várias coisas que existem em vosso espírito e que aí não se encontrariam se fôsseis realmente um filho de Deus. Pois bem: dê um fim a essas cousas. Ou podeis lembrar que, em vez de estar em vosso quarto a orar, deveríeis estar noutro lugar escrevendo uma carta, ou ajudando a vossa mulher a lavar a louça. Pois bem: tratai de fazer isso.

Estás vendo o que está acontecendo? O próprio Cristo, o Filho de Deus, que é homem (como vós) e Deus (como o Seu Pai), está de fato ao vosso lado e, nesse momento, começa a transformar **a vossa imitação em realidade**. Isto não é meramente um modo complicado de exprimir que a vossa consciência vos diz o que fazer. Se interrogais simplesmente a vossa consciência, obtereis uma resposta; se vos lembrais de que estais revestidos como Cristo, obtendes uma outra. Há uma porção de cousas em que a vossa consciência podia não ver definitivamente um mal (particularmente, cousas que se passam em vosso espírito), mas que imediatamente vereis que não podeis mais aceitar, se procurais seriamente **ser como Cristo**. Porque não estareis mais simplesmente pensando sobre o que é certo e errado, mas procurais receber **o bom contágio de uma Pessoa**. É mais como o pintar um retrato do que o obedecer a uma série de preceitos. E o mais singular é que, embora, por um lado, seja muito mais difícil do que guardar os preceitos, por outro, é incomparavelmente mais fácil.

[Porque] O verdadeiro Filho de Deus está, pois, do vosso lado. E começa a transformar-vos na mesma espécie de realidade que Ele é. Começa, por assim dizer, a "injetar" a espécie de vida e pensamento que Lhe são próprios, a Sua *Zoe* em vós; começa a transformar o soldadinho de chumbo num homem vivo. **A parte em vós que não gosta disso é a parte que ainda é chumbo.**

Pode parecer a algum de vós que isso seja muito dessemelhante de vossa própria experiência. Podeis dizer: *"Eu nunca tive o sentimento de ser ajudado por um Cristo invisível, mas tenho sido muitas vezes ajudado por outros seres humanos"*. Isso é um pouco como uma mulher na primeira guerra que dizia que, se houvesse falta de pão, isso não afetaria a sua casa porque nela sempre comiam torradas. Se não há pão, não haverá torradas. Se não houvesse auxílio da parte de Cristo, não haveria auxílio da parte de outros homens. Ele age em nós de todos os modos, não apenas pelo que julgamos ser a nossa "vida religiosa". **Ele age pela natureza, pelos nossos próprios corpos, pelos livros, algumas vezes por experiências que parecem (quando ocorrem) anticristãs^(NR5)**. Quando um jovem, que costumava ir à igreja, compreende honestamente que não crê no Cristianismo e deixa de ir – contanto que o faça por uma razão de coerência, e não para molestar os seus pais – o espírito de Cristo estará certamente mais próximo dele do que jamais esteve antes [grande parte dos que freqüentam templos não entendem isso]. **Mas acima de tudo, Ele age em nós pelo nosso próximo.**

Os homens são espelhos, ou mensageiros de Cristo para os outros homens. Algumas vezes mensageiros inconscientes. O "bom contágio" pode ser levado a outros por aqueles que não foram em si mesmos atingidos. Amigos que não eram cristãos ajudaram-me a abraçar o Cristianismo. Mas, ordinariamente, são aqueles que O conhecem que O trazem aos outros^(NR6). Essa é a razão porque a igreja, todo o conjunto de cristãos que O revelam uns aos outros, é tão importante. Poder-se-ia dizer que, quando dois cristãos seguem a Cristo juntos, há não duas vezes mais Cristianismo do que se estivessem separados, mas dezesseis vezes mais.

Mas não vos esqueçais do seguinte. A princípio, é natural no lactante beber o leite materno sem conhecer a sua mãe. É igualmente natural em nós ver a pessoa que nos ajuda sem ver a Cristo por trás dela. Mas não devemos permanecer bebês. Devemos progredir e reconhecer o verdadeiro Doador. É loucura não proceder assim. Porque, se não o fizermos, estaremos pondo a nossa confiança em seres humanos. E isso acaba por derrotar-nos. Os melhores dentre eles equivocar-se-ão; todos eles hão de morrer. Devemos ser gratos a todos quantos nos ajudaram, devemos honrá-los e amá-los. Mas nunca, nunca, depositar toda a vossa fé num ser humano, nem que seja o melhor e o mais sábio do mundo. Há uma porção de cousas interessantes que podeis fazer com areia, mas não tenteis construir uma casa com ela [se não usardes pedra, ferro e cimento, não podereis morar nela].

^(NR5) – Pela natureza, pode significar que “as vinganças de Gaia” (furacões, terremotos, etc.), sejam a forma como Deus age para nos corrigir por meio da Natureza; pelos nossos corpos idem (dores e doenças); pelos livros, através das lições e repreensões chegadas a nós pela palavra escrita; por experiências anticristãs, quando Deus permite que descrenças, medos e até falsas doutrinas se insinuem para depurar e fortalecer a nossa abalada confiança nEle. Lembre que Lewis já havia traduzido tudo isso quando disse que “Deus sussurra pelos prazeres, fala pelas pesquisas e grita pelo sofrimento”.

^(NR6) – A Escola de Aprofundamento Teológico considera CS Lewis como o melhor e mais límpido espelho de Cristo para a Humanidade. Para ela, depois do Novo Testamento, ninguém refletiu Cristo melhor nem foi melhor mensageiro do que Lewis, e isto por méritos do próprio Cristo, presença e regenerador em Lewis.

Começamos a compreender agora sobre o que é que o Novo Testamento está sempre falando. Fala dos cristãos que "nascem novamente"; fala da necessidade de nos revestirmos de Cristo; de um Cristo que "é formado em nós"; de irmos nós a "ter o espírito de Cristo"; [etc.].

Tirai de vossa cabeça a idéia de que isso são apenas modos figurados de dizer que os cristãos devem ler o que Cristo disse e procurar pô-lo em prática, como um homem pode ler o que Platão ou Marx disseram e procurar pô-lo em prática. É muito mais do que isso. Expressam verdadeiramente que uma Pessoa, Cristo, aqui e agora, nesse mesmo quarto onde estais a fazer as vossas orações, realiza cousas por vós. Não se trata de um homem bom que morreu há dois mil anos, mas de um homem vivo, que ainda é um homem tanto quanto vós e ainda é Deus, tanto quanto o era quando criou o mundo. Ele está verdadeiramente presente e age no mais íntimo do vosso ser, matando o velho "eu" natural em vós e substituindo-o por um outro "eu", como Ele o possui. A princípio, apenas por momentos. Depois, por períodos mais longos. Finalmente, se tudo correr bem, transformando-vos permanentemente num ser diferente, num novo pequeno Cristo, num ser que, ao seu modo, tem a vida no nível da vida de Deus, participando do seu poder, alegria, conhecimento e eternidade. Faremos logo duas outras descobertas.

1ª. - Começaremos a notar, muito além de nossos pecados particulares, a nossa pecabilidade; começaremos a nos alarmar não somente sobre o que fazemos, mas sobre o que somos. Isso pode parecer um pouco obscuro, de modo que procurarei torná-lo claro, referindo-se ao meu próprio caso. Quando vou fazer as minhas orações da noite e procuro examinar os pecados do dia, nove vezes em dez, o pecado mais manifesto é algum pecado contra a caridade: estive de mau humor, ou dirigi invectivas, ou fiz zombarias, ou mostrei-me desprezador, eu me enfureci. A desculpa que logo salta ao meu espírito é que a provocação foi muito súbita e inesperada: eu fora tomado de surpresa e não tive tempo de me dominar. Ora, isso pode ser uma circunstância atenuante relativamente a esses atos, que evidentemente seriam piores se fossem deliberados e premeditados. Por outro lado, o que um homem faz quando é tomado de surpresa não é a melhor prova para se saber que espécie de gente ele é? O que sai antes que se tenha tempo de se pôr um disfarce não é a verdade? Se há ratos numa adega é mais provável que os vejais se entrardes nela de repente. Mas a subitaneidade não cria os ratos, apenas os impede de se esconderem. Do mesmo modo, a subitaneidade da provocação não faz de mim um homem mal-humorado, mas apenas mostra o quão mal-humorado eu sou. Os ratos estão sempre lá na adega, mas se ali entraís gritando e ruidosamente, eles terão fugido antes de acenderdes a luz. Evidentemente, os ratos do ressentimento e da vingança estão sempre lá na adega da minha alma.

Ora, essa adega está fora do controle do meu querer consciente. Eu posso até um certo ponto controlar os meus atos, mas não tenho controle direto sobre o meu temperamento. E, se (como disse antes) o que nós somos importa muito mais do que o que fazemos, e se, com efeito, o que fazemos importa principalmente como prova do que somos, segue-se que a mudança pela qual eu mais preciso passar é uma mudança que o meu esforço direto e voluntário não pode efetuar. E isso também se aplica às minhas boas ações. Quantas delas foram feitas pela razão justa? Quantas por medo da opinião pública ou por um desejo de ostentação? Quantas não provêm de uma espécie de obstinação ou sentimento de superioridade, que, em outras circunstâncias, poderiam ter levado igualmente a uma ação muito má? Mas eu não posso, por um esforço moral direto, proporcionar-me novas razões. Compreendemos, depois dos primeiros passos na vida cristã, que todas as cousas de que a nossa alma realmente precisa só podem ser feitas por Deus. Isso nos traz a um ponto que tem sido até agora muito enganador, por força da minha exposição.

2ª. - Tenho falado como se fôssemos nós que fizéssemos tudo. Na realidade, é Deus, evidentemente, que faz tudo. Nós, no máximo, consentimos em que as cousas nos sejam feitas. Num sentido, poderíeis mesmo dizer que é Deus que faz de conta. O Deus tripessoal vê, diante dEle, por assim dizer, um animal humano egoísta, estúpido, murmurador e rebelde. Mas Ele diz: *"Façamos de conta que isso não é uma simples criatura, mas nosso Filho. É semelhante a Cristo, na medida em que é um homem, porque Ele se fez homem. Façamos de conta que também é semelhante a Ele no espírito. Tratemo-la como se fosse o que, de fato, não é. Façamos de conta, a fim de tornarmos a imitação uma realidade"*. Deus olha para vós, como se fosseis um pequeno Cristo; Cristo está ao vosso lado para vos transformar num Cristo. Acredito que essa idéia de uma *imitação divina* pareça a princípio um pouco

estranha. Mas será mesmo tão estranha? **Não é assim que as cousas mais altas elevam as inferiores?** [Perelandra]. Uma mãe ensina o seu filhinho a falar, falando-lhe como se ele pudesse entender, muito antes de que realmente o possa. **Nós tratamos os nossos cães como se eles fossem "quase humanos", e esta é a razão por que eles se tornam, afinal, realmente "quase humanos".**

VIII – É O CRISTIANISMO UMA COUSA FÁCIL OU DIFÍCIL?

No capítulo anterior consideramos a idéia cristã de "revestir-se de Cristo", ou seja, primeiro, "caracterizar-se" como um filho de Deus, a fim de que possais finalmente tornar-vos um verdadeiro filho. O que eu quero deixar claro é que essa não é uma entre várias tarefas que o cristão tem que desempenhar, nem tampouco uma espécie de exercício especial para a turma adiantada. É o todo do Cristianismo. O tudo. **O Cristianismo não tem nada mais a oferecer.** E eu gostaria de mostrar como isso se distingue das idéias correntes de "moralidade" e de "ser bom".

A idéia que, ordinariamente, todos nós fazemos antes de nos tornarmos cristãos é a seguinte. Tomamos como ponto de partida o nosso "eu" comum, com os seus vários desejos e interesses. Admitimos então que algo mais (chame-se a isso "moralidade", ou "comportamento honesto", ou "o bem da sociedade") tem exigências a fazer a esse "eu": exigências que contrariam os seus desejos. O que entendemos por "ser bom" é atender a essas exigências. Acontece que algumas das cousas que o nosso "eu" comum desejaria fazer são o que chamamos de "erradas"; pois bem, precisamos renunciar a elas. Outras cousas a que o nosso "eu" resistiu, são o que chamamos "certas"; pois bem, temos que pô-las em prática. Mas sempre esperamos que, quando todas as exigências estejam satisfeitas, o pobre "eu" natural tenha ainda alguma oportunidade e algum tempo para prosseguir na sua vida e fazer o que quer. De fato, parecemo-nos muito com um homem honesto que paga os seus impostos. Ele, em verdade, os paga, mas espera que sobrarão o bastante para continuar a viver. Porque ainda tomamos o nosso "eu" natural como ponto de partida.

Enquanto pensarmos desse modo, seguir-se-á provavelmente uma de duas cousas: Ou desistimos de procurar ser bons, ou então nos tomamos realmente muito infelizes. Não vos enganeis, com efeito: se procurais realmente satisfazer a todas as exigências feitas ao vosso "eu" natural, não sobrarão muita coisa para que este possa continuar a viver. Quanto mais obedecéis à vossa consciência, tanto mais a vossa consciência exige de vós. E o vosso "eu" natural, que foi assim votado à fome, impedido e molestado a cada passo, tornar-se-á cada vez mais irritado. Ao final, ou desistireis de ser bons, ou então tornar-vos-eis uma dessas pessoas que, como elas mesmas dizem, "vivem para os outros", mas de um modo insatisfeito e murmurador, sempre estranhando que os outros não o notem mais e sempre se fazendo de mártires. E uma vez que vos tornastes assim, sereis uma desgraça muito maior – para quem quer que tenha [o azar] de conviver convosco – do que sereis se permanecêsseis francamente egoísta.

O espírito cristão é diferente: mais difícil e mais fácil. Cristo diz: "*Dai-me **tudo**. Eu não quero um tanto do vosso tempo, um tanto do vosso dinheiro e um tanto do vosso trabalho; é a vós que Eu quero. Eu não vim atormentar o vosso "eu" natural, mas matá-lo. As minhas medidas não adiantam nada. Eu não quero cortar um ramo aqui e um ramo ali, mas abater toda a árvore. Eu não quero tratar do dente, ou pôr-lhe uma coroa, ou obturá-lo, mas extraí-lo. Cedei todo o seu "eu" natural, todos os desejos que julgais inocentes, e também os que julgais maus, todo o seu equipamento. Dar-vos-ei em troca um outro "eu". De fato, dar-vos-ei a mim mesmo; minha própria vontade tornar-se-á a vossa*".

Este caminho é mais difícil e mais fácil do que aquilo que todos procuramos fazer. Observastes, sem dúvida, que o próprio Cristo descreve às vezes o caminho dos cristãos como muito áspero, e outras vezes como muito fácil. Ele diz: "Tomai a vossa cruz" – comparável, em linguagem moderna, à ida a um campo de concentração para apanhar bordoadas até morrer. De outra feita Ele diz: "Meu jugo é suave e meu fardo é leve." Ele diz as duas cousas muito de propósito. E podemos compreender como ambas são verdadeiras.

Os professores vos dirão que os alunos mais preguiçosos são os que, no final das contas, trabalham mais. Querem dizer o seguinte. Se dais a dois alunos, por exemplo, um teorema de

geometria para demonstrar, aquele que está disposto a trabalhar procurará entendê-lo. O preguiçoso procurará aprendê-lo de cor, porque, no momento, isso requer menos esforço. Mas seis meses mais tarde, quando se preparam para o exame, o aluno vadio gastará horas e mais horas de miserável trabalho em cousas que o outro aluno entende, e positivamente aprecia, em alguns minutos. Vadiação significa mais trabalho no final das contas. Ou vejamos isso de outro modo. Numa batalha, ou na escalada de uma montanha, há muitas vezes uma coisa que exige um bocado de coragem para se fazer, mas é também, no final das contas, a coisa mais segura. Se vos esquivais, achar-vos-eis horas depois num perigo incomparavelmente pior. A covardia é também a coisa mais perigosa.

Aqui também é assim. A coisa temível, a coisa quase impossível, é ceder todo o vosso "eu", todos os vossos desejos e precauções, a Cristo. Mas é incomparavelmente mais fácil do que aquilo que todos nós tentamos fazer. O que tentamos fazer é, com efeito, permanecer [exatamente igual a]o que chamamos "nós mesmos", preservar a felicidade pessoal como o nosso grande objetivo na vida, e ser, contudo, ao mesmo tempo "bons". Procuramos todos deixar que o nosso espírito e coração sigam o seu caminho [desejado], governados pelo dinheiro, ou pelo prazer, ou pela ambição, e esperando, apesar disso, comportarmo-nos honesta, casta e humildemente. E isso foi exatamente o que Cristo nos advertiu, que não se poderia fazer. Como Ele disse, um cardo não pode produzir figos. Se eu sou um campo que não contém senão capim, não poderei produzir trigo. Cortar o capim pode conservar o campo mais limpo, mas continuarei a produzir capim e não trigo. Se quero produzir trigo, a mudança precisa ir mais fundo do que à superfície. Preciso ser [sofrer a dor do] arado e novamente plantado.

Essa é a razão pela qual o problema da vida cristã surge verdadeiramente quando as pessoas de fato não se ocupam dele. Surge no momento mesmo em que vos acordais cada manhã. Todos os vossos desejos e esperanças para esse dia precipitam-se ao vosso encontro como animais selvagens. A primeira ocupação de cada manhã será simplesmente a de expulsá-los, a de escutar essa outra voz, aceitar um outro ponto de vista; deixar que uma outra vida, mais ampla, forte e pacífica se apodere de vós. E assim por diante, durante todo o dia. Recuando de todas as agitações e lamúrias de vossa natureza; recolhendo-vos, ao abrigo dos ventos.

Podemos a princípio fazer isso somente por alguns momentos. Mas desses momentos a nova espécie de vida propagar-se-á através de todo o nosso ser, porque deixamos então que ela trabalhe em nós onde convém. É a diferença entre a pintura que se põe meramente na superfície e o tingir ou colorir que embebe completamente a coisa. Jesus nunca falou vagamente, imaginariamente. Quando dizia: "Sede perfeitos", queria significar o que as palavras exprimem. Significava que precisamos submeter-nos a um tratamento completo. É difícil; mas o meio-termo que nós gostaríamos de conseguir é ainda mais difícil – de fato, é impossível. Pode ser difícil um ovo transformar-se em pássaro, mas lhe seria muitíssimo mais difícil aprender a voar enquanto continua sendo ovo. Somos como ovos, atualmente^(NR7). Não podemos, contudo, continuar indefinidamente a ser um honesto e simples ovo. Precisamos ser chocados, ou iremos gorar.

Permitis que volte ao que antes dizia? Isso é todo o Cristianismo. Não há mais nada. E é muito fácil de enganar-se a este respeito. É cômodo pensar que a Igreja tem uma quantidade de diferentes objetivos: educação, construção, missões, serviços de assistência. É fácil, do mesmo modo, pensar que o estado tem uma quantidade de diferentes objetivos: militar, político, econômico, e não sei mais o quê. Mas, num certo sentido, as cousas são muito mais simples. O Estado existe simplesmente para promover e proteger a felicidade comum dos homens nesta vida. Um marido e sua mulher que conversam livremente, uma dupla de amigos que joga uma partida de dardos numa taverna, um homem que lê um livro num quarto que lhe pertence, ou que planta num jardim que é seu, eis para que existe o Estado. E a não ser que se esteja aumentando, prolongando e protegendo esses momentos, todas as leis, parlamentos, exércitos, tribunais, polícia, economia, tudo enfim, são simplesmente uma perda de tempo. A Igreja não existe, do mesmo modo, a não ser para levar os homens a Cristo, para deles fazer pequenos Cristos. Se não acontece isso, todas as catedrais, clero, missões, sermões, orações e a própria Bíblia, serão simplesmente uma perda de tempo. Deus não se fez Homem para outro fim.

^(NR7) – Lewis certamente extraiu a ideia de sermos ovos do famoso conto de *Humpty Dumpty*.

Pode-se mesmo duvidar, com efeito, se o mundo todo teria sido criado para outro fim. Diz-se na Bíblia que todo o universo foi feito para Cristo e que tudo se deve concentrar nEle. Não creio que algum de nós possa compreender como isso sucederá relativamente a todo o universo. Não sabemos o que vive (se alguma coisa vive) em porções dele que distam milhões [ou bilhões] de quilômetros da Terra. Mesmo na Terra, não sabemos como se aplica às coisas não racionais. Isso, afinal, é o que podíamos esperar. Conhecemos o plano somente na medida em que nos diz respeito.

Gosto algumas vezes de imaginar que eu posso compreender como este plano se aplicaria às outras coisas. Julgo que posso compreender como os animais superiores são, num certo sentido, elevados à condição humana, quando este os ama e os faz (como acontece) muito mais próximos do homem do que seriam sem isso. Posso mesmo perceber um sentido em que as “coisas mortas” e as plantas se elevam à condição do homem, quando este as estuda, utiliza-as e as admira. Se houver criaturas inteligentes em outros mundos, elas poderiam fazer o mesmo com o mundo que lhes pertence. Poderia ser que, quando as criaturas inteligentes entram em Cristo, elas tragam, por isso mesmo, todas as outras coisas consigo [Atos 16,31]. Mas eu não sei, é apenas uma conjectura.

Aquilo que nos foi dito é como nós homens podemos aderir a Cristo, tornando-nos parte do maravilhoso dom que o jovem Príncipe do Universo quer oferecer ao Seu Pai, presente que é Ele mesmo e, por isso, *nós* nEle. É o único fim para o qual fomos criados. E há na Bíblia singulares e animadoras insinuações de que, quando estivermos assim unidos a Cristo, muitas outras coisas na natureza começarão a ser como deviam. O pesadelo terá passado: será [uma nova] manhã.

IX – CALCULANDO O CUSTO [O Deus dentista]

Noto que incomodou a muitos o que eu disse no capítulo anterior sobre as palavras de nosso Senhor: "Sede perfeitos". Parece que alguns pensam que isso significa: "A não ser que sejais perfeitos, não vos ajudarei". Ora, como não podemos ser perfeitos, se Ele quisesse dizer isso, a nossa posição seria desesperadora. Não penso, contudo, que Ele quisesse dizer isso, mas sim: "A única ajuda que vos prestarei é para que vos torneis perfeitos. Podeis querer algo inferior a isso, mas não vo-lo concederei".

Deixai-me explicar. Quando eu era criança, tinha muitas vezes dor de dentes, e sabia que se o dissesse à minha mãe ela me daria alguma coisa que extingiria a dor por uma noite, e me deixaria dormir. Mas eu não dizia à minha mãe, ao menos até que a dor se tornasse muito forte. E a razão por que não o dizia era a seguinte. Não duvidava que ela me daria uma aspirina, mas sabia que ela também faria algo mais. Sabia que ela me levaria ao dentista na manhã seguinte. Não podia conseguir dela o que eu queria sem conseguir algo mais que eu não queria. Eu queria um alívio imediato para a dor, mas não o podia obter sem pôr os meus dentes definitivamente em ordem. E eu conhecia os dentistas, sabia que eles começam por examinar toda a sorte de dentes, mesmo os que ainda não começaram a doer. Não deixariam nada como estava; se lhes dais a mão, tomam-vos o braço.

Ora, se assim me posso exprimir, nosso Senhor é como os dentistas. Se Lhe dais a mão, tomam-vos o braço. Muita gente vai a Ele para ser curada de um determinado pecado de que se envergonha (como a masturbação [em público] ou a covardia física), ou que está claramente arruinando as suas vidas (como o mau humor ou a embriaguez). Pois bem, Ele os curará disso, não há dúvida, mas não parará aí. Isso pode ser tudo o que pedis, mas desde que apelastes para Ele, **Ele vos aplicará o tratamento completo.**

Essa é a razão por que Ele advertia que se "avaliasse o custo", antes de alguém se tornar cristão. "Não vos enganais", diz Ele, *"se me deixais, tornar-vos-ei perfeitos. Desde o momento em que vos abandonais em minhas Mãos, essa é a razão por que estais nelas. Nada menos do que isso. Sois livres e, se preferis, podeis repelir-Me. Mas, se não Me repelis, compreendei que levarei a cabo este serviço da tornar-vos perfeitos. Por maiores sofrimentos que isso vos custe em vossa vida terrena, por mais inconcebível que seja a purificação que isso vos custe depois da morte^(NR8), por mais que isso custe a Mim, não descansarei, nem vos deixarei descansar, até que estejais literalmente perfeitos – até que meu Pai possa dizer sem restrição que está muito satisfeito convosco, como disse que estava muito satisfeito comigo. Isso posso fazer e o farei. Não farei nada inferior a isso"*.

Contudo – este é o outro lado igualmente importante da questão – este Auxiliador que, na contagem final, não ficará contente com nada menos do que a perfeição absoluta, também se alegrará com o primeiro esforço, fraco e hesitante, que fizerdes amanhã para cumprir o dever mais simples. Como observou um grande escritor cristão (George MacDonald), *"todo pai se alegra com a primeira tentativa do bebê para andar, mas nenhum pai ficaria contente com nada menos que um passo firme, livre e viril num filho adulto"*. Diz ele igualmente: "É fácil agradar a Deus, difícil é contentá-Lo".

A conclusão prática é a seguinte. Por um lado, a divina exigência de perfeição não vos deve desanimar *em nada* em vossas tentativas presentes para serdes bons, ou mesmo em vossos presentes fracassos. Cada vez que cairdes, Ele vos soerguerá. Ele sabe muito bem que por vossos esforços nunca vos aproximariéis da perfeição. Por outro lado, deveis compreender desde o princípio que o fim para o qual Ele vos começa a guiar é a perfeição absoluta, e nenhum poder neste mundo, a não ser vós mesmos, poderá impedi-LO de vos levar àquele fim. Esta é a razão pela qual existis. E é muito importante que compreendais isto. Se não o fizerdes, muito provavelmente começareis a recuar e a resistir a Ele, depois de um certo ponto. Penso que muitos dentre nós, quando Cristo nos capacita a vencer um ou dois pecados que nos incomodavam, inclinamo-nos a achar (embora não o confessemos por palavras) que já somos suficientemente bons. "Ele fez tudo o que queríamos, e agora ficaríamos agradecidos se Ele nos deixasse em paz". Como dizemos: *"Eu nunca pretendi ser um santo; eu queria apenas ser um cara direito"*. E quando falamos assim, pensamos que estamos sendo humildes.

Mas isso é um engano fatal. Sem dúvida, nunca desejamos, nem pedimos para sermos transformados na espécie de criaturas em que Ele nos vai transformar. Mas o problema não é o que nós mesmos queremos ser, e sim o que Ele quis que fôssemos, quando nos criou. Ele é o inventor, nós somos apenas a máquina. Ele é o pintor, nós somos apenas o quadro. Como poderíamos saber o que Ele pretende que nos tornemos? Como sabeis, Ele já nos fez muito diferentes do que éramos. Há muito tempo, antes de termos nascido (quando estávamos no ventre materno), passamos por vários estágios. Fomos primeiro um pouco como vegetais e, depois, um pouco como peixes; foi somente num estágio posterior que nos tornamos como crianças humanas. **Se tivéssemos tido consciência desses estágios primitivos^(NR9)**, é possível que nos sentiríamos muito satisfeitos de permanecer como vegetais ou peixes, sem querer transformar-nos em bebês. Mas Ele, por todo o tempo, conhecia o Seu plano com relação a nós e estava decidido a realizá-lo. E agora alguma coisa semelhante está acontecendo em plano mais elevado. Pode ser que fiquemos satisfeitos em permanecer o que chamamos "gente comum", mas Ele está decidido a executar um plano muito diferente. Retrair-se desse plano não é humildade, mas preguiça e covardia. Submeter-se a ele não é presunção, mas obediência.

^(NR8) – Esta expressão foi propositalmente suprimida das demais traduções que este livro recebeu no Brasil. Certamente movida pela manipulação proselitista que não permitiria a totalidade do pensamento de Lewis, o qual se levanta contra a doutrina das igrejas ligadas às editoras da obra por admitir a salvação após a morte física (contrária ao protestantismo mais superficial brasileiro e a favor da doutrina do Purgatório). Porém, se o leitor for em frente, poderá ver Lewis defender tal coisa noutros livros, como em "The Great Divorce" ou em "Cartas a Malcolm".

^(NR9) – A vasta polissemia lewisiana que permite recuar no longo passado da alma humana não significa que tenha havido reencarnação, pois isto não foi ordenado a homens (Hb 10,27). A "demorada" criação da alma provavelmente a fez passar por inúmeras formas do verbo existir, as quais podem ser ilustradas por estes diversos "estágios primitivos" pelos quais os bebês humanos atravessam. Esta descoberta realça o valor estratégico do Purgatório como último estágio antes de termos um corpo "como o do Senhor Ressuscitado".

Eis aqui um outro modo de exprimir os dois aspectos da verdade. Por um lado, nunca devemos imaginar que podemos confiar exclusivamente em nossos próprios esforços para nos conduzir, mesmo pelas próximas vinte e quatro horas, como gente "honesta". Se Ele não nos ajudar, **nenhum de nós** estará a salvo de cometer algum **grande pecado**. Por outro lado, nenhum dos graus de santidade ou heroísmo que têm sido referidos na vida dos maiores santos estão para além do que Ele decidiu realizar em todos nós, no final. **Este trabalho não se completará nesta vida, mas Ele pretende nos levar tão longe quanto possível antes da morte.**

Essa é a razão por que não nos devemos nos surpreender quando passamos por momentos difíceis. Quando alguém se volta para Cristo e parece que começa a viver bastante bem (no sentido de que alguns de seus maus hábitos foram corrigidos), julga muitas vezes que seria então natural que as cousas corresse suavemente. Quando surgem os problemas – doenças, dificuldades financeiras, novas espécies de tentação – fica desapontado. Acha que essas cousas podiam ter sido necessárias para soerguê-lo e fazê-lo arrepender-se em seus maus dias passados... mas por que novamente?... **Porque Deus o está forçando a continuar, ou a subir a um nível mais elevado, colocando-o em situações em que deverá ser muito mais bravo, ou mais paciente, ou mais amoroso do que jamais pensara.** Parece-nos tudo desnecessário, mas é porque ainda não tivemos a mais leve idéia do extraordinário ser em que Ele nos quer transformar.

Preciso tomar emprestada outra parábola a George MacDonald. Imaginai-vos como uma casa viva. Deus entra nela para reconstruí-la. No princípio, podeis talvez entender o que Ele está fazendo. Está arrumando o encanamento e tapando as goteiras no telhado, e assim por diante; sabíeis que esses serviços precisavam ser feitos e não vos surpreendeis. Mas depois, Ele começa a bater por toda a casa de um modo que fere terrivelmente e não parece ter sentido. O que Ele estaria a fazer? A explicação é que Ele está construindo uma casa muito diferente da que pensáveis – edificando uma nova sala aqui, levantando um outro andar acolá, projetando torres, fazendo pátios. Pensáveis que viríeis a ser uma pequena e decente cabana, mas Ele está construindo *um palácio*, em que Ele mesmo pretende vir morar.

O preceito "Sede perfeitos" não é uma prosa de idealista. Nem é uma ordem impossível. Ele nos transforma em seres que podem obedecer a esta ordem. Disse Ele (na Bíblia) que somos "deuses", e realizará as Suas palavras. Se nós Lhe permitirmos, pois podemos impedi-lo, se assim o quisermos, Ele fará do mais fraco e do mais imundo dentre nós um deus ou deusa, um ser deslumbrante, radioso, imortal, palpitando eternamente com uma energia, contentamento, sabedoria e amor, que nem de longe podemos agora imaginar; um espelho brilhante e sem manchas que reflete perfeitamente para Deus (embora, naturalmente, numa escala menor) o Seu próprio poder, bondade e felicidade infinitas. O processo será lento e com freqüência muito doloroso, mas é para isso que vivemos. Para nada menos Ele quis dizer o que disse.

X – BOA GENTE OU HOMENS NOVOS?

Ele quis dizer o que disse. Aqueles que se põem em suas Mãos tornar-se-ão perfeitos, como Ele é perfeito no amor, na sabedoria, na alegria, na beleza, na bondade. A transformação não será completa nesta vida, porque a morte é uma parte importante do tratamento. Até aonde irá nesta vida essa transformação em cada cristão é incerto.

Acho que é este o momento oportuno para considerar um problema que com freqüência se propõe: *se o Cristianismo é verdadeiro, por que não são todos os cristãos evidentemente melhores do que todos os não-cristãos?* O que se esconde por trás desse problema é em parte muito razoável, mas em parte absolutamente improcedente. O razoável é o seguinte. Se a conversão ao Cristianismo não torna melhores as ações exteriores do homem, se este continua a ser tão arrogante, ou odioso, ou invejoso, ou ambicioso como era antes, penso que se deve suspeitar que a sua "conversão" foi em grande parte imaginária; e cada vez, depois da nossa primitiva conversão, que pensamos ter progredido, tal é o teste a aplicar. Belos sentimentos, novas luzes, maior interesse pela "religião", nada disso significa nada, a não ser que tornem melhor o nosso comportamento; assim como numa doença,

o "sentir-se melhor" não é grande cousa, se o termômetro mostrar que a vossa temperatura continua em ascensão. Neste sentido, o mundo não-cristão tem toda a razão em julgar o Cristianismo por seus resultados. Cristo nos disse que julgássemos pelos resultados: *Conhece-se uma árvore por seus frutos*, ou, como se diz, só a experiência comprova. Quando nós cristãos nos comportamos mal, ou deixamos de nos comportar bem, tornamos o Cristianismo incrível para o mundo não-cristão. **Os cartazes do tempo da guerra diziam-nos que as conversas descuidadas podiam custar vidas. É igualmente verdadeiro que vidas descuidadas custam conversas.** Nossas vidas descuidadas põem o mundo não-cristão a falar e lhe damos razões para falar, de um modo que lança a dúvida sobre a veracidade do próprio Cristianismo.

Mas há outro modo, inteiramente ilógico, em que o mundo não-cristão pode nos pedir resultados, exigindo não apenas que a vida de cada um que se converte deva melhorar, mas ainda (como condição para aceitarem o Cristianismo) que todo o mundo fosse claramente dividido em dois campos, o cristão e o não-cristão, sendo todos os cristãos, em qualquer momento de suas vidas, melhores do que todos os não-cristãos. Isso é desarrazoado por muitos motivos.

1.º - **Em primeiro lugar, a situação no mundo real é muito mais complicada do que se supõe.** O mundo não é formado de cristãos e não-cristãos que o sejam cem por cento. Há pessoas (e são muitas), que paulatinamente deixam de ser cristãs, mas ainda se denominam por este nome; alguns até são eclesiásticos. Há outras pessoas que se tornam paulatinamente cristãs, embora ainda não se denominem assim. Há pessoas que não aceitam integralmente a doutrina cristã sobre Cristo, mas que são tão fortemente atraídas por Ele que se pode dizer que são dEle num sentido muito mais profundo do que elas mesmas possam entender. Há pessoas de outras religiões que são conduzidas por uma secreta influência de Deus, no sentido de se concentrarem naquelas partes de suas religiões que estão em acordo com o Cristianismo, e que pertencem assim a Cristo sem o saberem. Um budista, por exemplo, de boa vontade, pode ser conduzido no sentido de se concentrar cada vez mais na doutrina budista sobre a misericórdia e deixar na sombra (embora possa ele dizer que crê) o ensinamento budista sobre outros pontos determinados. Esta pode ter sido a situação de muitos dentre os bons pagãos, muito antes do nascimento de Cristo. E há sempre, sem dúvida, muitas e muitas pessoas que são espiritualmente confusas e têm um amontoado de crenças inconsistentes, reunidas aleatoriamente. Conseqüentemente, não é muito recomendável procurar formar juízos sobre cristãos e não-cristãos em geral. É de alguma utilidade comparar gatos e cachorros, ou mesmo homens e mulheres em geral, porque aí sabemos com precisão do que se trata. Ademais, um animal não se transforma (seja lenta ou rapidamente) de um gato num cão. Mas quando comparamos os cristãos em geral com os não-cristãos em geral, **não pensamos ordinariamente em pessoas reais que de algum modo conheçamos**, mas somente em duas idéias vagas que haurimos de novelas e jornais. Se quiserdes comparar o mau cristão e o bom ateu, deveis pensar em dois exemplos vivos que realmente encontrastes. A não ser que encaremos os fatos deste modo, estaremos apenas perdendo tempo.

2.º - Suponhamos que encaremos os fatos e falamos agora não de um Cristianismo e de um não-Cristianismo imaginários, mas de duas pessoas reais de nossa própria convivência. Mesmo assim devemos ser cautelosos, a fim de formular bem o problema. Se o Cristianismo é verdadeiro, seguir-se-á que: a) qualquer cristão será melhor do que seria se não fosse cristão; b) todo aquele que se tornar cristão será melhor do que era antes. Do mesmo modo, se as propagandas da pasta dental "Sorriso Alvo" são verdadeiras, seguir-se-á que: a) qualquer um que a use terá melhores dentes do que teria se não a usasse; b) se alguém começar a usá-la, os seus dentes melhorarão. Mas dizer que eu, que uso "Sorriso Alvo" (e ao mesmo tempo herdei dentes ruins de pai e mãe) não tenho uma dentadura tão bela quanto a de um negro, jovem e sadio, que nunca usou nenhuma pasta dental, não prova só por si que as propagandas sejam falsas. A Sra. Bates, que é cristã, pode ter uma língua menos amável do que Dick Firkin, que é descrente. Isso, só por si, não nos diz se o Cristianismo funciona nas pessoas. O problema é: o que seria a língua da Sra. Bates se ela não fosse cristã, e o que seria a de Dick, se este se tornasse cristão. A Sra. Bates e Dick, como conseqüência de causas naturais e da primeira [fase da] educação, têm certos temperamentos. O Cristianismo propõe colocar esses temperamentos sob uma nova direção, se o permitirem. O que tendes o direito de perguntar é se essa direção, desde que empossada, melhora a empresa. Todos sabem que o que se dirige no caso de Dick Firkin é muito "melhor" do que o que se

dirige no caso da Sra. Bates. Não é isso que importa. Para se julgar a direção de uma fábrica, deve-se considerar não apenas a produção mas também a instalação. Considerando a instalação [precária da] fábrica A, ela produzir alguma coisa é admirável; considerando a instalação de primeira classe da fábrica B, o seu rendimento, embora elevado, pode ser muito mais baixo do que se podia esperar. Não há dúvida de que o bom administrador da fábrica A vai instalar nova maquinaria logo que lhe seja possível, mas isso leva tempo. Nesse ínterim, o baixo rendimento não prova que ele é um fracasso.

3.º - Aprofundemos agora um pouco mais o assunto. O administrador vai instalar uma nova maquinaria; Com efeito, Cristo não deixará a Sra. Bates antes que ela se torne "ótima". Mas se deixarmos o problema nestes termos, parecerá que a única finalidade de Cristo era a de elevar a Sra. Bates ao mesmo nível em que Dick sempre esteve. Temos, de fato, falado como se ao Sr. Dick nada faltasse, ou como se o Cristianismo fosse algo de que as pessoas antipáticas têm necessidade e que as pessoas simpáticas possam dispensar, como se essa bondade natural fosse tudo o que Deus pede. Isto seria um engano fatal. A verdade é que, aos olhos de Deus, Dick Firkin precisa de "salvação" tanto quanto a Sra. Bates. Num sentido (direi dentro em pouco em que sentido), a bondade natural quase não vem ao caso.

Não se pode esperar que Deus olhe para o plácido temperamento de Dick e sua disposição amistosa tal como nós o fazemos. Eles são o resultado de causas naturais criadas pelo próprio Deus. Sendo uma cousa meramente temperamental, desaparecerá completamente se a digestão de Dick se alterar. Essa boa disposição é, com efeito, um dom de Deus feito a Dick, não um dom de Dick feito a Deus. Permitiu Deus, do mesmo modo, que as causas naturais, agindo num mundo corrompido por séculos de pecado, produzissem na Sra. Bates o espírito estreito e o gênio altercador que são os maiores responsáveis pelo seu temperamento. Deus pretende, quando chegar o tempo por Ele determinado, corrigir essa parte deficiente de sua criatura. Mas esse não é para Deus o ponto nevrálgico do problema. Nem apresenta dificuldades. Não é o que Lhe incomoda. O que Ele está vigiando e esperando, e trabalhando por conseguir, **é algo que não é fácil nem mesmo para Deus**, porque, pela natureza do caso, mesmo Ele não o pode produzir por um mero ato de Seu poder. E Ele o está aguardando e anelando em ambos, tanto na Sra. Bates como em Dick Firkin. É algo que estes Lhe podem dar livremente ou livremente recusar-lhe: Converter-se-ão para Deus, preenchendo assim o único fim para o qual foram criados? ["This is the question"].

A vontade livre que possuem oscila dentro deles como a agulha de uma bússola. Mas esta é uma agulha que pode escolher. Ela *pode* apontar para o seu verdadeiro Norte, mas não é forçada a isso. Balouçará a agulha e parará apontando para Deus?

Deus a pode ajudar, mas não forçar. Não pode, por assim dizer, estender a sua Mão e arrastá-la para a verdadeira posição, porque então ela deixaria de ser livre. Apontará para o Norte? Este é o problema de que tudo depende. Oferecerão a Sra. Bates e Dick as suas naturezas a Deus? O problema de se a natureza que eles oferecem ou retêm é, no momento, simpática ou antipática, é de importância secundária. Deus pode cuidar dessa parte da questão.

Não me entendais mal. Evidentemente, Deus considera uma natureza antipática uma cousa que é má e deplorável. E olha, igualmente, para uma boa natureza como uma cousa boa, boa como o pão, a luz do sol ou a água. Mas essas são cousas boas que Ele dá e nós recebemos. Ele criou os nervos fortes e a boa digestão de Dick, e dispõe de muitas outras coisas para repartir. O quanto podemos julgar, **não custa nada a Deus criar cousas boas, mas converter vontades rebeldes custou-lhe a crucificação.**

Por possuírem uma vontade livre, esta pode, tanto nas pessoas bem dotadas quanto nas pessoas miseráveis, recusar o que Ele pede. Neste caso, a bondade em Dick, que é meramente uma parte da sua natureza, acabará por destruir-se. A natureza é, em si mesma, passageira. As causas naturais operam em Dick para fazer dele um exemplar psicológico agradável, tal como operam num pôr de sol para fazer uma agradável combinação de cores. Mas logo (pois assim é que a natureza age) essas causas dissociar-se-ão e o resultado em ambos os casos desaparecerá. O Sr. Dick teve a oportunidade de transformar (ou antes, de permitir que Deus transformasse) essa momentânea combinação na beleza de um espírito eterno, e ainda não a aproveitou.

Há um paradoxo aqui. Enquanto Dick não se converte para Deus, julga que é ele próprio o princípio da sua bondade, e é justamente enquanto assim pensar que esta não é sua. É só quando Dick

compreende que a sua bondade não é sua, mas um dom de Deus, e quando a restitui a Deus, que ela começa realmente a ser sua. Dick começará, então, com efeito, a participar da sua própria criação. As únicas cousas que podemos guardar são as que livremente damos a Deus. O que procuramos conservar para nós mesmos é precisamente o que, com toda a certeza, perderemos.

Não devemos, por isso, surpreender-nos quando encontramos entre os cristãos pessoas que ainda são antipáticas. E há de fato uma razão pela qual se deve esperar que as pessoas antipáticas se convertam em maior número do que as pessoas que não o são. Foi o que se objetava a respeito de Cristo durante a Sua vida terrena. Ele parecia atrair "gente terrível". É o que ainda se objeta e sempre se haverá de objetar. Não vedes por quê? Cristo disse: "Bem-aventurados os pobres", e "Como é difícil para os ricos entrar no reino!". Não há dúvida de que Ele se referia *em primeiro lugar* aos que são ricos e pobres economicamente. Mas não se aplicam também as Suas palavras a uma outra espécie de riqueza e de pobreza?... Um dos perigos de se ter muito dinheiro é o de **ficar inteiramente satisfeito com a variedade de prazeres que o dinheiro pode proporcionar** e assim não vir a compreender a necessidade que se tem de Deus. Se nos parece que tudo se obtém só com o assinar de cheques, pode-se esquecer que somos a cada instante inteiramente dependentes de Deus. **Ora, os dons naturais trazem consigo, evidentemente, um perigo semelhante.** Se tendes nervos fortes, inteligência, saúde, popularidade, uma boa educação, inclinar-vos-eis provavelmente a ficar plenamente satisfeitos com o vosso caráter tal como ele é. E podeis perguntar: "Por que importunar-nos com Deus?". Um certo nível de boa conduta torna-se-vos bastante fácil. Não sois uma dessas criaturas desventuradas sempre dominadas pela sexualidade, ou pelo alcoolismo, ou pela neurose, ou pelo mau humor. Todos vos elogiam e (aqui entre nós) concordais com eles. Inclinais-vos muito provavelmente a crer que toda essa bondade é um feito vosso e facilmente pode ser que não sintais a necessidade de uma bondade superior. Com freqüência, é impossível levar as pessoas que são dotadas desses tipos naturais de bondade a reconhecerem a necessidade que têm de Cristo, até que, um dia, essa bondade natural os deixa na mão e o contentamento que tinham de si próprios é destruído. Em outras palavras, é difícil para os que são "ricos" neste sentido, entrar no reino.

Isso não se passa com as pessoas antipáticas (ou as pessoas de condição humilde, tímidas, deformadas, desanimadas ou solitárias, ou as apaixonadas, sensuais, desequilibradas). Se fazem algum esforço para se tornarem boas, aprendem num tempo duas vezes mais rápido que precisam de auxílio. E para elas é Cristo ou nada. É tomar a cruz e seguir, ou então desesperar. São as ovelhas perdidas. Ele veio especialmente para buscá-las. **Elas são, num sentido muito real e terrível, os "pobres".** Ele as abençoou. São a "turma terrível" que Ele procura; e sem dúvida, os fariseus ainda dizem, como disseram desde o princípio: "Se algo houvesse no Cristianismo, essas pessoas não seriam cristãs".

Há aqui ou um aviso ou um encorajamento para cada um de nós. Se sois uma pessoa simpática, **se a virtude vos é fácil, tende cuidado!** Espera-se muito daqueles aos quais muito foi dado. Se tomais por méritos próprios os que são realmente dons que Deus vos fez através da natureza e **se vos contentais com serdes bons, ainda sois um rebelde e todos esses dons apenas tornarão mais terrível a sua queda, a vossa corrupção mais complicada, o vosso mau exemplo mais desastroso. O demônio foi outrora um arcanjo; os seus dons naturais superavam os vossos tanto quanto os vossos superam os de um chimpanzé** [ou os de uma barata, já que somos imensuravelmente inferiores aos anjos].

Mas se sois uma pobre criatura, envenenada por uma educação má num lar cheio de ciúmes vulgares e absurdas querelas, carregado, não por vossa própria vontade, por alguma detestável perversão sexual, importunado dia a dia por um complexo de inferioridade que vos faz difamar os vossos melhores amigos, não desespereis. Ele conhece tudo. Sois um dos pobres aos quais Ele abençoou. **Ele conhece a máquina estragada que tentais dirigir. Prossegui. Fazei o que puderdes. Um dia (talvez num outro mundo, talvez muito antes), Ele a lançará ao ferro velho e vos dará outra.** Podeis então espantar-nos a todos, não menos do que a vós, porque aprendestes numa dura escola (alguns dos últimos serão os primeiros e alguns dos primeiros serão os últimos).

A "bondade natural", uma personalidade sadia e integrada, é uma coisa excelente. Devemos procurar por todos os meios ao nosso alcance, medicinais, educacionais, econômicos e políticos, produzir um mundo em que o maior número possível de pessoas cresça "como convém", do mesmo

modo que devemos procurar construir um mundo em que tenham todos abundância de comida. Mas não se deve supor que, mesmo que se conseguisse que todos fossem "bons", salvaríamos as suas almas. Um mundo de boa gente, contente com a sua própria bondade, que não almeja nada mais e está [por isso] esquecida de Deus, estaria tão desesperadamente necessitado de salvação quanto um mundo de criminosos, e poderia ser até mais difícil de salvar.

O mero aperfeiçoamento não é, com efeito, redenção, embora a redenção sempre aperfeiçoe as pessoas mesmo nesta vida, **e as aperfeiçoará, no fim**, em um grau que não se pode imaginar. Deus se fez homem para produzir uma nova espécie de homens, para transformar as suas criaturas em filhos, não para tornar os homens simplesmente melhores em sua natureza. **Não é como ensinar um cavalo a saltar cada vez melhor, mas como transformar um cavalo numa criatura alada. Sem dúvida, uma vez que receba asas, voará sobre obstáculos que nunca poderiam ter sido transpostos e vencerá, assim, o cavalo comum em seu curso natural. Mas pode haver um período, quando justamente as asas começam a crescer, em que não será capaz de proceder desse modo e, neste estágio, as protuberâncias nos ombros – ninguém diria, vendo-as naquela hora, que vão se transformar em asas^(NR10) – podem mesmo lhe dar uma aparência desajeitada.**

Já nos demoramos talvez demais nesta questão.

Se o que quereis é um argumento contra o Cristianismo (e eu bem me lembro com que afínco eu procurava estes argumentos quando comecei a sentir medo de que ele fosse verdadeiro), podeis encontrar facilmente algum cristão tolo e insatisfatório e dizer: "Aí está o vosso apregoador homem novo!? Prefiro a velha espécie!". Mas se começas a ver que o Cristianismo é, por outras razões, provável, ficareis sabendo em vosso coração que isso apenas camufla o problema. O que podeis saber realmente a respeito da alma das outras pessoas, das suas tentações, **das suas oportunidades**, das suas lutas? Só conheceis uma alma em toda a criação e esta é a única **cujas sorte está em vossas mãos**. Se há um Deus, estais, num sentido, [absolutamente] a sós com Ele. Não podeis desvencilhar-vos dEle com especulações sobre os vossos vizinhos ou com recordações do que lestes em livros. Que importará toda essa tagarelice ou rumores (podereis sequer lembrar-vos destas cousas?), quando o anestesiante nevoeiro que se chama "natureza" ou "o mundo real" se desvanecer [diante de vós] e a Presença na qual sempre vos movestes se tornar palpável, imediata e inevitável?

XI – OS NOVOS HOMENS

No capítulo anterior comparei o trabalho de Cristo em produzir Novos Homens com o processo da transformação **de um cavalo numa criatura alada**. Lancei mão desse exemplo extremo para dar ênfase à circunstância de que não se trata de mero aperfeiçoamento, mas de uma transformação. Outro símile que se pode encontrar no mundo sensível são as extraordinárias transformações que se obtêm em insetos, aplicando-se-lhes certos raios. Há quem pense que foi desse modo que a Evolução se processou^(NR11). As alterações nos seres de que ela depende podem ter sido determinadas por raios provenientes do espaço sideral (Certamente, uma vez produzidas essas alterações, o que chamam de "seleção natural" começa o seu trabalho, isto é, as alterações úteis persistem e as outras desaparecem).

^(NR10) – Este estranhíssimo parêntese de Lewis foi considerado o mais importante documento oficial de crença na existência concreta de Nárnia, assinado pelo próprio Lewis, e escrito muitos anos antes de Deus o revelar as Crônicas que encantaram, literalmente, o mundo. Após esta declaração absolutamente surpreendente, a visão do Céu com elementos narnianos passou a formar toda a esperança escatológica dos salvos e a descortinar um Paraíso onde a convivência com animais falantes será tão concreta quanto a historicidade de Jesus de Nazaré.

^(NR11) – Não quer dizer que esta seja a única explicação razoável. A Bíblia dá a idéia de que possivelmente houve uma destruição do mundo. ("*A terra, porém, era [ou, se tornou] sem forma e vazia*" – Gn. 1,2) precedendo a criação atual. Neste caso, a evolução pode ter sido uma realidade no mundo anterior ao nosso e que se revela somente na Geologia através dos fósseis e rochas. Não há ainda qualquer prova de que a diversidade na criação que nós conhecemos veio através da evolução em vez da criação direta descrita na Bíblia. (Nota dos Editores Brasileiros).

Talvez o homem moderno possa entender melhor a idéia cristã relacionando-a com a Evolução. Todos hoje ouviram falar a respeito da Evolução (embora algumas pessoas cultas não a admitam). Todos já ouviram dizer que o homem evoluiu de formas inferiores de vida. Há, por essa razão, quem se ponha a refletir: "Qual será a próxima etapa? Quando surgirá o ser que se esconde por detrás do Homem?". Escritores de ficção tentam às vezes configurar essa próxima etapa, "um super-homem", como o chamam, mas não conseguem nada além de imaginar um ser bem mais antipático do que o homem que conhecemos e, então, procuram remediar a coisa acrescentando-lhe pernas ou braços suplementares. **Mas, suponha-se que a nova etapa venha a ser ainda mais diferente dos primeiros degraus da evolução do que esses escritores jamais sonharam.** E não deveria ser assim? Milhares de séculos atrás, seres colossais, extraordinariamente armados pela natureza, apareceram. Se alguém pudesse observar por aquele tempo o curso da evolução, teria provavelmente esperado que esses seres se apresentassem cada vez mais fortemente armados. Mas ter-se-ia enganado. O futuro tinha um plano secreto que nada, no tempo atual, lhe faria suspeitar. Estavam para surgir animais de pequeno porte, nus e desprotegidos, com melhores cérebros, e com esses cérebros dominariam todo o planeta (^{NR12}).

Não teriam apenas maior poder do que os monstros pré-históricos, mas sim, uma nova espécie de poder. A próxima etapa não seria apenas diferente, mas essa diferença seria de uma nova espécie. A corrente da evolução não continuaria a correr na direção em que o observador a via correndo; ela se aprestava, de fato, para dar uma volta acentuada.

Ora, parece-me que a maior parte das suposições populares sobre a próxima etapa incorre no mesmo erro. Vêem (ou, de qualquer forma, julgam ver) o homem a desenvolver o seu cérebro e estender cada vez mais o seu domínio sobre a natureza. E porque julgam que a corrente flui nessa direção, imaginam que continuará a correr [sempre] nesta mesma direção. Mas **eu** não posso deixar de pensar que a próxima etapa será *realmente nova*; tomará uma direção com que nunca poderíeis ter sonhado. Dificilmente mereceria ser denominada *uma nova etapa*, se não fora assim. **Eu esperaria não apenas uma diferença, mas uma nova espécie de diferença. Esperaria não apenas uma transformação, mas um novo meio de produzir essa transformação.** Ou, para dizer num paradoxo, *esperaria que a próxima etapa da evolução não fosse absolutamente uma etapa da evolução*: esperaria que **a própria evolução, como um processo de produzir transformações, fosse ultrapassada.** Finalmente, não ficaria surpreso se, quando isso sucedesse, **muito poucas pessoas o notassem.**

Pois bem, se quiserdes falar nesses termos, o ponto de vista cristão é precisamente que a próxima etapa já ocorreu. E que é realmente nova. Não é a mudança de homens com cérebro para homens com mais cérebro, mas uma espécie de mudança que toma uma direção inteiramente diferente, a mudança de passar da condição de criaturas de Deus para a de filhos de Deus. O primeiro exemplo ocorreu na Palestina há dois mil anos. Num sentido, essa mudança não é de modo algum "evolução", porque não é uma coisa que surja da série natural dos acontecimentos, mas algo que se introduz na Natureza e não pertencia a ela. **Isso é o que eu esperaria.** Chegamos à ideia de evolução pelo estudo do passado. Mas se há verdadeiras novidades no novo tipo [ou biótipo], a nossa idéia de evolução baseada no passado não explica o ocorrido. Ora, essa nova etapa, de fato, difere *de todas as anteriores*, não apenas por advir *de fora* da natureza, mas por muitas outras razões:

1.º - Não se comunica pela reprodução sexual. Devemos nos surpreender por isso? Houve um tempo em que não havia reprodução sexual; o desenvolvimento prosseguia por outros meios. Poder-se-ia, portanto, esperar que chegasse um tempo em que o sexo desaparecesse, ou então (o que realmente acontece), um tempo em que o sexo, embora continue a existir, deixe de ser o principal veículo de aperfeiçoamento.

(^{NR12}) — Eis aqui a descrição da Evolução propriamente dita, onde "nus e desprotegidos" se refere ao Homem primitivo, em comparação com mamutes e preguiças-gigantes. Lewis também está dizendo que os "monstros bem armados" dos dinossauros foram substituídos por lagartixas e osgas, nuas e indefesas, mas muito mais adaptadas a mudanças climáticas. Como se vê, a Evolução das Espécies não se contrapõe à Revelação da Criação, exceto em mentes bitoladas.

2.º - Nos estágios inferiores, os organismos vivos não tiveram nenhuma oportunidade ou tiveram pouca possibilidade de galgar as novas etapas. O progresso foi, na maior parte, algo que lhes ocorreu, não algo que tivessem realizado. Mas no novo passo, a passagem da condição de simples criaturas para a de filhos, é voluntário. Voluntário, ao menos, num sentido. Não é voluntário no sentido de que de nós mesmos pudéssemos tê-lo escolhido, ou tê-lo sequer imaginado; é voluntário no sentido de que quando nos é oferecida a oportunidade, podemos recusá-la. Podemos, se quisermos, nos retrair, **podemos fincar pé e deixar que a nova Humanidade prossiga sem nós.**

3.º - Chamei a Cristo o "primeiro exemplo" do Novo Homem. Mas, certamente, Ele é muito mais do que isso. Não é meramente um novo homem, um *espécimen* da espécie, mas o Novo Homem. Veio a este universo por Sua própria vontade, trazendo consigo a *Zoe*, a nova vida (quero dizer, *nova* para nós; em sua própria habitação, a *Zoe* sempre existiu). E Ele a transmite não por hereditariedade, **mas pelo que chamei de "o bom contágio"**. Todos os que a recebem, recebem-na por um contato pessoal com Ele. Os homens se tornam "novos" por estarem "nEle".

4.º - Essa nova etapa foi realizada a uma velocidade diferente das anteriores. Comparada com o desenvolvimento do Homem na Terra, a difusão do Cristianismo na raça humana parece andar com a velocidade do relâmpago; dois mil anos são, com efeito, quase nada na história do universo (*nunca percais de vista que somos todos ainda "os cristãos primitivos". As presentes divisões que grassam entre nós, más e ruinosas, são, assim o esperamos, uma doença da infância; estamos ainda na fase de dentição*). **O mundo não-cristão pensa, sem dúvida, exatamente o contrário. Pensa que estamos morrendo de velhice.** Mas também já pensou isso muitas vezes antes. Pensou muitas vezes que o Cristianismo estava a morrer pelas perseguições *de fora, ou pelas corrupções de dentro*; do surto do Maometismo; do surto das ciências físicas; do surto de grandes movimentos revolucionários anticristãos. **Mas todas as vezes o mundo ficou desapontado.** O seu primeiro desapontamento teve lugar com a Crucificação. O Homem voltou novamente à vida. Num sentido – e eu compreendo perfeitamente como isso deve lhes parecer terrivelmente injusto – essa decepção se repete desde então. Não desistem de matar o que Ele começou, e cada vez, justamente quando julgam jogar a terra sobre o seu túmulo, ouvem subitamente [alguém dizer] que Ele ainda está vivo e que apareceu em algum outro lugar. Não é de admirar que O odeiem.

5.º - **Os riscos são maiores. Por retroceder a etapas anteriores, um organismo vivo perdeu, na pior das hipóteses, os seus poucos anos de vida nesta terra, muitíssimas vezes nem isso perdeu. Retroceder, porém, nesse estágio é perder um prêmio que é (no sentido mais rigoroso do termo), infinito. Porque já chegou o momento definitivo.** Século após século, Deus conduziu a natureza até o ponto de produzir criaturas que podem (se o quiserem) *transcender a natureza, transformadas em "deuses"*. [Então, elas] Darão o seu consentimento? De um certo modo, é como a crise do nascimento. Até que nos levantemos e sigamos a Cristo, continuaremos como partes da natureza; continuaremos ainda no ventre de nossa Grande-mãe [Gaia]. *A sua gestação foi longa, dolorosa e ansiosa, mas chegou ao seu clímax.* Chegou o grande momento. Tudo está preparado. O Médico chegou. "Sairá bem" o parto? Difere, contudo, certamente, de um parto comum sob um aspecto importante. **Num parto comum a criança não tem muito o que escolher; neste, ela tem.** Imagino o que faria uma criança comum se pudesse escolher. Poderia preferir ficar na escuridão, no calor e na segurança do ventre. Pois, naturalmente, ela pensaria que o ventre significa segurança. E isso seria precisamente o [grande] erro, porque, se ficasse lá, morreria.

O fato ocorreu de tal modo que o novo passo já foi dado e ainda se dá. Os novos homens já se encontram aqui e ali por toda parte. Alguns, como admiti, ainda são dificilmente reconhecíveis, mas outros se podem reconhecer. Encontramo-los de vez em quando. Os seus próprios rostos e vozes são diferentes dos nossos: mais fortes, mais quietos, mais felizes, mais exultantes. Eles começam onde a maior parte de nós desiste. São, como disse, reconhecíveis, mas deveis saber o que procurais. Não estarão muito de acordo com a idéia de "homem religioso" que formastes através de vossas leituras [e experiências]. Eles não chamam a atenção para si mesmos.

Inclinai-vos a pensar que sois amáveis para com eles, quando na realidade eles é que são amáveis para convosco. Eles vos amam mais do que os outros vos amam, e precisam menos de vós.

(**Precisamos vencer a inclinação de querermos ser necessários**; em algumas pessoas bondosas, *especialmente mulheres*, esta é a tentação mais difícil de resistir). **Eles demonstram normalmente possuir muito mais tempo ao seu dispor, e por isso ninguém sabe de onde lhes vem tanto tempo.** Quando finalmente tiverdes reconhecido algum deles, reconheceréis o próximo que encontrares com muito maior facilidade. E eu suspeito (mas como poderia saber?^{NR13}) que eles se reconhecem um ao outro imediata e infalivelmente, apesar de todas as barreiras de cor, sexo, classe, idade e mesmo de credos. Neste sentido, tornar-se *santo* é um pouco **semelhante a juntar-se a uma sociedade secreta.** Para falar mais simplesmente ainda, deve ser muito divertido.

Não se deve, porém, imaginar que os novos homens sejam, num sentido comum, todos iguais. Muito do que tenho dito neste último livro poderia fazer-vos supor que estivessem destinados a sê-lo. Tornar-se novo homem significa despojar-se do que agora se chama "o nosso eu". Precisamos sair de nós mesmos e entrar em Cristo. **A Sua vontade deve tornar-se a nossa e devemos pensar os Seus pensamentos para "termos a mente de Cristo", como diz a Bíblia.** E se Cristo é um, e se Ele deve estar assim "em" todos nós, não ficaremos exatamente iguais? *Parece* que é assim; mas de fato não é.

É difícil achar aqui uma boa comparação, porque, sem dúvida, nenhuma coisa se relaciona com outra do modo como o Criador se relaciona com qualquer de Suas criaturas. Tentarei, entretanto, duas comparações muito imperfeitas, que poderão dar um vislumbre da verdade. Imaginai algumas pessoas que tenham vivido sempre na escuridão(^{NR14}). Ides a elas e procurais dizer-lhes com que a luz se parece. Poderíeis dizer-lhes que, se elas viessem para a luz, a mesma luz cairia sobre todas elas e todas a refletiriam, tornando-se assim o que chamamos seres visíveis. Não é provável que, já que receberiam a mesma luz e reagiriam a ela do mesmo jeito (isto é, refletindo-a), imaginassem que haveriam de parecer todas iguais?... Nós, contudo, sabemos que a luz, ao contrário, mostrará ou revelará como elas são diferentes! Ou então, supõe uma pessoa que não soubesse absolutamente as propriedades do sal. Vós lhe dais uma pitada para provar e ela experimenta um gosto particular, forte, acre. Dizeis-lhe então que em vosso país usa-se o sal em toda comida. Não observaria ela: "Nesse caso, suponho que todos os vossos pratos têm o mesmo sabor, porque o gosto desse condimento que me destes é tão forte que absorverá o gosto de tudo o mais"? Mas nós sabemos que o verdadeiro efeito do sal é exatamente o contrário: Longe de absorver o gosto do ovo, da pipoca, do repolho, de fato o realça: Esses alimentos não revelam o seu sabor próprio até que se lhes adicione sal (Sem dúvida, como adverti, não é uma comparação muito boa, porque podeis, afinal, absorver os outros sabores, adicionando muito sal, enquanto que é impossível anular o sabor de uma personalidade humana por lhe dar Cristo demais. Faço o melhor que posso [à procura de bons exemplos]).

(^{NR13}) – O fato de Lewis perguntar aqui “como poderia saber algo acerca de um Homem-Novo” leva a duas conclusões inevitáveis: (a) Por um lado, a humildade dele em não se incluir entre os novos Homens; e (b) Por outro lado, a sua tranquila convicção de já fazer parte daquele grupo e ser capaz de reconhecer imediatamente um outro novo Homem não lhe permitiu, até então, saber se os outros novos homens também o reconheceriam de imediato (ele tinha o dom, mas como saber se os outros também têm?)...

(^{NR14}) – Lewis aqui certamente pensava na “Alegoria da Caverna” de Platão.

Passa-se algo assim entre Cristo e nós. Quanto mais tirarmos de nosso caminho o que agora se chama "o nosso eu" e O deixarmos tomar posse de nós, tanto mais encontraremos a nossa verdadeira personalidade. Há tanto dEle que milhões e milhões de "pequenos Cristos", diferentes uns dos outros, são ainda insuficientes para exprimi-lo plenamente. Ele os fez a todos. Ele os inventou, como o autor de uma novela inventa as suas personagens, as personalidades que todos nós somos chamados a realizar. Nesse sentido, o nosso verdadeiro "eu" está à nossa espera nEle. Não adianta procurar preservar a nossa personalidade, sem Ele. Quanto mais Lhe resistirmos e procurarmos viver por conta própria, tanto mais seremos dominados por nossas heranças genéticas, pela educação que recebemos [se é que recebemos], pelas circunstâncias e desejos naturais. O que tão orgulhosamente chamo "o meu eu" torna-se, de fato, meramente o ponto de encontro de uma série de ocorrências a que nunca dei início e a que não posso impedir. O que chamo "os meus desejos" tornam-se meramente os desejos despertados pelo meu organismo físico, ou injetados em mim pelos pensamentos de outros homens, ou mesmo sugeridos pelos espíritos malignos. Ovos, álcool e o descanso de uma noite bem dormida serão a verdadeira origem do que eu exibio como uma decisão altamente pessoal e eletiva de cortejar a moça que se senta à minha frente no vagão do trem. A propaganda será a verdadeira origem do que considero como meus ideais políticos pessoais. Não procedo, no meu estado natural, com tanta personalidade como gosto de supor; e assim, a maior parte do que atribuo a mim pode ser muito facilmente explicado. É só quando me volto para Cristo, quando me entrego à Sua personalidade, que pela primeira vez começo a ter uma verdadeira personalidade própria.

Disse, no início, que havia mais de uma Pessoa em Deus. Irei agora mais longe. Não há verdadeiras pessoas a não ser nEle. Até que Lhe tenhais dado o vosso "eu", não tereis um verdadeiro "eu". Encontra-se muito mais a uniformidade entre os homens "naturais" do que entre aqueles que se entregam a Cristo. *Como foram monotonamente parecidos todos os grandes tiranos e conquistadores; como foram esplendidamente diferentes os santos!*

Mas é preciso que haja uma verdadeira entrega de nosso "eu". Precisais jogá-lo fora "cegamente", por assim dizer. Cristo vos dará, com efeito, **uma personalidade verdadeira**, mas não deveis ir a Ele por essa razão. Enquanto a vossa pessoa é o que vos preocupa, não estais de modo algum indo a Ele. O primeiro passo efetivo neste sentido é procurar esquecer inteiramente o próprio "eu". O vosso verdadeiro e novo "eu" (que é de Cristo e também vosso, e vosso precisamente porque é de Cristo), não aparecerá enquanto o procurardes. Aparecerá quando procurardes a Cristo. Isto vos parecerá estranho? O mesmo princípio vale, como sabeis, para muitos outros negócios na vida. Mesmo na vida social, não fareis uma boa impressão em outras pessoas enquanto não cessardes de pensar na impressão que fazeis. Mesmo na literatura e na arte, ninguém que se preocupe com originalidade será jamais original; contudo, se procurais simplesmente dizer [ou filmar] a verdade (sem vos preocupardes absolutamente com o número de vezes que ela foi dita antes), sereis original nove vezes em dez, sem nunca o terdes percebido. Este princípio penetra toda a vida, inteiramente. Dai-vos, e encontrareis o vosso verdadeiro "eu". Perdei a vossa vida e a salvareis. Submetei-vos à morte, à morte diária das vossas ambições e desejos mais caros, e à morte final de todo o vosso corpo; submetei-vos de todo o coração, e encontrareis a vida eterna. Não retenhais nada. Nada do que tiverdes retido será jamais verdadeiramente vosso. Nada do que em vós não haja morrido ressurgirá da morte. Procurai-vos a vós mesmos, e encontrareis, com o correr do tempo, o ódio, a solidão, o desespero, o rancor, a ruína e a decadência. Mas se procurardes a Cristo, encontrá-Lo-eis, e com Ele, tudo o mais que tiverdes renunciado.

A RAZÃO DO CRISTIANISMO

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da
Editora Cupolo Ltda. R. Seminário, 187 – S. Paulo.
Presente versão em PDF – Escola de Aprofundamento Teológico (EAT).